

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LÍNGUA,  
LITERATURA E INTERCULTURALIDADE – POSLLI

JANNAINA SOARES SILVA REIS FERREIRA

**O APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ EM GERÚNDIO:** uma análise  
sociolinguística do falar vilaboense

Goiás-GO  
2023

JANNAÍNA SOARES SILVA REIS FERREIRA

**O APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ EM GERÚNDIO:** uma análise  
sociolinguística do falar vilaboense

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação *Stricto  
Sensu* em Língua, Literatura e  
Interculturalidade para exame de  
defesa.

Linha de pesquisa: Estudos de  
Língua e Interculturalidade

Goiás-GO  
2023



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data<sup>1</sup>. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

**Dados do autor (a)**

Nome completo Jannaina Soares Silva Reis Ferreira

E-mail jannaina72@gmail.com

**Dados do trabalho Título** O APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ EM  
GERÚNDIO: uma análise sociolinguística do falar vilaboense

**Tipo:**

Tese

Dissertação

**Curso/Programa** Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade

**Concorda com a liberação documento**

SIM

NÃO

<sup>1</sup> Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 08 de maio de 2023

Jannaina Soares Silva Reis Ferreira

Assinatura autor(a)

Marília Silva Vieira

Assinatura do orientador(a)

### CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

F383a Ferreira, Jannaina Soares Silva Reis.  
O apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio : uma análise sociolinguística do falar vilaboense [manuscrito] / Jannaina Soares Silva Reis Ferreira. – Goiás, GO, 2023.  
107 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira.  
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

1. Sociolinguística variacionista. 1.1. Variação da língua.  
1.1.1. Apagamento de /d/ em gerúndio. 1.2. Fala vilaboense.  
I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'27(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**

(Criada pela lei nº 13.456 de abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de abril de 1999)

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu  
UEG CÂMPUS CORA CORALINA**

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000  
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

**ATA DE EXAME DE DEFESA 02/2023**

Aos dois dias do mês de março de dois mil e vinte e três às catorze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Jannaina Soares Silva Reis Ferreira, intitulado "O APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ EM GERÚNDIO: uma análise sociolinguística do falar vilaboense". A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Marília Silva Vieira – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Dirce Aparecida Kailer (UEL), Dr. Eduardo Batista da Silva (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder à avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (x) aprovada, ( ) aprovada com ressalvas, ( ) reprovada com as seguintes exigências (se houver):

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cumpridas as formalidades de pauta, às 16h30min a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 02 de março de 2023.

*Marília Silva Vieira*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marília Silva Vieira (POSLLI/UEG)

*Dirce Aparecida Kailer*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Dirce Aparecida Kailer (UEL)

*Eduardo Batista da Silva*

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eduardo Batista da Silva (POSLLI/UEG)

Ao João, Beatriz, Verônica, Maria, Gaspar e Divina  
que tanto amor, paciência, incentivo e  
resiliência me prestaram,  
possibilitando-me prosseguir meus estudos.

## Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus por sempre me conduzir e sempre me mostrar o caminho certo a seguir.

À minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marília Vieira, minha querida amiga, meu agradecimento especial, por sua, competência, celeridade, empatia, carinho e dedicação, por sempre me tranquilizar nos momentos de aflição. Você é a pessoa que me inspira todos os dias, que me tornou a pesquisadora que sou hoje, que fez com que essa jornada fosse prazerosa apesar de tão desafiadora.

A minha querida amiga (que o mestrado me presenteou) Rosely, obrigada pelas palavras de aconchego e pela presença constante, mesmo estando distante, independente da hora do cansaço, me ouvindo e me ajudando a resolver tantas demandas. Nossos caminhos se cruzaram por um motivo, fomos uma para outra o consolo no momento do desespero.

Ao colega Prof. Ms. Vander Meneses, pelos ensinamentos sobre análise estatística no programa R, pelas observações pontuais sobre os resultados da minha pesquisa e pela benevolência em me auxiliar tirando minhas dúvidas independente de dia e hora.

À colega Prof<sup>ª</sup> Ms. Patrícia Bernardes, pela generosidade em disponibilizar o *corpus* coletado com tanta dedicação e pela paciência pelas inúmeras vezes que me respondeu e me atendeu quando precisei.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dircel Aparecida Kailer e ao Prof. Dr. Eduardo Batista da Silva, por aceitarem o convite de participar das bancas de qualificação e de defesa dessa dissertação, pela leitura atenta e preciosa e pela contribuição singular dada a essa pesquisa.

Aos colegas de mestrado, por estarem juntos nos momentos descontraídos das aulas on-line e tensos no cumprimento dos prazos.

A todos meus sinceros agradecimentos.

*A língua é um traje coberto de remendos  
feitos de seu próprio tecido.*

Ferdinand de Saussure

## RESUMO

A presente pesquisa buscou descrever o apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio na fala de moradores da Cidade de Goiás-GO. A pesquisa foi conduzida à luz da Sociolinguística Variacionista (LABOV 1997, LABOV 2001, LABOV, 2008[1972] e WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006) que tem como objetivo de estudo a mudança e variação da língua no contexto social, tais como algumas pesquisas que fundamentam esta dissertação e que descrevem o fenômeno em diferentes regiões brasileiras: Ferreira (2010), Martins e Bueno (2011), Hora e Aquino (2012), Nascimento *et al* (2013), Almeida e Oliveira (2017) e Vieira (2011). Ao dedicar-se à comunidade linguística supracitada, este estudo procura preencher uma lacuna do fenômeno no que diz respeito ao seu mapeamento sociolinguístico. Utilizamos o *corpus* coletado por Bernardes (2020), que dispõe de 24 entrevistas com informantes vilaboenses, nascidos ou moradores da Cidade de Goiás desde os dois anos de idade. As entrevistas foram realizadas com roteiro semiestruturado. As ocorrências foram submetidas a tratamento acústico no PRAAT e, posteriormente, à análise estatística no *RStudio*, ambiente no qual verificamos os seguintes condicionadores linguísticos que influenciam o apagamento de /d/ em gerúndio: extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e contexto fonético-fonológico seguinte, cotejando os resultados obtidos com a análise de dados da Cidade de Goiás com aqueles de outras partes do país. Além disso, foram analisadas três variáveis sociais: faixa etária, escolaridade e sexo. Em um total de 459 ocorrências de verbos no gerúndio há uma aplicação da regra do apagamento de /d/ no morfema de gerúndio em 307 ocorrências, ou seja, 66,9% do total indicando que a forma inovadora é a mais utilizada no falar vilaboense. As análises permitiram constatar que os fatores que mais contribuem para a realização da forma inovadora são escolaridade e faixa etária, tendo em vista que os demais fatores, tanto extralinguísticos e linguísticos apresentaram pouca relevância no apagamento de /d/ em morfema de gerúndio. Constatamos que os fatores extralinguísticos são mais decisivos que os fatores linguísticos, visto que os informantes com Ensino Médio apresentam maior aplicação da regra de apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, confirmando a hipótese de que o apagamento da oclusiva dental /d/ em (ndo) em gerúndio no falar vilaboense é condicionada pelo fator escolaridade, e que há uma relação direta entre o aumento da escolaridade e escolha pela variante conservadora. A faixa etária evidenciou que quanto maior a idade, menor a regra de aplicação do apagamento, refutando nossa hipótese de ambas as faixas etária aplicam a regra de apagamento da oclusiva dental /d/, indicando uma variação estável.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. Apagamento de /d/ em gerúndio. Cidade de Goiás-GO.

## ABSTRACT

This research sought to describe the deletion of the dental stop /d/ in the gerund in the speech of residents of the City of Goiás-GO. The research was conducted in the light of Variationist Sociolinguistics (LABOV 1997, LABOV 2001, LABOV, 2008[1972] and WEINREICH, LABOV AND HERZOG, 2006) which aims to study the change and variation of language in the social context, such as some researches that support this dissertation and that describe the phenomenon in different Brazilian regions: Ferreira (2010), Martins and Bueno (2011), Hora and Aquino (2012), Nascimento et al (2013), Almeida and Oliveira (2017) and Vieira (2011). By dedicating itself to the linguistic community, this study seeks to fill a gap in the phenomenon with regard to its sociolinguistic mapping. We used the corpus collected by Bernardes (2020), which has 24 interviews with informants, born or living in the City of Goiás since they were two years old. The interviews were conducted using a semi-structured script. Occurrences were submitted to acoustic treatment in PRAAT and, subsequently, to statistical analysis in RStudio, an environment in which we verified the following linguistic conditioners that influence the deletion of /d/ in gerund: word length, preceding phonetic-phonological context and phonetic context -following phonological, comparing the results obtained with the analysis of data from the City of Goiás with those from other parts of the country. In addition, three social variables were analyzed: age group, education and gender. In a total of 459 occurrences of verbs in the gerund, there is an application of the deletion rule of /d/ in the gerund morpheme in 307 occurrences, that is, 66.9% of the total, indicating that the innovative form is the most used in Vilaboense speaking. The analyzes showed that the factors that most contribute to the realization of the innovative form are schooling and age group, considering that the other factors, both extralinguistic and linguistic, showed little relevance in the deletion of /d/ in gerund morpheme. We verified that the extralinguistic factors are more decisive than the linguistic factors, since the informants with high school showed a greater application of the deletion rule of /d/ in gerund morpheme, confirming the hypothesis that the deletion of the dental stop /d/ in (ing) in gerund in Vilaboense speech is conditioned by the schooling factor, and that there is a direct relationship between the increase in schooling and the choice for the conservative variant. The age range showed that the higher the age, the lower the deletion application rule, refuting our hypothesis that both age groups apply the deletion rule of the dental stop /d/, indicating a stable variation.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistics. Deletion of /d/ in gerund. City of Goiás-GO.

## LISTA DE FIGURAS

Figura – 1: Fachada restaurada da Prefeitura municipal de Goiás .....	54
Figura – 2: Casa Cora Coralina .....	55
Figura – 3: Rua Moretti Foggia (Centro) .....	55
Figura – 4: Interface inicial do Praat .....	61
Figura – 5: Interface do Praat com espectrograma criado.....	62
Figura – 6: Símbolos fonéticos do Português Brasileiro.....	63
Figura – 7: Eventos principais na produção das consoantes oclusivas. (1) intervalo de obstrução do trato vocal; (2) soltura da obstrução; e (3) transição articulatória para o som seguinte.....	64
Figura – 8: Espectrograma – Tocando (GOFs42-Rosineide) .....	65
Figura – 9: Espectrograma - Rino. (GOFs42-Rosineide) .....	66
Figura – 10: Codificação das variáveis .....	68
Figura – 11: Resumo dos dados (summary) .....	70
Figura – 12: Resumo final dos dados .....	71
Figura – 13: Espectrograma de fazeno (GOMS45-Roger) .....	85
Figura – 14: Espectrograma de levando (GOMS45-Roger) .....	85

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico – 1: Percentual de aplicação e não-aplicação da regra de apagamento de /D/ em morfema de gerúndio.....	87
--	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela – 1: Atuação da variável sexo/gênero sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do sudeste do brasil. ....	45
Tabela – 2: Atuação da variável escolaridade sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do sudeste do brasil. ....	45
Tabela – 3: Atuação da variável sexo/gênero sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do nordeste do brasil.....	46
Tabela – 4: Atuação da variável escolaridade sobre o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do nordeste do brasil.....	46
Tabela – 5: Resultado do apagamento de /d/ em morfema de gerúndio em regiões diferentes do Brasil .....	88
Tabela – 6: Frequência de produção de (ndo) ou produção de (no) nas análises perceptual e acústica. ....	90
Tabela – 7: Variável linguística Extensão do vocábulo. ....	91
Tabela – 8: Variável linguística extensão do vocábulo. ....	92
Tabela – 9: Variável linguística e contexto fonético-fonológico precedente .....	93
Tabela – 10: Variável linguística contexto fonético-fonológico seguinte .....	94
Tabela – 11: Variável linguística sexo/gênero.....	96
Tabela – 12: Variável Linguística Escolaridade .....	97
Tabela – 13: Variável Linguística Faixa Etária .....	98

## LISTA DE QUADROS

Quadro – 1: Informantes do corpus de Bernardes (2020) .....	59
Quadro – 2: Codificação das variáveis linguísticas extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e seguinte (pausa) .....	69
Quadro – 3: Exemplos dos fatores linguísticos: extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e seguinte (pausa) .....	74
Quadro – 4: Fatores extralinguísticos .....	78
Quadro – 5: Parâmetros acústicos da oclusiva dental /d/ do verbo levando realizado pelo informante (GOMS45-ROGER) .....	89
Quadro – 6: Comparação entre análise perceptual e análise acústica .....	89

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1	Breve percurso histórico dos estudos da linguagem à Sociolinguística.....	17
2.1.1	Sociolinguística.....	22
2.2	Teoria da Variação e da Mudança linguística .....	24
2.2.1	Problemas da TVM .....	25
2.2.2	A heterogeneidade da língua.....	27
2.2.3	O valor social das variantes.....	29
2.2.4	Comunidade de fala.....	31
3	APAGAMENTO DE /D/ EM -NDO: uma variável morfofonológica? .....	34
3.1	Descrição fonológica e morfofonológica .....	34
3.2	Panorama histórico do gerúndio no Português Brasileiro .....	36
3.3	Perspectiva Normativa.....	40
3.4	A redução do morfema -ndo pelo processo de assimilação .....	42
3.5	Estudos variacionistas sobre o apagamento de /d/ em (ndo).....	44
4	MATERIAIS E MÉTODO .....	52
4.1	Comunidade de fala – A cidade de Goiás .....	52
4.1.1	Panorama histórico.....	52
4.2	O <i>corpus</i> .....	58
4.3	PRAAT (closura, burst, transição formântica e duração relativa).....	60
4.4	O Ambiente <i>R</i> .....	67
5	GRUPOS DE FATORES.....	73
5.1	Variáveis dependentes e independentes .....	73
5.2	Fatores linguísticos.....	74
5.2.1	Extensão do vocábulo .....	75
5.2.2	Contexto fonético-fonológico precedente .....	76
5.2.3	Contexto fonético-fonológico seguinte .....	77
5.3	Fatores extralinguísticos.....	78
5.3.1	Sexo/gênero.....	78
5.3.2	Escolaridade .....	80

5.3.3	Faixa etária.....	82
5.4	Inspeção acústica do apagamento do /d/ em morfema de gerúndio.....	84
6	ANÁLISE DE DADOS.....	87
6.1	Análise da inspeção acústica.....	88
6.2	Análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos.....	91
6.2.1	Extensão do verbo.....	91
6.2.2	Contexto fonético-fonológico precedente.....	92
6.2.3	Contexto fonético-fonológico seguinte.....	93
6.2.4	Variável Sexo/Gênero.....	95
6.2.5	Variável Escolaridade.....	96
6.2.6	Variável Faixa Etária.....	97
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS.....	102

# 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho descrevemos o apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema de gerúndio na Cidade de Goiás-GO, ou seja, analisamos o comportamento do morfema de gerúndio *-ndo*, que pode ser realizado como *-no*. Dessa forma, há duas variantes: a) presença da oclusiva dental /d/ em gerúndio, como em *comendo, falando*; b) ausência da oclusiva dental /d/ em gerúndio como em *comeno, falano*.

Ao longo da minha vida acadêmica, sempre me interessei pela pesquisa. Ao participar do projeto de iniciação científica em 2007, no qual pesquisei dois fenômenos linguísticos, no falar montebelense, deparei-me com estudos sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, teoria pela qual me encantei e que sigo pesquisando desde então. Meu interesse aumentou ainda mais quando ingressei como aluna especial, no Programa de Pós-graduação em Linguística, Literatura e Interculturalidade e percebi que poderia continuar me aprofundando nesses estudos. Ao cursar a segunda disciplina no programa, ministrada por minha orientadora professora Dra. Marília Vieira, consegui delimitar meu objeto de estudo, no momento no qual me deparei com estudos sobre o apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio, variante bastante comum na cidade onde moro.

Dito isso, nossa pesquisa foi conduzida à luz da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), que tem como objetivo de estudo a variação e da língua no contexto social em comunidade de fala. Desde 1920, estudos nessa perspectiva vêm sendo desenvolvidos para descrever as diferentes variedades do Português Brasileiro, muitos deles, exploram o gerúndio e posteriormente o apagamento da oclusiva dental /d/ em *-ndo*, em diferentes regiões do país, como as pesquisas conduzidas por Amaral (1920), Marroquim (1922), Campos (1972), Mollica e Mattos (1992); Ferreira (2010); Vieira (2011); Martins e Bueno (2011); Hora e Aquino (2012); Nascimento *et al.* (2013); Almeida e Oliveira (2017); entre outros.

No entanto, apesar da quantidade considerável de estudos acerca do fenômeno, inclusive alguns deles realizados no Centro-Oeste, poucos estudos têm-se voltado para o interior de Goiás. Dessa forma esse estudo se faz relevante por preencher esta lacuna, dedicando-se à análise variacionista do fenômeno na fala dos nativos da Cidade de Goiás, antiga capital do estado homônimo, a 140 km de Goiânia.

Para alcançar nosso objetivo principal de descrever o apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio na fala de moradores da Cidade de Goiás-GO, nos propusemos a: 1) analisar o processo de apagamento do /d/ em gerúndio na comunidade da Cidade de Goiás, interior de Goiás; 2) verificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que levam ao apagamento

de /d/ em gerúndio; 3) Confrontar os resultados verificados na Cidade de Goiás com aqueles obtidos em estudos de outras partes do país. 4) realizar inspeção acústica, com a intenção de caracterizar melhor o apagamento da oclusiva alveolar/dental /d/ em gerúndio.

Consideramos os seguintes fatores linguísticos: extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e contexto fonético-fonológico seguinte<sup>1</sup>. Como fatores extralinguísticos, controlamos: faixa etária, escolaridade e sexo.

Procuramos responder às seguintes perguntas de pesquisa: 1) Quais são os padrões sociolinguísticos do fenômeno estudado na fala vilaboense? 2) A variável seria mais bem descrita à luz do aporte teórico da Fonologia ou da Morfologia?

Destarte, em nossa pesquisa, buscamos investigar o apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema de gerúndio, levando em consideração as hipóteses de que:

a) quanto maior o vocábulo, maior a chance de o indivíduo apagar a oclusiva dental /d/ na terminação (-ndo) do gerúndio;

b) a vogal temática /a/ é aliada a regra do apagamento de /d/ em gerúndio;

c) no contexto fonético-fonológico seguinte, as consoantes que mais favorecem o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio são: a bilabial nasal /m/, as alveolares /n,r,l/ e as oclusivas bilabiais /p,b/. Já no contexto fonético-fonológico seguido de vogal, as vogais anteriores alta /i/, as vogais médias /e/ e /ɛ/, irão favorecer o apagamento, assim como a pausa após o verbo;

d) as mulheres optam pela variante conservadora por ser considerada de prestígio;

e) o apagamento da oclusiva dental /d/ em (ndo) em gerúndio no falar vilaboense é condicionada pelo fator escolaridade, esperando que se estabeleça uma relação direta entre o aumento da escolaridade;

f) ambas as faixas etárias aplicam a regra de apagamento da oclusiva dental /d/, indicando uma variação estável.

No capítulo 1, traçamos um breve percurso histórico discutindo sobre as múltiplas concepções acerca da língua e da linguagem trazidas por teorias anteriores, bem como debater sobre a importância e as contribuições que essas teorias trouxeram para o nascimento da Sociolinguística. Em seguida, discutimos sobre Teoria da Variação e Mudança Linguística, sobretudo como Labov (2008) a desenvolveu buscando estudar a língua em seu contexto de uso.

---

<sup>1</sup> Para o contexto fonético-fonológico precedente consideramos o contexto da sílaba precedente e para o contexto fonético-fonológico seguinte consideramos o contexto inicial da palavra seguinte.

No capítulo 2, aventamos sobre em que nível linguístico está inserido o fenômeno de apagamento de /d/ em gerúndio. Traçamos um panorama histórico do gerúndio no Português Brasileiro, além de descrever como a gramática normativa apresenta o gerúndio. Ainda no capítulo 2 discorremos, sobre a redução do morfema -ndo por meio do processo de assimilação, além de apresentar alguns estudos variacionistas sobre o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio pelo Brasil.

O capítulo 3 apresenta os procedimentos metodológicos percorridos durante nossa pesquisa, além de apresentar a descrição do município da Cidade de Goiás; o *corpus*; o programa PRAAT; o programa estatístico utilizado para analisar os dados o Ambiente R.

No capítulo 4, apresentamos os grupos de fatores controlados em nossa pesquisa, além da inspeção acústica das ocorrências no PRAAT, a fim de realizar uma checagem acerca do apagamento de /d/ no morfema de gerúndio, cotejando a Análise Perceptual e a Análise Acústica.

Por fim, no capítulo 5, apresentamos, por meio de gráficos e tabelas, os resultados obtidos por meio da inspeção acústica, a análise estatística gerada pelo *RStudio* e a análise dos dados na perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo se dedica inicialmente a traçar um breve percurso histórico tecendo discussões sobre as múltiplas concepções acerca da língua e da linguagem trazidas por teorias anteriores, bem como debater sobre a importância e as contribuições que essas teorias trouxeram para o nascimento da Sociolinguística. Em seguida, discutimos sobre Teoria da Variação e Mudança Linguística, sobretudo como Labov (2008) a desenvolveu buscando estudar a língua em seu contexto de uso.

### 2.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM À SOCIOLINGUÍSTICA

Mesmo que Saussure seja considerado o pai da Linguística moderna<sup>2</sup>, marcando historicamente o despontar dessa ciência, é imprescindível levar em consideração as investigações sobre a linguagem que existiam anteriormente e que têm um impacto significativo nas pesquisas sociolinguísticas, pois já consideravam que a língua é suscetível à variação e mudança.

As primeiras investigações relacionavam a linguagem a outras ciências, tais como a Retórica, a Poética, a Lógica e ao bom uso. O estudo da linguagem em si mesma e por si mesma terá início com os estudos comparativos (FARACO, 2004). Antes do século XIX, Platão e Aristóteles entendiam a língua a partir da relação som e sentido, sem levar em consideração qualquer tipo de variação linguística. Já dentro da vertente filológica, a variação era reconhecida, no entanto, era tratada como um desvio, devido a uma primeira noção normativa/prescritiva, o que culminou na perspectiva de certo/errado, assim como denomina Camara Jr. (2021).

No século XIX, então, surge um estudo da linguagem humana com uma metodologia comparativa, que consiste na constatação da semelhança entre o sânscrito com o latim e o grego com as línguas europeias, e tem como implicação comparar línguas de mesma origem com a finalidade de encontrar de qual estrutura primária essas línguas se desenvolveram.

Essa semelhança foi notada pela primeira vez por William Jones, juiz inglês, que instigado pela semelhança entre o sânscrito e o grego e latim levantou a hipótese de que tal

---

<sup>2</sup> “(...) entendo por linguística moderna os estudos sincrônicos praticados intensamente durante o século XX em contraste com os estudos históricos, que predominaram no século anterior.” (FARACO, p. 27, 2004)

semelhança não seria coincidência e que tais línguas tinham mesma origem. Em 1786, William Jones apresenta a Sociedade Asiática de Bengala sua comunicação (FARACO, 2004, p. 30):

A linguística se constituiu como ciência, no sentido que a modernidade deu ao termo, a partir dos últimos anos do século XVIII, quando William Jones, o juiz inglês que exercia seu ofício na burocracia colonial em Calcutá, entrou em contato com o sânscrito. Impressionado com as semelhanças entre essa língua, o grego e o latim, levantou a hipótese de que semelhanças de tal magnitude não poderiam ser atribuídas ao acaso; era forçoso reconhecer que essas três línguas tinham uma origem comum (FARACO, 2011, p. 29).

Friedrich Schlegel dentre outras colocações, ratifica a tese de William Jones em seu texto *Sobre a língua e a sabedoria dos hindus*<sup>3</sup> (1808), “o parentesco do sânscrito com o latim, o grego, o gótico e o persa”, sobretudo pelas características fonológicas e morfológicas (FARACO, 2004). No entanto, nesse momento, Schlegel fazia a comparação de palavras com sons idênticos, não se preocupando com mudanças fonéticas, pois as desconhecia, conforme relata Camara Jr.,

Foi o primeiro a empregar o termo de “gramática comparativa”, advogando uma comparação sistemática de todas essas línguas. Mas não tinha a menor compreensão das mudanças fonéticas. Ao contrário, atinha-se ao método de só fazer comparação de vocábulos de sons idênticos com discrepâncias facilmente explicáveis por quase evidentes estágios intermediários. (CAMARA JR., p. 55, 2021).

Em 1816, Franz Bopp publica seu livro *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o da língua grega, latina, persa e germânica*<sup>4</sup>, no qual compara a morfologia verbal dessas línguas, detalha as correspondências sistemáticas existentes entre elas e, assim, estabelece empiricamente seu parentesco, em bases linguísticas e não com princípios filosóficos como no século XVIII. Bopp, posteriormente, insere em seus estudos comparativos, o lituano, o eslavo, o armênio, o celta e o albanês.

Bopp objetivava, por meio de seu método, chegar à língua original da humanidade. Assim como Schlegel, não dá a devida importância à fonética, no entanto, resolve a questão da flexão, não muito clara para Schlegel, que chamara flexão “tanto às partes secundárias que se juntam à raiz para construir a palavra gramatical como às alternâncias raiz-vogal, um processo gramatical regular nas línguas semíticas e encontrado também no latim e no grego” (CÂMARA JR, 2021, p. 61). De acordo com Câmara Jr. (2021), Bopp é o precursor dos estudos históricos.

<sup>3</sup> *Über die Sprache und die Weisheit der Inder*

<sup>4</sup> *Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen, und germanischen Sprache*

Adiante (1822), com o trabalho pioneiro de Grimm os estudos históricos passam por uma mudança, logo, o que antes era observado de forma atemporal, ou seja, sem uma cronologia entre os textos estudados, preocupando-se apenas com as diferenças entre as línguas, agora é observado de forma cronológicas. Grimm estabeleceu uma sucessão histórica elencada em uma sequência de catorze anos para estudar o grupo germânico das línguas indo-europeias.

Destarte fica claro, com as pesquisas de Grimm “que, a sistematicidade das correspondências entre as línguas estava relacionada com o fluxo histórico e, mais especificamente, com a regularidade dos processos de mudança linguística.” (FARACO, 2004, p. 33). Além disso, Grimm se atenta para as mudanças fonéticas, teorizando sobre os fenômenos chamados *Umlaut*, *Ablaut*<sup>5</sup> e *Lautverschiebung*<sup>6</sup> (metafonia) sendo o primeiro linguista a desenvolver um tratamento sistemático da mudança fonética frente ao estudo comparado das línguas germânicas (CÂMARA JR. 2021).

A observação inovadora de Grimm proporciona a ampliação das pesquisas comparativas, resultando na divisão por áreas especializadas da investigação das línguas indo-europeias. Ressaltamos o desenvolvimento da filologia (linguística) românica, pela importância das investigações, visto que esse subgrupo apresenta vasta documentação em latim o que possibilita validar e atestar confiabilidade metodológica aos estudos históricos.

Outro trabalho importante foi o desenvolvido por August Schleicher e serviu como referência durante algumas décadas. Schleicher que era formado em Botânica, seguia o pensamento evolucionista e defendia que a língua era um organismo vivo, que tinha existência própria, independente dos seus falantes, assim como os organismos presentes na natureza (FARACO, 2004).

No entanto, no final do século XIX, essa concepção naturalista foi fortemente combatida pelos neogramáticos. Influenciados pelo positivismo de Comte, propuseram uma visão de mudança uniforme, circular, constante e não degenerativa. Desta forma o final do século XIX ficou marcado pelo surgimento dos pensamentos neogramáticos que tem como um dos principais nomes Hermann Paul, responsável por publicar em 1880, o livro *Princípios de história linguística*.<sup>7</sup> (FARACO, 2004).

A teoria neogramática se pauta em dois postulados principais, o postulado das leis fonéticas e o postulado da analogia. O primeiro e principal rege que as mudanças sonoras que

---

<sup>5</sup> Dois tipos de alternância vocálica. (CAMARA JR. P. 63, 2021)

<sup>6</sup> Mutação consonantal, primeira lei fonética que a principiante ciência da linguagem desenvolveu, a qual se tornou conhecida como *Lei de Grimm*. (CAMARA JR. P. 63, 2021)

<sup>7</sup> *Prinzipien der Sprachgeschichte*

acontecem por meio de um processo regular, mecânico e que não admite exceção, no entanto, quando aparecem falhas nas leis fonéticas, o problema está no processo de analogia, “que gera em determinadas palavras, criações e modificações.” (MARTELOTA, 2010, p. 51).

Os neogramáticos entendiam a analogia como um movimento executado pela mente humana que, estabelecendo analogias entre formas inicialmente diferentes, intervém nos movimentos naturais dos sons, interferindo na atuação das Leis Fonéticas. (MARTELOTA, 2010). Herman Paul, teorizou sobre essa abordagem ao escrever o livro *Princípios de história linguística*. Nessa obra, encontramos ideias que representaram as investigações dominantes sobre essa ciência no final do século XIX e início do século XX.

Apesar da importância dessas análises, Camara Jr. (2021) discorre que Paul, ao desenvolver a gramática comparativa do indo-europeu, o faz numa perspectiva histórica, excluindo todo tipo de descrição do funcionamento da linguagem numa perspectiva sincrônica.

Todavia, dada a substancial produção de investigações linguísticas realizadas nos séculos anteriores, desde o manifesto de William Jones em 1786, é com Ferdinand de Saussure que os estudos linguísticos despontam e a Linguística passa a ser reconhecida como ciência autônoma “a tratar da linguagem, considerada em si mesma e por si mesma, e sob o pressuposto da separação estrita entre a perspectiva histórica e a não-histórica.” (FARACO, 2004, p. 28)

Logo, em 1916 é publicado postumamente o livro *Curso de Linguística Geral* – obra de fundamental importância para a perpetuação do estruturalismo – escrito por dois discípulos e amigos de Ferdinand de Saussure, Albert Sechehaye e Charles Bally, a partir de notas tomadas em suas aulas.

As inovações sobre as análises da linguagem instaurados por Saussure se tornam um marco de mudança para as investigações linguísticas, pois, a partir dessas teorias construiu-se uma ciência que trataria somente da linguagem, “considerada em si mesma e por si mesma”, dentro de uma perspectiva sincrônica.

De acordo com Faraco, a inovação de Saussure:

[...] foi não só mostrar que a língua poderia (e deveria) ser tratada exclusivamente como uma forma (livre das suas substâncias), mas principalmente como esta forma se constituía, isto é, pelo jogo sistêmico de relações de oposição – funcionando este jogo de tal modo que nada é num sistema linguísticos senão por uma teia de relações de oposição. E, por outro lado, nada interessa numa tal perspectiva sistêmica salvo o puramente imanente (FARACO, 2004, p. 28).

Saussure, considera a língua como um sistema idealizado, imanente e homogêneo, os fatos linguísticos são explicados por outros fatos linguísticos, ou seja, tudo que acontece na

língua é explicado e motivado pela própria língua, pela atuação de forças internas, sem influência nenhuma de forças externas.

O modelo estruturalista, apesar de reconhecer a língua como fenômeno social, não privilegia a investigação da língua efetivamente em uso. Reconhece a língua como um sistema imanente de combinações, oposições e exigências sintáticas (subcategorizações), contrastes e semelhanças dentro do próprio sistema, sem conceber influências externas a esse sistema linguístico, nem reconhecer a trajetória histórica que retrata a formação da língua.

Assim como a vertente neogramática e estruturalista, o gerativismo concebe a língua como uma entidade homogênea. O gerativismo teve início na década de 1950 nos Estados Unidos e tem como precursor Noam Chomsky. Seu primeiro livro, *Syntactic Structures* foi publicado em 1957, e marcou o nascimento da Teoria Gerativista. O gerativismo surgiu como forma de combater a teoria behaviorista que predominou na primeira metade do século XX. O behaviorismo considerava a linguagem humana como um condicionamento social, uma resposta que o corpo humano produz mediante estímulos que recebe da interação social e que essa resposta se converte em hábito a partir de repetição mecânica. Nas palavras de Bloomfield, estudioso de destaque na teoria behaviorista, a linguagem humana é um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos gerado como resposta a estímulo e fixado pela repetição.

No entanto, Chomsky combate fortemente essa ideia, pois considera que o indivíduo humano age criativamente ao usar a linguagem, constrói frases inéditas jamais produzidas por outras pessoas anteriormente. Para ele, todos os falantes, independentemente da escolaridade, são criativos. Essa criatividade é considerada por Chomsky um aspecto principal do comportamento linguístico humano e que, inclusive, distingue a linguagem humana dos sistemas de comunicação animal. Ao contrário do behaviorismo, o gerativismo considera a língua uma capacidade interna ao organismo humano, ou seja, uma capacidade genética, inata do ser humano, a qual se destina a construir a competência linguística do indivíduo chamada no gerativismo de faculdade da linguagem.

No entanto, alguns estudiosos, diferentemente dos citados anteriormente, consideravam a língua como uma instituição social e não a separavam daqueles que dela faziam uso, atribuindo assim um caráter social a esse objeto de pesquisa.

Meillet, que foi aluno de Saussure, começou a pensar uma nova forma de ver a língua, considerava que influências sociais levam a mudanças nos fatores internos da língua e defendia um caráter social e evolutivo da língua. Para ele, como a língua é um fato social, toda e qualquer variação é motivada por fatores sociais, assim, deve-se recorrer ao domínio social para compreensão da dinâmica linguística.

Em 1966, enquanto essas discussões teóricas estavam em pauta, aconteceu nos Estados Unidos o simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, e um dos principais debates foi proposto por Weinreich, Labov e Herzog. Os cientistas retomaram a discussão sobre as análises da mudança linguística e suas motivações sociais iniciados por Meillet. Nesse cenário, nasce a Sociolinguística, Weinreich, Labov e Herzog introduzem, então, os fundamentos da variação e mudança, que são os alicerces da Sociolinguística, retomando a contribuição de cientistas que viam a língua como um fator social dinâmico, cuja variação é explicada pelas forças sociais externas ao sistema linguístico. Nesse sentido, há uma necessidade de pensar a língua de uma nova forma, esse novo pensamento se concretiza com a Sociolinguística pelas pesquisas de William Labov, em 1960.

### 2.1.1 Sociolinguística

A Sociolinguística se estabeleceu nos Estados Unidos por volta de 1960, com as pesquisas de Labov, primeiramente, por meio de seu trabalho seminal sobre a variação do inglês de moradores da ilha de Martha’s Vineyard, localizada em Massachussets nos Estados Unidos, no qual investigou a influência dos fatores extralinguísticos etnia, sexo, ocupação e idade na produção dos ditongos /aw/ e /ay/ (*house* e *right*). Labov constatou que esses ditongos eram pronunciados de outras maneiras<sup>8</sup> além da considerada padrão, essa variação que ocorrida na pronúncia desses ditongos estava ligada a um sentimento de pertencimento, ou seja, os falantes se identificavam como nativos, em oposição a variedade padronizada utilizada pelos turistas que visitavam a ilha. Assim, a variante considerada estigmatizada, remetia a construção da identidade daquele povo.

Em seguida, pesquisou sobre a estratificação do inglês falado na cidade de Nova Iorque sobre a variável /r/. Labov analisou a emissão do /r/ pós-vocálico (em contexto final de palavra e não-final de palavra) em três lojas de departamento frequentadas por três classes sociais distintas de Nova York, uma loja frequentada por pessoas de classe social alta (Sak’s Fifth Ave.), outra frequentada por pessoas de classe social média (Macy’s) e a outra por pessoas de classe social baixa (Klein). A fim de registrar a pronúncia dos falantes acerca das palavras *fourth* (numeral ordinal quarto) e *floor* (pisso, andar), Labov se dirigia aos funcionários de três diferentes lojas e perguntava em que andar encontraria determinado produto. Diferente do

---

<sup>8</sup> O ditongo /ay/ poderia ser pronunciado como [ay], [əy] e [ey], e o ditongo /aw/ poderia ser pronunciado como [aw], [əw] e [ew].”

trabalho realizado em Martha's Vineyard, no qual as entrevistas foram gravadas, Labov anotou as pronúncias que ouvia.

Foram coletadas 264 entrevistas, 68 na Sak's, 125 na Macy's e 71 na Klein, com tempo total de 6 horas e 30 minutos. Como resultado, Labov observou que havia a estratificação do (r) nas referidas lojas e que a pronúncia (r) dos funcionários das lojas Macy's e Klein eram bastante distintas, ao passo que essa diferença diminuía entre as lojas Saks e Macy's, inferindo que marcar esse (r) era uma norma que aqueles que trabalhavam na Macy's visavam alcançar. Desta forma, Labov observou que a preservação da vibrante era mais frequente, nas pessoas que frequentavam as lojas de classe alta e média, implicando que a pronúncia do /r/ pós-vocálico é considerado de prestígio.

Outro trabalho bastante caro para Labov, apesar de não ser muito mencionado, foi o realizado pelo Departamento de Educação Americano, proposto por ele enquanto lecionava na Universidade de Columbia. Juntamente com Paul Cohen, Clarence Robins e John Lewis, Labov realizou um estudo dos grupos sociais de duas regiões do *Harlem* (bairro de Nova Iorque), com o objetivo de investigar se o dialeto falado pelas crianças negras daquele bairro influenciava no fracasso de aprendizado de leitura. Para Labov (1997),

Não há razão para acreditar que qualquer vernáculo não-padrão seja em si um obstáculo ao aprendizado. O principal problema é a ignorância da linguagem por parte de todos os envolvidos. Nosso trabalho como linguistas é remediar essa ignorância; mas Bereiter e Engelmann querem reforçá-la e justificá-la. Os professores estão sendo instruídos a ignorar a linguagem das crianças negras tida como indigna de atenção e inútil para o aprendizado. Eles estão sendo ensinados a ouvir cada expressão natural da criança como evidência de sua inferioridade mental. Como linguistas, somos unânimes em condenar essa visão como má observação, má teoria e má prática. (LABOV, 1997, p. 64, tradução nossa).<sup>9</sup>

Labov (1969), observou que o fracasso na aprendizagem dos alunos estava relacionado a desvalorização do vernáculo não-padrão utilizado pelas crianças negras o que era parte de um racismo institucionalizado na sociedade americana e que condenava ao fracasso escolar aqueles que faziam uso desse dialeto, ademais, ele também inovou ao desenvolver uma linguística empírica baseada no que as pessoas realmente dizem, avaliadas pelas técnicas experimentais de laboratório, além de inovar também ao considerar dois aspectos: “a crença de que as pessoas da

---

<sup>9</sup> *There is no reason to believe that any nonstandard vernacular is in itself an obstacle to learning. The chief problem is ignorance of language on the part of all concerned. Our job as linguists is to remedy this ignorance; but Bereiter and Engelmann want to reinforce it and justify it. Teachers are now being told to ignore the language of Negro children as unworthy of attention and useless for learning. They are being taught to hear every natural utterance of the child as evidence of his mental inferiority. As linguists we are unanimous in condemning this view as bad observation, bad theory and bad practice.* (LABOV, 1997, p. 64)

classe trabalhadora têm muito a dizer, e que existe algo como estar certo ou estar errado<sup>10</sup>” (LABOV, 1997).

Labov não concebia o estudo da língua desvinculado da comunidade de fala, portanto a Sociolinguística estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos, considera a língua um sistema estruturado, porém, heterogêneo, pois é dotada de variabilidade, “baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece.” (MARTELOTA *et al.*, 2010, p. 142). Estuda a língua a partir de duas perspectivas, a sincrônica e diacrônica. A perspectiva sincrônica, estuda a “língua numa determinada época, tal como ela se apresenta aos falantes num recorte temporal, sem considerar os estágios anteriores do idioma”, já a perspectiva diacrônica “leva em consideração o fator tempo na análise dos processos de mudança linguística” (BAGNO, 2017, p. 82).

A Sociolinguística Variacionista concorda com o Estruturalismo quanto à concepção de língua como um fato social, no entanto, se opõe a ele, no momento em que Saussure considera a língua como um sistema homogêneo, autônomo, regular e linear, no qual desconsidera o plano histórico, e privilegia somente o plano sincrônico.

Também conhecida como “Teoria da Variação e Mudança” (doravante TVM) ou “Sociolinguística Variacionista”, considera que a língua varia e muda ao longo do tempo e que essa variação e mudança são motivados por fatores externos (condicionadores extralinguísticos) ou fatores internos (condicionadores linguísticos) a ela, dessa forma, procura entender quais são e como esses fatores influenciam essa variação.

Procuraremos discutir no próximo tópico os principais fundamentos dessa teoria que ampara nossa pesquisa.

## 2.2 TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Preocupados em relacionar linguagem e sociedade, Weinreich, Labov e Herzog (WLH) publicam, em 1968, o texto *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*<sup>11</sup>. A obra em sua essência procura defender a ruptura entre estrutura e homogeneidade, colocando em evidência a variação e a mudança linguística, fundamentos que contrariam a premissa de

---

<sup>10</sup> *the belief that working class people have a lot to say, and that there is such a thing as being right or being wrong.* (LABOV, 1997, s/p).

<sup>11</sup> Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística

homogeneidade da língua defendida pelos estudiosos de movimentos anteriores, tais como os neogramáticos, os estruturalistas e os gerativistas.

Weinreich, Labov e Herzog advogam por uma teoria que defende que a variação é própria do sistema e se preocupam com os fatores que promovem essa variação e a mudança linguística. Para isso, procuram explicar que, embora a língua mude, as pessoas continuam se comunicando. Afirmam, então, que há uma regularidade, e padrões de uso que sustentam a heterogeneidade da estrutura, logo, há regularidade no aparente caos da língua. Assim, ao teorizarem acerca heterogeneidade sistematizada, rompem com premissa estruturalista entre homogeneidade e estrutura.

O modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista conta com uma metodologia própria, que analisa a variação e a mudança quantitativamente, levando em considerações fatores linguísticos e extralinguísticos, e o tempo aparente ou o tempo real para determinar se o uso das variantes se encontra em variação estável ou se caracteriza uma mudança em curso, se essa variante se implementará ou desaparecerá.

### **2.2.1 Problemas da TVM**

A Teoria da Variação e Mudança Linguística desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog sustenta que o sistema linguístico de uma comunidade de fala sofre transformação no decorrer do tempo, mas que essa mudança apresenta uma sistematicidade que possibilita que tanto a língua quanto a comunidade permaneçam organizadas.

Visto como um sistema heterogêneo, a TVM considera que esse sistema é composto por um conjunto de variantes que são influenciadas por fatores internos e externos e que determinam a escolha de uma ou outra variante, conforme consideram Weinreich, Labov e Herzog:

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistema podemos encontrar variáveis individuais que covariam, mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p 108).

A metodologia da TMV tem seu alicerce pautado na descrição de dados empíricos, a qual fornece ferramentas para guiar a pesquisa, além de fornecer os pressupostos teóricos

ligados a essas ferramentas para respaldá-la, pressupostos esses denominados pelos pesquisadores de **problemas empíricos** (grifo meu) e sintetizados em:

a) O problema dos fatores condicionantes (problema de restrição); b) O problema da transição; c) O problema do encaixamento; d) O problema da avaliação; e) O problema da implementação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006)

É sugerido por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121) no problema dos fatores condicionantes que se determine “o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”, em outras palavras, que se observe quais fatores de ordem social ou de ordem linguística condicionam a mudança de determinada estrutura.

Procura-se compreender, no problema da transição como as variantes se transformam, ou seja, como as formas passam de um estágio a outro, como elas co-ocorrem, como uma prevalece e a outra desaparece. É relevante ressaltar que essa concorrência pode acontecer em faixas etárias ou mesmo comunidades distintas, no entanto o que condiciona a substituição de uma forma pela outra é o prestígio social, pressão estrutural e/ou utilidade funcional. Ademais, é importante observar que no processo de transição a mudança se dá de modo paulatino, ou seja, em determinado momento as formas coexistiram até que gradativamente uma forma toma o lugar de outra.

No problema do encaixamento procura-se entender como um fenômeno linguístico em variação/mudança é inserido na estrutura linguística e na estrutura social (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 123), ou seja, procura-se entender quais condicionadores de ordem social e linguística beneficiam determinada variante e quais são as consequências dessa mudança.

O problema da avaliação refere-se ao julgamento que o falante faz acerca das mudanças sobre a estrutura linguística, isso quer dizer que o falante analisa consciente ou inconscientemente a variável em questão, ação que afeta a mudança, pois o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124). O tema será abordado no item 1.3.3.

No problema da implementação, é pertinente que o pesquisador analise os fatores responsáveis pela inserção da mudança da língua, e por que essa mudança ocorre em determinada língua em determinado momento, ou seja, baseado na averiguação dos fatores que influenciam a mudança, uma justificativa será dada acerca dos motivos prováveis e o modo como ela se efetiva.

Passaremos a seguir, a discutir pormenorizadamente os principais pressupostos teóricos da proposta de Labov.

### 2.2.2 A heterogeneidade da língua

Como dito anteriormente, a Sociolinguística trata a língua como um sistema heterogêneo, ou seja, reconhece que a língua é dotada de variabilidade (heterogênea), no entanto, reconhece também que essa variação possui uma estrutura (sistema). Weinreich, Labov e Herzog (2006) argumentam que:

O caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos [...] é produto de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, conjuntamente disponíveis. Cada um desses subsistemas é concebido como um corpo coerente e integral de regras do tipo categórico, neogramático: o único aparato teórico adicional necessário é um conjunto de regras que afirmem as condições para a alternância. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p 103)

Logo, podemos inferir que a Sociolinguística considera as regras categóricas – por exemplo a sequência na estrutura da frase em artigo + sujeito + complemento: A casa é azul e não complemento + sujeito + artigo: É azul casa a – no entanto, não é sua preocupação principal. A atenção da Sociolinguística está voltada para as regras variáveis da língua, aquelas que nos permitem em determinado contexto (linguístico, social ou estilístico) optarmos por uma determinada variante<sup>12</sup> ou outra. Como exemplo, o falante X, em determinado momento alterna entre as formas [falano] e [falando]:

- 1) ...olha a princípio pra quem não valoriza o que a cidade tem de melhor como eu tava te **falano** por exemplo eu gosto muito de passear nas ruas nos fim de semana e curtir as vistas os lugares as praças... (GOMS36-João)<sup>13</sup>
- 2) então assim eu particularmente procuro dá muito valor a isso acho muito legal faço muita propaganda quando vem parente de fora eu faço questão eu sou o guia turístico sabe eu saio por aí mostrando contano história e **falando** e tal e faço a maior propaganda... (GOMS36-João)

Além de conceber a língua como algo heterogêneo, dotado de variabilidade, a Teoria Variacionista pressupõe alguns preceitos básicos que elencaremos a seguir. Pilar da Sociolinguística Variacionista, ao lado da mudança, a variação linguística acontece quando duas ou mais variantes coocorrem, competem. Para que essa variação seja legítima, é preciso

<sup>12</sup> “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. TARALLO, p.8, 2002)

<sup>13</sup> Os códigos que sinalizam os excertos serão pormenorizados no capítulo 3, no entanto, vale adiantar que foi atribuído GO para Goiás, F/M para sexo/gênero, C/S para escolaridade (C - Ensino Médio e S - Ensino Superior), numerais para idade e pseudônimos para representar os falantes entrevistados.

que essas variantes sejam intercambiáveis, ou seja, que tenham o mesmo valor de verdade e possam ocupar o mesmo lugar na sentença sem que seu significado seja alterado.

Assim, se verificarmos o apagamento da oclusiva dental /d/, observamos que esse apagamento não muda significado da palavra ou o sentido da frase na qual ela será utilizada, ou seja, mantém o mesmo significado referencial/representacional que são intercambiáveis no mesmo contexto. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006.)

3) não valoriza o que a cidade tem de melhor como eu tava te **falano** por exemplo eu gosto muito de passear nas ruas nos fim de semana. (GOMS36-João)

4) não valoriza o que a cidade tem de melhor como eu tava te **falando** por exemplo eu gosto muito de passear nas ruas nos fim de semana

Além de entendermos o significado de variação, é de fundamental importância distinguirmos variável de variante, visto que o significado de ambas se intersecciona, assim, de acordo com Meyerhoff (2006, p. 8) “o traço geral ou abstrato que você está investigando é o que é chamado de variável. As instâncias reais da variável na fala são conhecidas como variante”, isto é, no fenômeno que estudamos, podemos verificar a variação entre “falando” e “falano”, as variantes são as formas que concorrem (“falando” e “falano”) e a variável, (o traço geral ou abstrato), seria o apagamento de oclusiva em gerúndio.

A variação linguística pode ser compreendida à luz de fatores internos e externos. Como dimensão interna, podemos elencar a variação em nível lexical, sintático, fonológico, morfofonológico – dimensão na qual acreditamos estar inserido o apagamento da oclusiva dental /d/ por se tratar de um processo de assimilação de /d/ por /n/, devido à proximidade do ponto de articulação, ou seja, o apagamento do fonema /d/ leva uma alteração do morfema de gerúndio /ndo/ – morfológico, morfossintática e discurso, entre outras.

Como dimensão externa, a variação pode ocorrer: regionalmente, sendo considerada como diatópica ou geográfica, a qual identificamos a origem da pessoa ao observarmos o modo como a pessoa fala, seja por algum item lexical, por algum traço de entonação ou por algum traço fonológico; socialmente, também conhecida como diastrática, que diz respeito às características sociais do falante, ou seja, seu grau de escolaridade, faixa etária, sexo/gênero, nível socioeconômico; e estilística ou diafásica que diz respeito a maneira como falamos em diferentes situações que nos encontramos, as escolhas linguísticas que fazemos em determinadas circunstâncias.

### 2.2.3 O valor social das variantes

De acordo com Freitag *et al.* (2016), no processo de variação as formas linguísticas, mesmo tendo o mesmo valor de verdade ou representacional, sofrem constante avaliação. Esse processo de avaliação pode acontecer de forma consciente ou não, e para diferentes formas linguísticas são atribuídas diferentes avaliações ou valorações sociais ocasionadas pelas constantes pressões sociais que atuam sobre a língua, força essa que atua constantemente no presente vivo. (LABOV, 2008).

Considerando outros exemplos retirados do *corpus* de Bernardes (2020):

5) a gente se entende mesmo *estando* de longe nós conseguimos nos entender (GOF542 – Rosineide)

6) tem ne assim não to *desdenhando* hoje mas era uma vida muito boa que nois tinha de carinho (GOMC50-Fabricao)

Apesar de as duas sentenças manterem o mesmo valor de verdade e representacional, se os verbos utilizados, se intercambiassem por sua outra forma - sentença a) *estano* e sentença b) *desenhando* -, o apagamento de /d/ em gerúndio está associado a certos grupos de falantes, aqueles pertencentes a grupos com baixa escolaridade e classe social baixa.

Desta forma, quando uma variante é avaliada com “errada” ou “inferior”, atribuímos um valor negativo àquele que dela faz uso, da mesma forma acontece quando consideramos uma variante “certa”, atribuímos um valor social positivo a ela.

A validação ou não, que uma comunidade atribui a determinada variante tem influência direta na velocidade da mudança da língua, ou seja, se a comunidade aceita alguma variante, tal variante passará por mudança mais rápido do que aquela considerada “errada” pela comunidade.

Esse julgamento social acerca de determinada variante pode ocorrer, de acordo com Labov (2008), de forma consciente ou de forma inconsciente. Sendo assim, ele formula três categorias de significado social das formas em variação baseadas no nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável, são eles os estereótipos, marcadores e indicadores.

De acordo com Labov (2008 apud FREITAG, 2016), os estereótipos são traços socialmente marcados de forma consciente, alguns deles podem ser estigmatizados, o que pode levar a uma extinção mais rápida. Os estereótipos, carregam, algumas vezes uma carga social bastante negativa e são frequentemente, utilizados exageradamente e com tom cômico para salientar essa marca negativa.

Os marcadores são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que produzem respostas regulares em testes de reação subjetiva. Destarte, os marcadores são elementos linguísticos sociais e estilísticos que admitem implicações conscientes sobre o julgamento consciente ou inconsciente da pessoa que ouve sobre a pessoa que faz uso da variante. Assim, o mesmo falante que rejeita determinada variante pode fazer uso dela.

Os indicadores são traços socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa. Entendemos, assim, que os indicadores linguísticos são informações linguísticas passíveis de avaliação menos expressiva, tendo em vista que essa avaliação diria respeito a elementos sociais, tais como, a idade, região ou grupo social e não teriam motivações estilísticas.

Em se tratando do apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio, observamos que dependendo da região a variante está mais implementada ou não. Se observarmos os resultados gerais de Araújo e Aragão (2016) realizados em duas regiões do país, Sudeste e Nordeste, verificamos que a variante inovadora perde espaço para variante conservadora, conforme elucidada Araújo e Aragão (2016):

Examinando-se os dados das capitais brasileiras do Nordeste e do Sudeste do Brasil, extraídos do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB, vimos que as duas Regiões realizam, maciçamente, a consoante dental /d/ no morfema de gerúndio, a forma padrão, em detrimento do seu apagamento, a variante não padrão. (ARAÚJO; ARAGÃO, 2016, p. 21)

Todavia, os resultados de Ferreira (2010) demonstram que do total de 999 ocorrências de gerúndio analisados da amostra, 72% apresentaram o apagamento, evidenciando que os falantes produzem mais a forma não-padrão. Assim como os resultados de Nascimento *et al.* (2013) que investigaram o apagamento de /d/ nos gerúndios na fala popular de Fortaleza – CE, inferiram que das 477 ocorrências, 357 (74,8%) apresentaram o apagamento da oclusiva dental no gerúndio.

Perquirimos, assim, que o apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio pode interpretada como marcador, pois, apesar de os dados de Ferreira (2010) e de Nascimento *et al.* (2013), apresentarem uma porcentagem bastante alta, ainda existe uma parte dos falantes que não aderiram a variante inovadora, ou alternam entre as duas, o que nos faz pensar que a realização dessa variável em determinados momentos não se dá conscientemente.

### 2.2.4 Comunidade de fala

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, implementada por Labov, visa analisar e descrever um fenômeno linguístico dentro de um contexto social, ou seja, a também chamada Sociolinguística Laboviana tem como objeto de estudo a variação e mudança linguística no contexto social de fala.

Segundo Labov (1972), comunidade de fala é aquela que os falantes compartilham normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística, para ele:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, p. 120-121, tradução nossa<sup>14</sup>)

Uma comunidade de fala é caracterizada por ter pessoas que estão em contato regular por meio da língua, compartilhando as mesmas regras em relação à língua, até mesmo suas variações, ou seja, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na vida real.” (LABOV, p. 225, 2008).

Para Hymes (2009), a noção de comunidade de fala está relacionada a pessoas que compartilham regras de conduta e interpretação de fala de pelo menos uma variedade linguística, tendo em vista que o critério social é priorizado frente ao critério linguístico, pois o mesmo indivíduo pode fazer parte de diferentes comunidades de fala, ou seja, defende a heterogeneidade da comunidade de fala, flexibilizando a relação entre falante e comunidades, assim o estudo de regras gramaticais se torna ineficiente.

Com o mesmo ponto de vista, Romaine (1994) não acredita na comunidade de fala homogênea proposta por Labov (2001), visto que as mudanças acontecem individualmente, para ela falantes de uma comunidade de fala interagem com falantes de outras comunidades o que atribui às variantes linguísticas valores sociais diversos.

De uma maneira mais generalizada, Bloomfield (1926) define comunidade de fala como um grupo de pessoas que interagem por meio da fala. Portanto, os três estudiosos concordam

---

<sup>14</sup> “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.”

que as variações linguísticas são motivadas pelas diversas interações sociais efetivadas pelo indivíduo.

Um conceito que mais se aproxima ao conceito labovianos de comunidade de fala é o articulado por Guy (2001) segundo o qual se constitui a partir de três fundamentos básicos, quais sejam: são falantes que “-compartilham traços linguísticos que distinguem esse grupo de outros; - se comunicam relativamente mais entre eles do que com outros; - compartilham normas e atitudes frente o uso da linguagem.” (GUY, 2001, p. 33).

A observação dos conceitos discutidos anteriormente é relevante para o entendimento e enriquecimento da nossa pesquisa, tendo em vista que trazem contribuições e ampliam as discussões sobre comunidade de fala.

Não obstante, essa pesquisa encontra respaldo na Sociolinguística Laboviana, a qual reconhece a heterogeneidade linguística e a ideia de que a comunidade de fala é caracterizada por pessoas que compartilham os mesmos preceitos e valores. No entanto, LABOV (1972) não considera que os membros de uma mesma comunidade de linguística falam da mesma forma, mas sim, compartilham dos mesmos valores e crenças em relação às normas linguísticas daquela comunidade.

Da mesma forma Araújo (2019) argumenta que,

[...] a definição de comunidade de fala não tem nenhuma relação de negociação quanto ao uso da língua, porém, seus usuários participam de grupo de regras estabelecidas. Tais regras podem ser analisadas claramente em espécie de comportamentos avaliativos e em uma forma única de modelo especulativo de variação, que com base aos níveis individuais de uso, não variam. (ARAÚJO, 2019, p. 57).

As propostas anteriores atendem estudos onde o foco está no indivíduo e na sociedade, no entanto, para Labov sua noção de Comunidade de fala é fundamental visto que os estudos variacionistas se apoiam na sociedade. Além disso, conforme afirma Vanin (2009, p. 153) “o conceito de comunidade de fala é uma elaboração metodológica e, como tal, deve ser construído de forma ad hoc”, ou seja, é elaborada para analisar, descrever determinado fenômeno, não servindo para outra finalidade que não essa.

Como afirma Araújo (2019), o fato de a variação linguística ultrapassar os limites geográficos e sociais, a dificuldade em localizar um grupo de indivíduos pertencente a uma comunidade que faz uso da língua de forma diferente de outra comunidade no mesmo espaço geográfico ou social aumenta a complexidade para delimitar a comunidade de fala.

Seguindo os critérios conceituais utilizados por Bloomfield (1926 apud Araújo, 2019), poderíamos considerar o município Cidade de Goiás pertence à comunidade de fala de língua

portuguesa como toda população brasileira. Levando em consideração o espaço sociocultural defendido por Hymes (1972), faria parte da comunidade de fala de uma cidade histórica, antiga capital do estado de Goiás, bem como cidade natal da famosa poetiza Cora Coralina. Considerando o critério geográfico elencado por Guy (2001), nossa comunidade de fala urbana pertence à Cidade de Goiás.

Contudo, como já argumentado anteriormente, nosso estudo tem como pressupostos teóricos e metodológicos os defendidos pela Sociolinguística Variacionista, desta forma defendemos que a comunidade de fala é caracterizada por um grupo de falantes que compartilha das mesmas normas e valores, na qual a Cidade de Goiás se insere, assim como Lucchesi (2006), aderimos à visão Laboviana na qual uma comunidade de fala “não se define pela homogeneidade do comportamento linguístico dos seus membros, mas pelo sistema de valores com que julga esse comportamento e pelas tendências estruturais de mudança linguística impulsionada da rede de relações sociais.” (LUCCHESI, 2006, p. 10).

No capítulo 2, discutimos sobre o nível linguístico no qual defendemos estar inserido nosso fenômeno, relacionando o nível fonético-fonológico ao morfológico para assim explicar como acontece o processo de assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/. Procuramos também traçar um panorama histórico sobre os estudos acerca do gerúndio no Português Brasileiro desde a década de 1920, para ao final tecer discussões sobre os estudos variacionistas mais contemporâneos sobre o apagamento de /d/ em (ndo).

### 3 APAGAMENTO DE /D/ EM -NDO: UMA VARIÁVEL MORFOFONOLÓGICA?

Estudos sociolinguísticos revelam que todos os níveis linguísticos (sintáticos, morfológicos, semânticos, fonéticos e fonológicos) apresentam variações, condicionados por fatores internos ou externos a língua, podendo contribuir na constituição de algumas variantes no falar de uma mesma comunidade de fala, ou de indivíduos de uma mesma região. Isso se confirma se levarmos em consideração a diversidade e extensão do Brasil, sempre haverá uma heterogeneidade linguística considerável conforme atestam os trabalhos de Mollica e Mattos (1992); Cristófaró Silva (1996); Ferreira (2010); Vieira (2011); Martins e Bueno (2011); Hora e Aquino (2012); Nascimento *et al.* (2013); Araújo e Aragão (2016); Almeida e Oliveira (2017), Freitag *et al.* (2018); entre outros.

#### 3.1 DESCRIÇÃO FONOLÓGICA E MORFOFONOLÓGICA

Para Hayes (2009), existe uma relação bastante considerável entre a forma fonológica e a estrutura morfológica. O estudo dos sons da fala se divide em duas ciências, a fonética e a fonologia. Para ele a fonética é, primordialmente, uma ciência experimental que estuda os sons da fala de três pontos de vista: o ponto de vista da produção, ou, como os sons são produzidos no trato vocal humano; o ponto de vista acústico, ou seja, como as ondas sonoras são transmitidas pela atmosfera; e, do ponto de vista da percepção, ou seja, como os sons são percebidos pelo aparelho auditivo e interpretado pelo ouvinte.

A fonologia é igualmente uma ciência experimental, mas que envolve uma análise mais formal e teorização abstrata, procura observar e compreender as normas implícitas que o falante usa para apreender e manipular os sons da sua Língua.

Já nos estudos da estrutura das palavras, a morfologia: “[...] existem dois objetivos principais: isolar as partes das palavras e determinar as regras pelas quais as palavras são formadas. Para a primeira tarefa, é útil fazer uso do termo morfema, definido como menor unidade linguísticas carregada de significado.”<sup>15</sup> (HAYES, 2009, p. 103).

De acordo com Haymes (2009), a morfofonologia, também conhecida como morfofonêmica ou morfofonologia, se preocupa em estudar a relação entre os processos

---

<sup>15</sup> [...] *there are two basic goals: to isolate the component parts of words, and to determine the rules by which words are formed. For the first task, it is useful to make use of the term **morpheme**, defined as the smallest linguistic unit that bears a meaning.* (HAYMES, 2009, p. 103).

morfológicos e fonológicos ou fonéticos. Essa abordagem tem como foco principal as mudanças sonoras que ocorrem nos morfemas.

Visto isso, a morfofonologia é uma ciência linguística que estuda a interação entre os processos morfológicos e fonético-fonológicos, seu foco principal, “é descobrir um conjunto de normas básicas e regras ordenadas que sejam consistentes com os dados; e a recompensa é que padrões aparentemente complexos são frequentemente reduzidos a simplicidade.”<sup>16</sup> (HAYMES, 2009, p. 161). Ou seja, a morfofonologia busca observar as mudanças sonoras que acontecem nos morfemas quando eles se juntam para formar as palavras, assim como, busca descrever as regras ou restrições formais que impulsionam ou não a implementação da mudança.

Ao se combinarem os morfemas influenciam a estrutura sonora um do outro, resultando em diferentes variantes para o mesmo morfema, como no caso de falando > falanu, comendo > comeno. Dito isso, interessa para nosso estudo o ponto de vista da produção, - em se tratando da fonética - visto que, como veremos na discussão sobre assimilação, o ponto de articulação influencia no apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema de gerúndio /ndo/.

Assim como Hymes, Schwindt (2021) esclarece o objetivo principal da morfofonologia é tratar da relação entre morfologia e fonologia,

Essa relação pode ser pensada a partir de pelo menos dois pontos de vista: um mais geral, que diz respeito à comunicação entre entidades morfológicas e fonológicas, e outro mais específico, que se refere ao contato estabelecido entre os componentes morfológico e fonológico da gramática — o que em linguística formal se costuma rotular como interface. (SCHWINDT, 2021).

Grande parte dos trabalhos que analisam o gerúndio, conforme afirma Ferreira (2010), o fazem em uma perspectiva morfossintática, poucos investigam a redução do morfema de gerúndio na perspectiva morfofonológica. Ferreira (2010) elenca alguns trabalhos que realizam uma descrição mais geral nessa perspectiva e cita apenas um que o faz de forma exclusiva. Desta forma, assim como Ferreira (2010), acreditamos que a perspectiva morfofonológica é pertinente, pois o processo de redução, na variedade do português vilaboense, acontece apenas nos morfemas de gerúndio e não em outras classes gramaticais, tais como, no substantivo próprio Orlando ou na conjunção quando.

---

<sup>16</sup> “[...]is to discover a set of underlying forms and ordered rules that is consistent with the data; and the payoff is that seemingly complex patterns are often reduced to simplicity. (HYMES, 2009, p. 161).

Assim como os pesquisadores citados acima, Cristóvão Silva (1996) investigou a relação dos elementos fonológicos, morfológicos e sintáticos na gramática do português brasileiro. Nessa pesquisa, a autora procurou discutir as interferências dos processos fonológicos nos componentes morfológicos e sintáticos da gramática. De acordo com ela, o léxico é composto de palavras em que “informações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas estão presentes”. Neste trabalho é abordado dois tipos de processos fonológicos, [...] “um destes tipos prevê que um processo fonológico se aplicará apenas com a informação presente no componente fonológico e o outro tipo de processo fonológico depende de informação dos componentes morfológico e sintático”. (CRISTÓFARO SILVA, 1996, p. 57)

A pesquisadora descreve processo fonológico como sendo “um evento que cause algum tipo de alternância na sequência sonora de uma determinada língua”. Tal alteração é determinada por um contexto específico e determina que, quando as condições previstas forem encontradas, o processo e conseqüentemente a alteração se aplicará.” (CRISTÓFARO SILVA, 1996, p. 61)

Dentre os processos fonológicos discutidos pela pesquisadora, o que nos interessa é a redução do gerúndio que depende de informações do componente fonológico e também de informações vindas do componente morfológico, desta forma:

Quando temos [falãdu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente e /do/ ocorre como a sílaba final. Quando temos [falãnu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente, mas a consoante nasal irá também ocupar a posição de consoante inicial da sílaba final. (CRISTÓFARO SILVA, 1996, p. 63).

A seção é finalizada pela autora, destacando que o processo de redução se restringe as formas de gerúndio, em que as informações são dadas pelo componente fonológico e morfológico e que não há reorganização lexical interna.

### 3.2 PANORAMA HISTÓRICO DO GERÚNDIO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O primeiro estudioso a se debruçar nos estudos dialetais no Brasil, Amaral (1920), reconhece a existência das mudanças ocorridas na língua e as diferenças de uso em relação ao Português Europeu, o pesquisador recebe o apoio de muitos outros estudiosos que em seguida desenvolveram estudos em determinadas regiões do Brasil e que incluíram a descrição do

gerúndio, tais como Antenor Nascentes (1922) que estudou “O linguajar carioca em 1922”, e Marroquim (1934) que estudou “A língua do nordeste (Alagoas e Pernambuco)”.

No capítulo de morfologia do seu livro “Dialeto caipira”, Amaral (1920) relata um fato como sendo “um curiosíssimo processo de reduplicação verbal, corrente não só entre os caipiras de S. Paulo, mas em todo o país ou em grande parte dele.” (AMARAL, 1920, p. 25).

Segundo ele, “para exprimir ação muito repetida, usa-se uma perífrase formada com o auxiliar vir, ir, estar, andar, seguido de infinitivo e gerúndio de outro verbo. Assim: vinha pulá(r)-pulando, ia caí(r)-caindo, estava ou andava chorá(r)-chorando.” (AMARAL, 1920, p. 25).

O autor ao descreveu o motivo da predominância do gerúndio, momento em que diz não concordar que a explicação para tal fenômeno viria da tendência reduplicativa do “tupi”, afirmando que tal variação se trataria de tendência universal; e também porque as palavras são bem portuguesas, ainda que combinadas de forma estranha e porque na própria língua portuguesa existem explicações tão quanto ou até mais eficientes que aquela indiática<sup>17</sup>. De acordo com Amaral (1920):

É sabido que, no tempo dos autores quinhentistas, o uso do gerúndio nas perífrases (como anda cantando), era muito mais vulgar do que hoje. Atualmente, em Portugal, o povo prefere, quase sempre, a construção com infinitivo (anda a cantar). Assim, a concorrência decisiva entre os dois processos se pronunciou justamente após a descoberta do Brasil. A particularidade em questão é talvez legado genuíno dessa época de luta, no qual se reúnem a modalidade mais freqüente outrora, importada pelos primeiros povoadores, e aquela que depois veio a predominar. O nosso povo, -inculto, em grande parte produto de mestiçagem recente, aprendendo a custo o mecanismo da língua, - diante dos dois processos concorrentes, não atinou, de certo, com as razões por que se preferia ora um, ora outro, e acabou por combiná-los. (AMARAL, 1920, p. 25).

Amaral (1920) diz que como efeito de tal processo, não por causa da reduplicação, os verbos assim combinados sofreram uma pequena evolução sematológica no sentido da intensificação do seu valor iterativo, conforme exemplo a seguir:

Port. = Vinha a virar; vinha a virá(r), ou vinha a virá(r) virando

Dial. = Vinha virando, vinha virando (p. 27)

---

<sup>17</sup> Termo utilizado por Amaral (1920) para se referir a língua indígena.

Ao final, Amaral (1920) justifica que o motivo da mudança seria o uso intensivo de perífrase com gerúndio de acordo com “a velha língua”, pelo nosso caipira, ao invés do uso da forma infinitivo com preposição usado no falar português.

Marroquim (1934) também relata a substituição do infinitivo regido de *a* pelo gerúndio na região nordeste, - assim como Amaral (1920) e Nascentes (1922) ao estudarem respectivamente o falar em São Paulo e no Rio, - observa que, no Nordeste, o uso do gerúndio é geral e que o emprego do gerúndio em vez do infinitivo regido de *a*, é, sintaxe ainda vigente no português de Portugal, conquanto pouco vulgar, conforme exemplo abaixo:

- a) Português = ... e vejo-a assim, a tomar conta de mim, a dar me banhos e a me vestir.
- b) Dialeto= . . . e vejo-a assim, *tomando* conta de mim, *dando-me* banhos e me *vestindo*. "Menino de engenho", 14 (p. 210)

Campos (1972) apresenta um estudo sobre o gerúndio nas línguas românicas fazendo um recorte das principais construções em algumas fases, inferindo que ao observar o conjunto das línguas indo-europeias, verificou-se “que o gerúndio é uma forma particular da língua latina, enquanto outras formas nominais que lhe são próximas, como o gerundivo e o particípio presente tem amplitude maior dentro do conjunto destas línguas.” (CAMPOS, 1972, p. 383).

A função do gerúndio e em parte do gerundivo, de acordo com a autora, é a de completar a flexão do infinitivo que não tem flexão própria e só ocorre com valor nominal no nominativo e no acusativo. A diferença fundamental entre eles, gerúndio e gerundivo, é que o gerundivo é usado quando se tem o objeto direto, ao passo que o gerúndio é usado com composições intransitivas.

Após uma descrição histórico-comparativa, Campos (1972) verifica que há uma flexibilidade maior no uso do gerúndio nas línguas românicas do que no latim clássico e classifica o gerúndio nas línguas românicas em cinco grandes tipos: a) circunstancial, ex.: “Amanhã, Deus *permitindo*, começaremos a viagem (p. 388)”; b) adjetivo, ex.: “Era uma fêmea de faisão acompanhada por seus filhotes *brincando* nos ninhos de formigas aqueles ovos esbranquiçados (p. 391)”; c) coordenado, ex.: “Para não provocar novas risadas o presidente fez as outras interrogações, *respondendo* ele mesmo a todas... (p. 392)”; d) equivalendo a um verbo num modo finito, ex.: “Ainda mais quando adivinharam suas intenções. *Começando* a compadecer-se como nunca da fascinação sob a qual vivia. (p. 393); e e) perífrases com o

gerúndio, que apesar de comparado com o português contemporâneo, não se assemelham por completo.

Entre os séculos XVI e XIX, o gerúndio apresentou um progresso em suas funções, resultando no aparecimento de novos tipos que não existiam no período arcaico, bem como na diversificação e ampliação de uso de outros mais restritos naquela época, são eles o gerúndio circunstancial, o adjetivo, o coordenado, o narrativo, o exclamativo, o interrogativo e ainda a perífrase.

Cunha e Cintra (2001), afirmam que “a construção de *estar* (ou *andar*) + gerúndio, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 396).

No entanto, conforme elucida Cunha (2001), no português padrão de Portugal e nos dialetos setentrionais, predomina a construção *estar* (ou *andar*) + preposição *a* + infinitivo e que de em quando aparece na escrita de algum escritor brasileiro, conforme exemplos abaixo (cf. exemplos em CUNHA; CINTRA, 2001):

*“Estava a passar a cera no cordão e a ouvir Gonçalo Cintra quando se ergueu de um salto. (p. 396)*

*Três meses ali estava, João Joanes, a pescar com Pé-de-Vento, a visitar os vizinhos, a ajoelhar-se na sepultura da mulher. (p. 396)*

*O filho lá estava, correndo na areia, a brincar com outros meninos.” (p. 397)*

Dessa forma, ponderam Cunha e Cintra (2001) que no caso do gerúndio o falante do Português Brasileiro continua falando o gerúndio, considerada forma clássica, ao passo que o falante do português de Portugal tem optado de forma gradativa pela forma inovadora *a* + *infinitivo* (infinitivo gerundivo).

Por conseguinte, é certo afirmar que os empregos anteriores do gerúndio passaram por mudanças e ampliação graduais, apresentando em várias fases características próprias daquele período, evoluindo gradualmente até a contemporaneidade, e certamente essa descrição histórica contribui para os estudos do gerúndio atualmente. A partir de agora passaremos a descrever o gerúndio na perspectiva normativa.

### 3.3 PERSPECTIVA NORMATIVA

De acordo com Cunha e Cintra (2001), o verbo toma diferentes formas para indicar a atitude do falante em relação a quem se fala, segundo ele, há três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Além dessa classificação, Cunha e Cintra (2001) também classifica as formas nominais dos verbos em: infinitivo, gerúndio e particípio. O gerúndio é formado a partir do infinitivo impessoal e é estruturado substituindo-se o sufixo -r do infinitivo pelo sufixo -ndo (comendo = come(r) + -ndo).

Ainda de acordo com Cunha e Cintra (2001), o gerúndio apresenta duas formas: simples (lendo) e composta (tendo ou havendo lido).

A forma composta do gerúndio “é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal.” (cf. exemplo de CUNHA; CINTRA, 2001, p. 490):

*Não tendo conseguido dormir, fui esquentar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e Idalina.* (O. Lara Resende, BD, 112)

Já a forma simples “expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 490). Como por exemplo. O valor temporal expressado no gerúndio dependerá de sua colocação na frase, ou seja, se o gerúndio vier anteposto a oração principal (colocado no início do período) indicará (cf. exemplos em CINTRA; CUNHA, 2001):

- a) Uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

*Ganhando a praça, o engenheiro suspirou livre.* (A.M. Machado, HR, 41)

- b) Uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

*Estremecendo, vejo um casal de sessenta anos.* ((A. Abelaraira, QPN, 131)

Se colocado junto do verbo principal, o gerúndio indicará uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

*Arrastou-se penosamente, **gatinhando** na areia.* (C. de Oliveira, AC, 91)

Se colocado depois da oração principal, o gerúndio indica ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração iniciada pela conjunção *e*:

*No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo.*  
(L. Jardim, MP, 47)

O gerúndio antecedido da preposição *em* marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal:

*Em se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.* (Monteiro Lobato, U, 127)

O aspecto inacabado do gerúndio dá a ele a ideia de progressão indefinida, acentuando mais ainda essa ideia se a forma vier repetida, e em outras vezes substitui a forma imperativa:

***Andando, andando**, esquecia-se o mal e o bem.* (A. Ribeiro, M, 137)  
*Andando!* (=Vá andando! Ande!)

O gerúndio se combinado com os verbos auxiliares *estar, andar, ir e vir*, marca diferentes aspectos da execução do processo verbal.

a) **Estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso:

*Estas delongas **estão afligindo** a curiosidade de quem me ler.* (M. Bandeira, PP, 1, 211)

b) **Andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado:

***Andei buscando** esse dia pelos humildes caminhos...* (C. Meireles, OP, 277)

c) **Ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

*Vagaroso, o tempo foi passando.* (M. Torga, NCM, 21)

- d) Vir seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

*A noite vem chegando de mansinho.* (F. Namora, RT, 86)

Após esse breve panorama dos estudos do gerúndio no Brasil, passaremos a falar sobre a variação do gerúndio na contemporaneidade. Para iniciar a discussão falaremos sobre o processo de Assimilação no próximo tópico.

### 3.4 A REDUÇÃO DO MORFEMA -NDO PELO PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO

No português brasileiro é comum em algumas regiões pronunciarem-se os verbos no gerúndio com a terminação [no], ao invés da terminação [ndo]. Esse processo é chamado de assimilação, que consiste em transformar o encontro de duas consoantes em um único som, um único fonema.

De acordo com Cristal (2000, p. 33), o termo assimilação é utilizado na Fonética e se refere a “influência exercida por um segmento de som sobre a ARTICULAÇÃO de outro, de forma que os sons se tornem mais parecidos, ou mesmo idênticos”.

Para Cristal (2000), existem alguns tipos de assimilação que podem variar de acordo com o dialeto, ou seja, a depender da pronúncia de cada som, pode variar entre “parcial” ou “total”. Cristal (2000) traz os seguintes exemplos para explicar cada uma delas:

Na palavra *pasta*, por exemplo, o /s/ é articulado como uma consoante SURDA ([s] ou [ʃ], dependendo do DIALETO) por causa da proximidade de uma consoante surda. Já em *vesgo*, o /s/ é pronunciado como uma consoante SONORA ([z] ou [ʒ], também dependendo do dialeto), devido à proximidade da outra consoante sonora. (CRISTAL, 2000, p. 33)

Assim, essa assimilação é considerada parcial, pois os sons não ficaram idênticos, ao contrário do que aconteceria em *ten mice* (dez camundongos), exemplo citado pelo autor, em que o /n/ é assimilado totalmente pelo /m/ se tornando um só som.

Cristal (2000) segue detalhando outras classificações de assimilação e lista outras duas: “contígua ou de contato”, que acontece quando o som é influenciado por sons adjacentes e “não-contígua ou à distância” acontece quando o som é influenciado por sons mais distantes.

Outra classificação possível é aquela que se baseia na direção que a assimilação toma, ou seja, se o som muda por influência do som seguinte ela é chamada de assimilação regressiva; se o som muda por influência do som anterior é chamada de assimilação progressiva; e se o som muda por influência do som anterior e posterior é chamada de assimilação dupla.

Dalpin e Méa, assim como Cristal (2000) conceituam e classificam a assimilação:

A assimilação, então, vem a ser a passagem de um fonema em igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra. [...] A assimilação é um tipo muito frequente de modificação sofrida por um fonema em contato com um fonema vizinho, o que é devido ao fato de as duas unidades em contato terem traços articulatorios comuns. Essa modificação pode corresponder a uma adaptação antecipada dos órgãos fonadores para a pronúncia do fonema precedente. (DALPIN; MÉA, 2002, p. 206).

Ainda de acordo com Dalpin e Méa (2002) a assimilação é classificada em: a) vocálica, quando o fonema assimilado é uma vogal; b) consonantal, quando o fonema assimilado é uma consoante; c) total, quando o fonema assimilado se identifica com o assimilador; d) parcial, quando não há perfeita identidade entre assimilado e assimilador, mas apenas uma semelhança; e) progressiva, quando o fonema assimilador vem antes do fonema assimilado; f) regressiva, quando o fonema assimilador vem depois do assimilado; g) contígua, quando o fonema assimilador e assimilado são vizinhos, encostados um no outro; e h) não contígua: quando os fonemas assimilador e assimilado estão distantes um do outro.

Dalpian e Méa (2002 apud FERREIRA, 2010) afirmam ao tratar de questões fonético-fonológicas da língua que:

na redução do morfema de gerúndio, há um processo de assimilação na troca do /nd/ por /n/, como em: *andando* > ‘anda[no]’, *falando* > ‘fala[no]’, *comendo* > ‘come[no]’, *fazendo* > ‘faze[no]’, *vendo* > ‘ve[no]’, *cantando* > ‘canta[no]’. Para eles, o fato de os fonemas dentais ou alveolares, respectivamente, [n] e [d] serem pronunciados na mesma zona de articulação torna-os iguais ou semelhantes, quanto ao modo de articulação. Dessa maneira, a forma *andando* passaria por dois processos ‘anda[nno]’ > ‘anda[no]’: a primeira forma e uma assimilação em que o /d/ se transforma em /n/ (nd > nn) e a segunda é uma simplificação (nn > n). (FERREIRA, 2010, p. 28).

Bagno (2007) também esclarece que o apagamento da oclusiva dental /d/ em vocábulos como “comendo”, acontece devido às semelhanças que o ponto de articulação que as consoantes /n/ e /d/ tem o que resulta em um processo de assimilação, ou seja, ocorre uma alteração em que um fonema se torna idêntica ao outro.

Nesse sentido, o autor afirma que o /d/ em primeiro lugar é assimilado pelo /n/ resultando em consoante dupla /nn/ que em seguida simplifica em /n/. Considera um traço gradual<sup>18</sup> do português brasileiro, pois mesmo aqueles falantes mais escolarizados “tendem a pronunciar, na fala menos monitorada, a terminação dos gerúndios como [-n<sup>d</sup>u], com um /d/ muito fraquinho ou francamente como [-nu] (BAGNO, 2007, p. 214).

A redução do gerúndio vem sendo estudada em falares do português brasileiro, para corroborar ou refutar os dados e resultados encontrados em nossa pesquisa, nos apoiaremos nos estudos de Ferreira (2010); Vieira (2011); Martins e Bueno (2011); Hora e Aquino (2012); Nascimento *et al.* (2013); Araújo e Aragão (2016); Almeida e Oliveira (2017); Freitag *et al.* (2018); Gonçalves (2018); Araújo (2019); entre outros, que passaremos a discutir na próxima subseção

### 3.5 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE O APAGAMENTO DE /D/ EM (NDO)

De acordo com Araújo e Aragão (2016), o apagamento de /d/ em gerúndio acontece também no português europeu e no italiano conforme investigam Silva Neto (1952) e Melo (1971). No Português brasileiro esse apagamento foi registrado por Amaral na década de 1920 nos primeiros estudos dialetológicos, seguidos por outros estudos, também dialetológicos, conduzidos por Marroquim (1934); Teixeira (1938); Melo (1971); e Aragão (1984), conforme abordado no tópico 2.2.

Acerca dos estudos dialetológico, devemos mencionar a criação do Projeto do Atlas linguístico do Brasil (ALiB) iniciado em 1996, com o objetivo de retratar os diferentes falares existentes no Brasil. O projeto é composto por informantes de 250 localidades diferentes, incluindo capitais e cidades do interior do Brasil e considera a dimensão diatópica, bem com as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade. Trata-se um banco de dados rico para construção de trabalhos sociolinguísticos que buscam descrever inúmeras variáveis do português brasileiro.

Partindo de dados do ALiB, Araújo e Aragão (2016) investigaram o papel dos fatores sociais na redução do gerúndio em capitais de duas regiões do Brasil, Nordeste e Sudeste. Foram selecionados 104 informantes de 13 capitais, sendo 09 da região nordeste (Aracaju,

---

<sup>18</sup> “Temos, assim claramente, dois grandes conjuntos de traços linguísticos: aqueles que aparecem na fala de todos os *brasileiros*, independentemente de sua origem social, regional etc; e aqueles que aparecem principalmente na fala dos brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais etc. Ao primeiro grupo de traços vamos dar o nome de **traços graduais**. Ao segundo, vamos dar o nome de **traços descontínuos**.” Grifos do autor (BAGNO, 2007, p. 142)

Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís e Teresina) e 04 da região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte).

Os resultados encontrados pelas pesquisadoras mostraram que nas capitais da Região Sudeste, foram encontrados no total 92 dados, sendo que 14 (15,2%) apagam o /d/ no morfema de gerúndio e 78 (84,8%) realizam o /d/ no morfema de gerúndio. Na análise realizada pelo GoldVarb X, houve um *imput* de 0,069, mostrando uma baixa probabilidade de ocorrência do apagamento, e significância = 0,009. Os fatores sociais escolhidos pelo programa estatístico foram faixa etária e escolaridade, que passaremos a descrever.

De acordo com a Tabela 1, os resultados apresentaram que, na região Sudeste, os homens aderem mais a variante inovadora, trazendo peso relativo (PR) igual a 0,811, ao contrário das mulheres que fazem mais uso da variante conservadora, apresentando peso relativo (PR) igual a 0,179.

Tabela 1 - Atuação da variável sexo/gênero sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Sudeste do Brasil.

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Masculino	13/47	27,7	0,811
Feminino	19/45	2,2	0,179

Fonte: Araújo e Aragão (2016).

De acordo com a tabela 2, as pesquisadoras inferiram que os informantes com menor escolaridade aplicam mais a variante não padrão (peso relativo = 0,712), enquanto os mais escolarizados favorecem a forma padrão (peso relativo = 0,296).

Tabela 2 - Atuação da variável escolaridade sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Sudeste do Brasil.

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Até o 8º ano Ensino Fundamental	11/45	24,4	0,712
Ensino superior completo	310/47	66,4	0,296

Fonte: Araújo e Aragão (2016).

A análise realizada na Região Nordeste apresentou um total de 210 dados, tendo em vista que 48 (22,9%) realizavam o apagamento e 162 (77,1%) mantinham o /d/ em gerúndio.

Na Tabela 3, percebemos que os homens (PR=0,650) aderem ao apagamento de /d/ em gerúndio, ao contrário das mulheres (PR=0,353) produzem o /d/ em gerúndio.

Tabela 3 - Atuação da variável sexo/gênero sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Nordeste do Brasil.

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Homens	34/104	32,7	0,650
Mulheres	14/106	13,2	0,353

Fonte: Araújo e Aragão (2016).

A tabela 4 mostra que os informantes menos escolarizados da região nordeste (PR=0,646) utilizam a forma inovadora, enquanto os mais escolarizados (PR=0,354) optam pela forma conservadora.

Tabela 4 - Atuação da variável escolaridade sobre o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Nordeste do Brasil.

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Até o 8º ano Ensino Fundamental	34/105	32,4	0,646
Ensino superior completo	14/105	22,9	0,354

Fonte: Araújo e Aragão (2016).

As pesquisadoras concluem que nas duas regiões, os falantes, em sua maioria, realizam a oclusiva dental /d/ em gerúndio, sendo que a redução aparece um pouco mais no Nordeste e em ambas as regiões os homens optam pelo apagamento de /d/ em gerúndio, além dessa ser uma opção também das pessoas menos escolarizadas.

É interessante atentar para os dados da pesquisa anterior, visto que os resultados diferem em grande parte com os resultados de outras pesquisas, no entanto, essa discussão se dará no capítulo de análise dos dados.

Elencaremos, agora, alguns trabalhos que discutem o apagamento de /d/ em (ndo) no português Brasileiro em diversas regiões do país, cujo *corpus* foi constituído por entrevistas realizadas pelos próprios pesquisadores ou retirados de outros bancos de dados.

Ferreira (2010) analisou o comportamento dos morfemas de gerúndio /ndo/ que na fala podem ser realizados como [no], por meio de um processo fonológico de apagamento do /d/ em São José do Rio Preto (SP). O *corpus* foi constituído de 76 narrativas de experiência provenientes do banco de dados Iboruna. Os informantes são de ambos os sexos/gênero. Foram verificadas as variáveis linguísticas: estrutura sintática, material interveniente entre o auxiliar e o verbo no gerúndio da perífrase e tipo de auxiliar em perífrases; e extralinguísticas (faixa etária; escolaridade; sexo/gênero). Do total de 999 ocorrências de gerúndio analisados

da amostra, 72% apresentaram o apagamento, evidenciando que os falantes produzem mais a forma não-padrão.

As variáveis selecionadas como relevantes para o fenômeno foram: sexo/gênero (homens, com peso relativo 0,59), escolaridade, (o 1º ciclo do ensino fundamental, com peso 0,72), faixa etária (26 a 35 anos, com peso 0,64) e contexto morfossintático (justaposição, com peso 0,80). O estudo também revelou que a aplicação do apagamento passa a ser menos produtiva a partir da faixa etária de 36 a 55 anos.

Vieira (2011) estudou o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio em Taboco – MS, propondo investigar o efeito das construções identitárias de gênero sobre a produção de variáveis linguísticas, para a obtenção dos dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada (entrevista com um roteiro prévio, mas não restrita ao mesmo) com 16 informantes 8 mulheres e 8 homens com escolaridade até o 9º ano do Ensino fundamental, distribuídos em duas faixas etárias (faixa 1: 15 a 35 anos; e faixa 2: acima de 50 anos). Além das variáveis mencionadas anteriormente, foram também analisados: classe morfológica, extensão do vocábulo, contexto precedente e contexto seguinte. Os dados da pesquisa em questão foram tratados estatisticamente por meio do *software* de análise estatística *Goldvarb*.

Em relação aos fatores extralinguísticos sexo/gênero, os resultados revelaram que os homens (80%) demonstram uma maior tendência ao apagamento do que as mulheres (70%).

Em relação aos fatores linguísticos, os resultados revelaram as variáveis que favorecem o apagamento são: extensão do vocábulo (94% são trissílabos e 93% polissílabos); contexto fonético-fonológico precedente com vogal (92% vogal anterior alta /i/; 88% vogal média /e/ e /ɛ/, 68% vogal baixa central /a/); contexto fonético-fonológico seguinte consoantes (92% bilabial nasal /m/; 84% alveolares /n,r,l/; 83% oclusivas bilabiais /p,b/; 80% oclusivas velares /k,g/; 82%, fricativas labiodentais /f,v/; 74% oclusiva dental /t,d/; 88% as vogais posteriores /o, ɔ, u/ e 80% central /a/; e 82% a pausa.

Martins e Bueno (2011) investigaram a mudança de [nd] em [n] no português falado na região de fronteira, mais especificamente da região de Dourados e Ponta Porã-MS. O *corpus* foi constituído pela fala de 12 informante das cidades fronteiriças com Paraguai, estratificado em gênero (homem/mulher), faixa etária (de 20 a 50 anos e 51 em diante), nível de escolaridade (analfabeto e fundamental). Os resultados apresentaram maior produção da variante não padrão em mulheres; não escolarizados e faixa etária de 20 a 50.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) averiguaram os fatores linguísticos e sociais que condicionam o apagamento da oclusiva alveolar /d/ no morfema de gerúndio /ndo/, no falar popular de Fortaleza-CE. A amostra utilizada por elas foi extraída do arquivo sonoro do banco

de dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Os informantes foram estratificados em dois níveis de escolaridade (de 0 a 4 anos de estudo e de 9 a 11 anos), três faixas etárias distintas (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir dos 50 anos) e dois gêneros (masculino e feminino), no total de 24 entrevistas. As variáveis linguísticas investigadas foram contexto fonético antecedente, contexto fonético subsequente e extensão do verbo.

De modo geral, foram encontradas 345 ocorrências do apagamento, equivalente a 74,2% dos verbos observados, considerando, assim, alto índice de aplicação da regra no falar fortalezense.<sup>19</sup>

Os resultados revelaram que a faixa etária, a compreendida entre 26-49 anos foi a que mais favoreceu o processo. A faixa etária mais elevada, acima de 50 anos, foi a mais desfavorecedora.

Em relação à variável gênero, o processo mostrou-se mais favorecido entre as mulheres. A análise das variáveis linguísticas evidenciou que o contexto anterior /i/ desfavoreceu o processo em relação a /e/ e /o/. Em relação ao contexto seguinte, confirmou-se a hipótese de que “consoantes com características fonéticas semelhantes ou idênticas àqueles presentes no morfema /ndo/ favorecem a redução do gerúndio.” (MARTINS BUENO, 2011, p. 409). A extensão do vocábulo não foi considerada estatisticamente significativa.

Assim como os pesquisadores mencionados, investigamos o processo de apagamento em /ndo/ e buscamos progredir na análise em uma perspectiva morfofonológica considerando para tanto os condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

Almeida e Oliveira (2017) avaliaram o processo de apagamento de /d/ em gerúndio na cidade de Maceió – AL. Os dados estudados fazem parte da amostra inicial do projeto ‘Variação linguística no português alagoano – PORTAL’. Foram entrevistados 30 informantes, 15 homens e 15 mulheres, nascidos na cidade de Maceió e que não se afastaram por mais de um ano da cidade, contemplando as faixas etárias de 18 a 30 anos; de 40 a 55 anos e acima de 65 anos de idade, com 10 informantes em cada faixa. Além das variáveis citadas antes, também consideraram as variáveis linguísticas extensão do vocábulo, a conjugação verbal e o contexto fonético-fonológico seguinte.

Após análise da forma de gerúndio /ndo/ /no/, os pesquisadores constataram que a variável idade não foi estatisticamente significativa, indício de que não há um processo de mudança em curso em relação ao apagamento de /d/ em gerúndios do falar maceioense.

---

<sup>19</sup> Conforme relatam Almeida e Oliveira (2017) foram realizadas duas rodadas, visto que na primeira foram encontrados cinco nocautes, foi necessária uma segunda rodada excluindo-se os nocautes.

Constataram ainda que a extensão do vocábulo foi relevante para o condicionamento da redução do gerúndio, ou seja, quanto maior o item lexical, maior a possibilidade de apagamento do /d/ na terminação -ndo do gerúndio. Em relação ao contexto fonético seguinte, verificaram que os contextos que poderiam levar ao apagamento do /d/ influenciado pelo processo de haplologia favoreciam tal apagamento.

Araújo (2019) descreveu a realidade sociolinguística do município de Envira (AM), com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio, resultando nas variantes [-nu] e [-ndu] com base em pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998). Foi considerado o eixo horizontal (zona urbana e zona rural de Envira), assim como o vertical incluindo as variáveis diastráticas (sexo; faixa etária; escolaridade) e as variáveis intralinguísticas: conjugação verbal; e tamanho da forma verbal<sup>20</sup>.

De modo geral, Araújo (2019) analisou 784 ocorrências de formas verbais e observando que a forma inovadora apresenta 62% das ocorrências, inferindo uma significativa ocorrência dessa variedade na região.

A pesquisadora utilizou o programa estatístico *GoldVarb X* que selecionou como mais relevantes os fatores linguísticos (terminação verbal, extensão do vocábulo) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade e zona rural/urbana) cujos resultados foram apresentados em 13 cartas morfofonológicas.

De modo geral, referente à terminação verbal, os resultados de apagamento de /d/ em -ndo se mostraram mais presentes nos verbos de 1ª e 3ª conjugação com peso relativo de 0.50 e 0.52 respectivamente, apesar de os pesos relativos de ambos estarem próximo ao ponto neutro.

Em relação à extensão do vocábulo, no que diz respeito ao percentual, os resultados foram mais favoráveis ao apagamento nos verbos polissílabos, ao analisar o peso relativo a pesquisadora encontrou resultado diferente no qual os verbos dissílabos e trissílabos são mais propensos ao apagamento de /d/ em -ndo. Araújo (2019) atribui “essa assimetria entre as ocorrências dos verbos polissílabos e o valor do peso relativo com relação aos dissílabos e trissílabos” a uma distribuição irregular dos dados, “o que aparenta ser um grupo pouco significativo para a realização do fenômeno estudado. O que confirma o *input* desse grupo, pois para uma distribuição equilibrada, o cálculo deve se aproximar de 0.40, segundo Guy e Zilles (2007).” (ARAÚJO, 2019, p. 116).

---

<sup>20</sup> Termo utilizado pela pesquisadora equivalente a extensão do vocábulo.

Para a variável sexo, fator homem, o peso relativo de 0.65 confirmou a hipótese de que os homens são mais propensos a realizar o gerúndio na variante [-no], sendo, portanto, a variável sexo/gênero fator condicionante para o apagamento de /d/ em -ndo.

Nos resultados gerais para a variável faixa etária, Araújo (2019) verificou que há favorecimento do apagamento de /d/ em -ndo independente de faixa etária, tendo em vista que os pesos relativos de ambas as faixas etárias analisadas apresentaram valor muito próximo (0.52/0.55).

Para a variável extralinguística na dimensão diazonal (zona rural ou urbana) Araújo (2019) verificou que de acordo com o peso relativo, a zona rural (0.60) se apresenta favorável ao apagamento de /d/ em -ndo em relação a zona urbana com 0.40.

Para a variável escolaridade os dados apresentaram uma discordância em relação aos trabalhos trazidos para o estudo da pesquisadora, pois, ao contrário daqueles, pessoas com nível de escolaridade maior (Fundamental II) se mostraram mais propensas ao apagamento de /d/ em -ndo. Araújo (2019), então argumenta que

Evidentemente esse resultado deixa uma lacuna que merece ser investigada de forma mais aprofundada, levando em consideração aspectos relevantes como selecionar informantes de classes sociais diferentes, em contextos de fala diversos e outros níveis de escolaridade. Dessa maneira, provavelmente encontraríamos elementos que pudéssemos compreender melhor esse resultado. Diante de tudo que foi exposto, podemos deduzir que o fenômeno do apagamento de [d] no morfema de gerúndio não é tratada de maneira estigmatizada pelos falantes com maior nível de escolaridade. (ARAÚJO, 2019, p. 124).

De acordo com Lucchesi (2006) podemos observar se determinado fenômeno se trata de uma variação estável ou mudança em progresso analisando as variáveis linguísticas e sociais, ou seja, é possível verificar se o quadro de variação se manterá por um determinado período ou se o processo de variação caminha em favor de uma das variantes. Essa observação é feita levando em consideração a estrutura linguística variável e os fatores de estrutura social.

Assim, se observarmos um cenário em que falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem uma maior frequência de uso das formas inovadoras (nesse caso da forma não prestigiada) do que os falantes da classe média ou baixa e baixa escolaridade, apontaria para uma situação de variação estável, desta forma é necessário um estudo mais acurado para verificar a opção da variável -no pelos falantes de maior nível de escolaridade.

No próximo capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos, descrevemos a comunidade de fala e o corpus utilizado na pesquisa, falamos também sobre os programas

utilizados para análise do corpus, tal como o PRAAT, utilizado para verificar parâmetros acústicos e o Ambiente R, programa estatístico utilizado para quantificar os resultados.

## 4 MATERIAIS E MÉTODO

O presente capítulo apresenta os procedimentos metodológicos percorridos durante nossa pesquisa. Pautamo-nos nos procedimentos técnicos da Sociolinguística Variacionista, que apresenta uma metodologia específica e bem delimitada.

Nessa pesquisa, o *corpus* utilizado foi coletado por Bernardes (2020), no âmbito do Sociolingo. As entrevistas foram gravadas em um notebook e no celular, em seguida foram salvas em áudio digital (.wav). As gravações das entrevistas foram realizadas no trabalho ou na casa dos participantes e resultaram em mídias de aproximadamente 60 minutos.

Antes da gravação, a documentadora preencheu a ficha social do participante, com informações pessoais. Logo no início, foi informado ao voluntário que a entrevista seria gravada, que posteriormente, ele teria que assinar um termo de consentimento e preencher um questionário socioeconômico.

Apresentamos nesse capítulo: em 3.1 uma descrição do município da Cidade de Goiás; em 3.2 o *corpus*; em 3.3 o programa PRAAT; e em 3.4 o programa estatístico utilizado para analisar os dados o Ambiente R.

### 4.1 COMUNIDADE DE FALA – A CIDADE DE GOIÁS

De acordo com Labov (1972), a comunidade de fala é delimitada por um grupo de pessoas que compartilham as mesmas regras. Tomamos assim, a comunidade de fala da Cidade de Goiás para realizarmos uma investigação sobre a ocorrência do apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio no falar daquela comunidade.

A cidade de Goiás-GO é a antiga capital do estado de Goiás, fica a 141 km da atual capital, na Região denominada região do Ouro. Foi fundada em 1729 e foi a sede do governo do Estado até 1933. O nome Goiás deriva dos índios Goyazes que habitavam a região e foram extintos tempos depois. Antes de se chamar Cidade de Goiás tinha o nome de Vila Boa de *Goyas*, por isso os moradores de Goiás são chamados de vilaboenses.

#### 4.1.1 Panorama histórico

Segundo Chaim (1983) entre os anos de 1592 até 1722 quando a Bandeira de Bartolomeu Bueno penetrou o sertão goiano, uma dezena de expedições já tinham cruzado

Goiás, no entanto, antes disso a região “era conhecida apenas pelos índios, agrupados em numerosos grupos tribais (2) das nações Tupi e Gê, algumas das quais subsistem ainda, embora outras tenham desaparecido inteiramente (3)” (CHAIM, 1983, p. 44)

De acordo com Borges (2010), o primeiro bandeirante a se fixar em Goiás foi Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera). A bandeira de Bartolomeu Bueno saiu de São Paulo no dia 3 de julho de 1722 rumo ao centro do país, e apesar de outras bandeiras já terem conhecido o caminho, muitos componentes dessa expedição morreram pelo caminho. Bartolomeu encontrou ouro nas cabeceiras do Rio Vermelho, atual região da Cidade de Goiás, despertando seu interesse em se estabelecer na região definitivamente.

Em 1726 foi fundado o Arraial de Sant’Anna, aglomerado minerador povoado pelos bandeirantes paulistas, que futuramente passaria a se chamar Vila Boa de *Goyaz*, mais tarde, Cidade de Goiás e seria durante 200 anos a capital do estado.

Segundo Borges (2010), a princípio Bartolomeu Bueno administrou o local das minas, no entanto, com a elevação de Vila Boa de *Goyaz* a capitania, em 1749 chegou no local o primeiro Governador e Capitão General, D. Marcos de Noronha, o conde dos Arcos. Momento em que passa a se chamar Capitania de Goiás, designação que conservou até se tornar província. O processo de independência em Goiás se deu gradativamente, tendo como primeiro presidente, nomeado por D. Pedro, o Dr. Caetano Maria Lopes Gama, que assumiu o cargo em 14 de setembro de 1824.

Devido a alguns fatores administrativos e logísticos, Goiás não acompanhou o desenvolvimento do restante do país, o que resultou em insatisfação de grupos locais que passaram a “lutar pelo nascimento de uma consciência política local lançando bases futuras de oligarquias goianas” (BORGES, 2010, p. 5), no entanto, conforme afirma a pesquisadora, nesse período, os fatores socioeconômicos não sofreram mudanças,

“as elites dominantes continuaram as mesmas; não ocorreu imigração europeia; permaneceram os latifúndios improdutivos; decadência econômica, pecuária e agricultura deficitária, educação precária, povo esquecido em suas necessidades.” (BORGES, 2010, p. 5).

Em 1930, com a vitória do movimento renovador, Pedro Ludovico Teixeira, propõe a mudança da capital do estado de Goiás, definida pelo decreto de 18 de maio de 1933. A cidade de Goiás sofreu economicamente com a mudança da capital para Goiânia, e hoje tem como base econômica o turismo, o comércio local e a agropecuária. No entanto, apesar da mudança da capital para Goiânia e as mudanças econômicas sofridas pela cidade, a arquitetura e cultura foram preservadas.

Em 1950 e 1951 inicia-se o processo de tombamento de algumas construções de Goiás, “o Palácio Cande dos Arcos, o Quartel, a Casa de Câmara e Cadeia, as principais igrejas e praças do Palácio e do Chafariz foram tombadas como monumentos históricos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. (BORGES, 2010, p. 37), expandindo-se em 1978 para outros edifícios, assim como uma área no entorno da cidade, conforme Borges (2010):

Em 1978 se deu a expansão do tombamento na cidade de Goiás, definido por uma área urbana que, juntamente com a área do entorno, envolveu todo o sítio histórico e parte do sítio natural das origens da cidade. Goiás é hoje um polo microrregional e, após 1960, torna-se anualmente a capital do Estado durante alguns dias do mês de julho, quando o Governado ocupa o Palácio edificado em 1751, pelo Capitão-General. (BORGES, 2010, p. 38)

A Cidade de Goiás foi reconhecida em 2001 pela UNESCO como sendo Patrimônio Histórico e Cultural Mundial por sua arquitetura barroca peculiar, por suas tradições culturais. Localizada junto à Serra Dourada, conta com vegetação bastante diversa, dividida entre florestas, cerrado e campos, possuía de acordo com o IBGE em 1º de julho de 2021 22.122 habitantes e sua área total é de 3.108,423 km<sup>2</sup>.

As casas de acordo com Borges (2010), são “construídas em alvenaria, de taipa, adobe ou tijolo rebocado e caiado de branco, tendo portas e janelas em madeira pintada com cores fortes semelhantes à arquitetura popular portuguesa encontrada no interior de Portugal. (BORGES, 2010, p. 6)

Figura 1 - Fachada restaurada da Prefeitura municipal de Goiás



Fonte: Portal IPHAN.

Figura 2 - Casa Cora Coralina



Fonte: Site da Prefeitura de Goiás.

Figura 3 - Rua Moretti Foggia (Centro)



Fonte: Site da Prefeitura de Goiás.

Destacamos também, a presença de duas grandes personalidades, a poetisa Cora Coralina, e a pintora Goiandira do Couto que representam a arte goiana.

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, conhecida pelo pseudônimo Cora Coralina, começou a escrever bem jovem, no entanto só publicou seu livro em 1965. De acordo com Almeida e Ribeiro (2020), Cora Coralina se inspirava em elementos folclóricos que faziam parte de seu cotidiano para escrever.

Com a divulgação da segunda edição de Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, Cora ganhou notoriedade ganhando atenção de todo país, sendo inclusive saudada por Carlos Drummond de Andrade que escreveu:

Minha querida amiga Cora Coralina: Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...).

Cora Coralina recebeu diversos prêmios e publicou diversas obras sendo algumas delas publicadas postumamente. A poetisa faleceu em 1985 aos 95 anos de idade.

Goiandira Ayres do Couto nasceu em Catalão – GO em 1915, no entanto, mudou-se para Cidade de Goiás aos 6 anos de idade. Começou a pintar ainda bem pequena recebendo sua primeira premiação aos 16 anos.

De acordo com Miranda (2018), além de bastante ativa socialmente na cidade de Goiás, na década de 1960, Goiandira do Couto projetou-se internacionalmente. A carreira da pintora é dividida em duas etapas:

Convém destacar que anos de 1933 a 1967 são considerados sua primeira fase artística em óleo sobre tela. Ao final dos anos de 1967, Goiandira do Couto vivenciou uma experiência pessoal e mística que determinou os novos rumos de sua carreira artística e vida pública. A técnica da pintura com areia multicolorida da Serra Dourada marcou sua segunda fase artística, compreendida entre 1967 a 2005, atraiu inúmeros turistas para a Cidade de Goiás para ver os quadros pintados pela Musa das Areias[...] (MIRANDA, 2018, p. 4).

Goiandira se tornou, então, símbolo de representação de memórias aos visitantes da cidade, além de ter suas obras expostas em diversas regiões do país e pela Europa, Ásia, América Central, Israel e Estados Unidos.

A cidade é bastante conhecida por seus eventos culturais, tais como a Procissão do Fogaréu, durante a Semana Santa, que recria o a prisão de Jesus Cristo iniciando a meia-noite de quinta-feira santa e finaliza na Igreja de São Francisco de Paula com a prisão de Jesus Cristo; o FICA, Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, maior festival cinematográfico sobre o meio ambiente, teve início em 1999 e o último em 2018 (suspenso devido a pandemia); o Festival Gastronômico é um evento popular, conta com apresentações musicais e sobretudo com a culinária típica regional.

Além disso, de acordo com Lima (2008), a cidade conta, também com diversos pontos turísticos, tais como:

O Largo do Chafariz construído em 1739, pelo então governador d. Luís de Mascarenhas, tinha como objetivo ser o coração da cidade, e conforme costume português, comportava o pelourinho da cidade.

A Praça do Coreto, construída, de acordo com Lima (2008) pelos Távoras, refugiados em Goiás em vista da perseguição política movida pelo Marquês de Pombal em 1755, a Praça do Coreto,

Historicamente é o primeiro espaço público da Cidade. Tem, à semelhança da Praça do Chafariz, um formato triangular. À sua volta estão o Palácio Conde dos Arcos, a Catedral, a Igreja da Boa Morte, hoje Museu de Artes Sacras. Na esquina com a Rua D. Cândido Penso, antiga Rua Direita (na antiga toponímia significava rua principal), em ambos os lados figuram dois sobrados, o da direita (sobrado da Real Fazenda) afirma-se pela suas belas proporções e imponência. (LIMA, 2008, p. 53)

O Centro Histórico com técnica construtiva ecológica, o que proporciona “extraordinária duração”, além de constituir “um excepcional testemunho da ocupação e colonização do Brasil Central” (LIMA, 2008, p. 22); O Museu de Cora Coralina, também conhecido como Casa Velha da Ponte, que segundo Lima (2008),

A Casa de Cora é uma instituição cultural das mais respeitadas no Estado de Goiás. Foi instituída para cultivar a memória da poeta Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas [...] A Casa de Cora conserva os ambientes, o mobiliário e os *trens* de cozinha da poeta. Essa casa foi construída em data imprecisa por Antônio de Souza Teles e mais tarde comprada pelo cônego Couto Guimarães, tio-bisavô de Cora, [...] Ela foi praticamente construída sobre o Rio Vermelho e juntamente com a que lhe fica defronte, representam dois bons exemplos de arquitetura residência colonial. (LIMA, 2008, p. 85).

O palácio Conde dos Arcos, onde morou o primeiro governador do estado de Goiás, hoje um centro cultural aberto a visita ao público, com exceção quando uma vez por ano se torna sede do governo estadual por alguns dias.

Além de outros pontos turísticos, como por exemplo, a Praça do Rosário, Praça do mercado, Praça do Coreto, Rio Vermelho, Rua do Horto, Rua da Cambúna, Rua Direita do Comércio, Quartel do 20, Casa da Fundação, Chafariz da Carioca, Casa do Anhanguera.

Em relação à arquitetura religiosa, as igrejas e capelas Ermina de Santa Bárbara, Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, Igreja de S. Francisco de Paula, Matriz de Santa, Igreja D'Abadia, Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Capela Nossa Senhor da Guia, também são bastantes visitadas.

## 4.2 O CORPUS

A composição do *corpus*, a princípio seria uma constituição própria, no entanto, com a pandemia em 2019 se alongando até o início dessa pesquisa, a coleta ficou prejudicada. Assim, nesta pesquisa, utilizamos o *corpus* coletado por Bernardes (2020), no âmbito do Sociolingo<sup>21</sup>, que dispõe de 24 informantes vilaboenses, nascidos ou moradores da Cidade de Goiás desde os dois anos de idade. As entrevistas contam com a seguinte estratificação: sexo/gênero (masculino e feminino), escolaridade (Ensino Médio e Superior) e faixa etária (20 a 35 anos e 36 a 50 anos) e para compor a amostra foram realizadas gravações em forma de diálogo, com perguntas entre informante e documentador.

A constituição do *corpus* seguiu a metodologia indicada por Labov (2008), no qual foram selecionados informantes *amigos de amigos*, ou seja, ao final da entrevista o participante indica uma pessoa conhecida que será o próximo entrevistado e assim, sucessivamente.

Além disso, as entrevistas acataram as orientações de Freitag (2017), em que “se configura como um protocolo que visa fazer emergir o vernáculo de um falante representativo de uma dada comunidade de fala” (FREITAG, 2017, p 18). Tal protocolo consiste em fazer com que o informante se distraia da situação de entrevista, fique à vontade diante do gravador e monitore o mínimo sua fala, para que o vernáculo surja (LABOV, 1972) amenizando os efeitos do “paradoxo do observador”.

Para tanto, a partir de um roteiro previamente organizado, o pesquisador dirige a entrevista sociolinguística, fazendo perguntas acerca de informações sociais (idade, escolaridade, filiação), seguido de assuntos referentes a assuntos diversos, tais como, situações de perigo de morte, doenças na família.

Outro critério seguido foi do “distanciamento social, que é medida por uma escala de graus 1 a 5, em que 1 corresponde ao grau de maior proximidade e o grau 5 de menor proximidade com o documentador.” (BERNARDES, 2020. p. 59). A pesquisadora, por meio de uma conhecida, conseguiu alguns informantes que foram indicando outros informantes.

A coleta das entrevistas se deu nos meses de abril e maio de 2019, a transcrição semiortográfica foi realizada no mês de julho do mesmo ano. Bernardes (2020), estratificou o *corpus* conforme quadro abaixo, sendo atribuído GO para Goiás, F/M para sexo/gênero, C/S

---

<sup>21</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

para escolaridade (C = ensino médio e S = ensino superior), numerais para idade (25 a 35 anos e 36 a 50 anos) e pseudônimos para representar os falantes entrevistados<sup>22</sup>.

Quadro 1 - Informantes do corpus de Bernardes (2020).

Sexo/Gênero	Escolaridade	Idade	Código
F	C	28	GOFC28-Andressa
F	S	41	GOFS41-Andréia
F	S	49	GOFS49-Analice
F	S	22	GOFS22-Amanda
M	S	24	GOMS24-Caio
M	C	25	GOMC25-Edmilson
F	C	30	GOFC30-Eliana
M	C	50	GOMC50-Fabrcio
M	S	36	GOMS36-João
M	C	38	GOMC38-Lúcio
F	C	45	GOFC45-Luísa
F	S	35	GOFS35-Maria
F	C	31	GOFC31-Marilene
M	S	50	GOMS50-Mário
M	C	37	GOMC37-Marlon
F	C	40	GOFC40-Marta
M	S	30	GOMS30-Muriel
M	C	22	GOMC22-Renata
M	S	45	GOMS45-Roger
M	S	26	GOMS26-Ronaldo
F	S	42	GOFS42-Rosineide
F	S	28	GOFS28-Sandra
F	C	43	GOFC43-Telma
M	C	28	GOMC28-Tácio

Fonte: Bernardes (2020).

O roteiro das entrevistas, coletadas em 2019, é em formato DID, ou seja, diálogo entre informante e documentador<sup>23</sup>, e foi formulado de modo que o informante fique à vontade e se esqueça que se encontra em uma situação de monitoramento, por isso,

Tratar de tópicos relacionados a **experiência de risco de morte** ou **doença e memórias de infância** ajuda a minimizar os efeitos do paradoxo do observador: as narrativas de experiência pessoal desempenham papel proeminente dentro da entrevista sociolinguística, pois esse tipo de narrativa é um dos meios primários para reduzir o paradoxo do observador. (FREITAG, 2017, p. 23)

<sup>22</sup> Manteremos a codificação de Bernardes(2020) para referencia dos exemplos trazidos no trabalho.

<sup>23</sup> “Informante: é o participante da pesquisa. Documentador: é o pesquisador de campo que irá realizar os protocolos.” (FREITAG, 2017, p. 18)

Além disso, a entrevistadora preencheu uma ficha social com informações de cada participante, bem como, um questionário socioeconômico. Os participantes assinaram termo de consentimento, no qual declaravam estarem cientes de sua participação voluntária na pesquisa. De acordo com Bernardes (2020), “as entrevistas foram gravadas, primeiramente, em um notebook e, posteriormente, no celular e salvas em áudio digital (.wav). As gravações foram realizadas no local de trabalho ou na casa do participante, de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Os áudios resultaram em mídias com aproximadamente 60 minutos.” (BERNARDES, 2020, p. 61)

A transcrição das entrevistas, realizada por Bernardes (2020), seguiu as normas do Projeto SP2010 elaborado por Mendes e Oushiro (2012), foi realizada de modo semiortográfico de modo que, seguiu fiel a língua falada, seguindo os seguintes critérios:

a) Não se trata de uma transcrição fonética. Portanto, a ortografia das palavras não foi alterada. Mesmo que, por exemplo, o falante tenha pronunciado “tíatro” e “fugão”, mantém-se a grafia original das palavras.

b) Não foram realizadas “correções” gramaticais. Desse modo, se o participante pronunciou “eles ouve música”, sem concordância verbal, transcreveu-se dessa forma, ou seja, sem concordância. (BERNARDES, 2020, p. 62)

Mesmo que as entrevistas tenham seguido essas normas, fizemos uma revisão minuciosa nos áudios, a fim de verificar todas as palavras (de todas as classes gramaticais)<sup>24</sup> terminadas em /ndo/ ou /no/.

É necessário esclarecer que uma entrevista foi perdida durante a coleta dos áudios, dessa forma, coletamos outra entrevista, com outro informante para substituir aquela, da mesma forma a transcrição seguiu as orientações acima descritas.

#### 4.3 PRAAT (CLOSURA, BURST, TRANSIÇÃO FORMÂNTICA E DURAÇÃO RELATIVA)

O PRAAT é um software livre desenvolvido por dois foneticistas do Instituto de Ciências Fonéticas de Amsterdam, Paul Boersma e David Weenink. O programa pode ser baixado livremente na internet e é compatível com os sistemas operacionais *Windows*, *Linux* e *MacOs*.

---

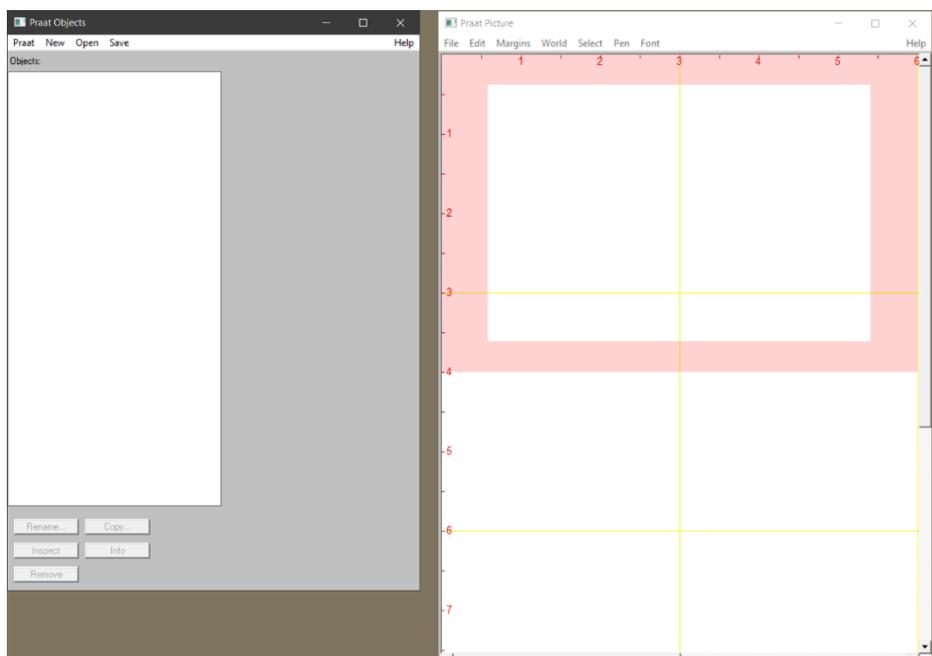
<sup>24</sup> Apesar de a descrição do apagamento da oclusiva dental /d/, no falar vilaboense, ser em verbos no gerúndio, verificamos as palavras de outras classes gramaticais com a finalidade de averiguar ocorrências em palavras de outras classes gramaticais.

Segundo Alves (2009), com o programa é possível analisar, sintetizar, e manipular segmentos e melodias dos sons da fala, além de criar figuras de alta qualidade como espectrogramas, oscilogramas, curvas de *pitch*, intensidade e muito mais. Além disso, o que torna o PRAAT muito conhecido “é a possibilidade de programar ações repetitivas cujos parâmetros técnicos podem ser previamente definidos e padronizados” além da capacidade de “adaptação às necessidades de seus usuários e não o contrário, como acontece com a maioria dos softwares proprietários, em que o usuário tem que se adaptar aos recursos e padrões disponíveis do programa.” (ALVES, 2009, p. 14)

O programa possui manual para o usuário, o que torna sua manipulação para pesquisadores principiantes nos estudos fonéticos-fonológicos um pouco mais intuitivo. De acordo com esse tutorial elaborado por Boersma e Weenink que podemos encontrar na aba *Help* na janela *Objects* após a instalação do programa no computador, segue-se a análise do áudio que deve estar em formato *.wav* e poderá ser obtido em gravação pelo computador no próprio programa ou pode-se fazer o *upload* de um arquivo já existente em seu computador.

A Figura 4 indica a interface do programa quando ele é aberto. Serão abertas duas janelas: PRAAT objects e PRAAT Picture. Para nossos objetivos de investigação o PRAAT *Picture* pode ser fechado, tendo em vista que a análise e o espectrograma serão gerados pela janela PRAAT *Objects*.

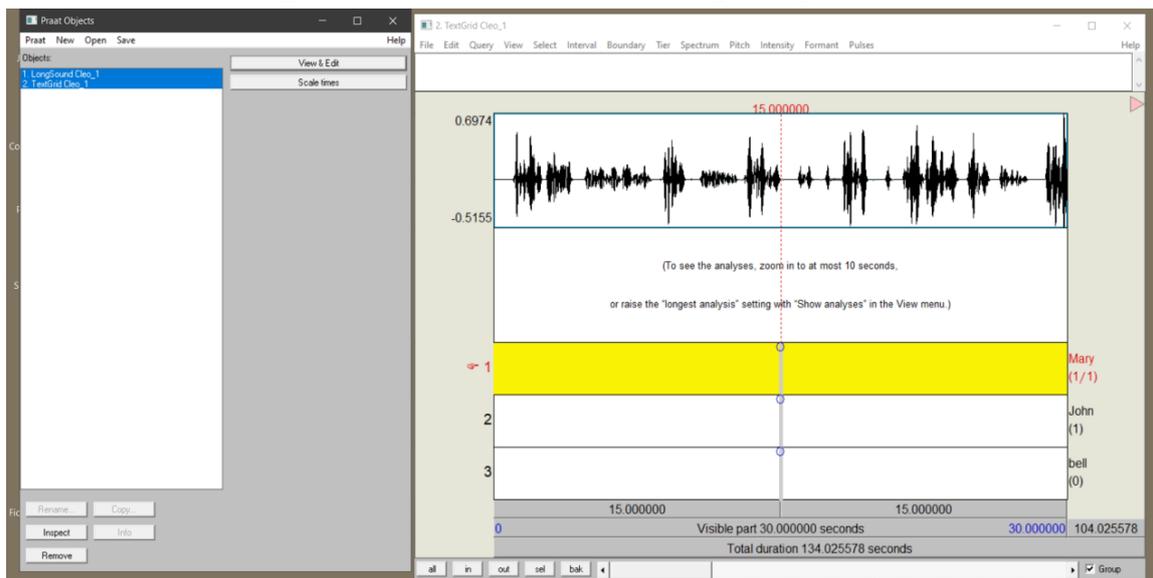
Figura 4 - Interface inicial do Praat



Fonte: elaborado pela autora.

Em seguida, a Figura 5, exemplifica a aplicabilidade do PRAAT. No menu do lado esquerdo superior podemos encontrar as opções PRAAT, *New*, *Open* e *Save*. Ao selecionar *Open > Open long sound file*, podemos escolher o áudio a ser analisado que é enviado para o espaço *Objects*. Para efetuar a etiquetagem dos dados devemos selecionar as opções *Anotate > To text grid*, ao selecionar os dois arquivos e selecionando *View & Edit* nosso espectrograma será criado.

Figura 5 - Interface do Praat com espectrograma criado.



Fonte: elaborado pela autora.

Para melhor análise acústica, utilizamos o programa *PRAAT* que permite verificar parâmetros como frequência, comprimento de onda, decibéis, entre outros. Assim, foi possível medir os parâmetros caracterizadores da oclusiva alveolar/dental [d] em contexto de gerúndio, tais como, *closura*, *burst*, transição formântica e sobretudo, duração relativa, que nos revelará qual é a proporção que a oclusiva ocupa no interior da forma de gerúndio, constando seu apagamento ou sua ocorrência (FERREIRA, 2010).

É importante esclarecer que o trabalho em questão é de natureza Sociolinguística, no entanto, realizamos a inspeção acústica, não com a intenção de alcançar um estudo fonético aprofundado, mas sim para caracterizar melhor o apagamento da oclusiva alveolar/dental /d/ em gerúndio. Tal procedimento é necessário, pois, a análise auditiva, ou “a análise perceptual, de oitiva, em que ouvimos a realização do som e analisamos o segmento percebido pelo pesquisador”, (FERREIRA, 2010, p. 63), não é considerada suficiente para a verificação do apagamento ou não da oclusiva alveolar /d/ nos verbos de gerúndio, tendo em vista que, “para

alguns autores, nem sempre o som percebido corresponde ao som que foi produzido (HOUSER, 1957; GAY, 1970; WINITZ *et al.*, 1972; OHALA, 1979).” (FERREIRA, 2010, p. 68). Vale ressaltar, então, que a análise acústica que pretendemos realizar aqui, visa captar produções imperceptíveis, ou duvidosas ao ouvido humano.

No Português Brasileiro temos as oclusivas: /p, b, t, d, k, g/, que se caracterizam segundo seu modo de articulação, ponto de articulação e vozeamento, em nosso estudo nos interessa caracterizar o fonema /d/ que foneticamente é classificada quanto ao seu modo de articulação como oclusiva/plosiva, quanto seu ponto de articulação dental/alveolar e quanto seu vozeamento como sonora.

Figura 6 - Símbolos fonéticos do Português Brasileiro.

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv	p		t			k	
	voz	b		d			g	
Africada	desv				tʃ			
	voz				dʒ			
Fricativa	desv		f	s	ʃ		X	h
	voz		v	z	ʒ		Y	ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ã		
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ł		ʎ ɸ		

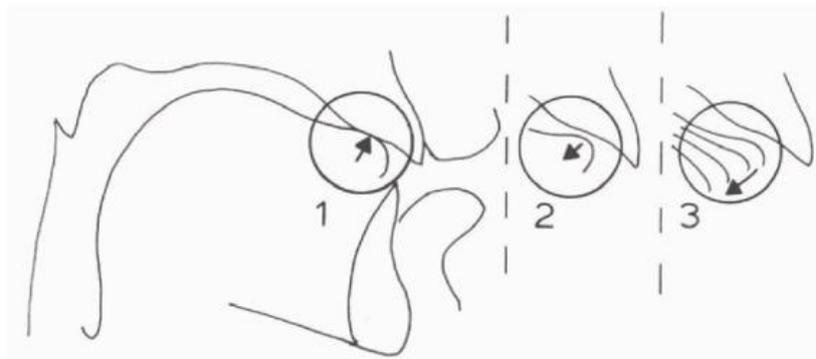
Fonte: Cristófarro Silva (2003).

Especificamente em relação aos sons oclusivos, podemos afirmar que estes derivam de uma obstrução total no trato vocal, seguido de uma soltura dessa obstrução que resulta em uma explosão chamada de *burst*, conforme afirma Tonochi (2012):

na soltura dessa obstrução, a pressão de ar acumulada na cavidade oral é abruptamente solta, resultando, acusticamente, em uma explosão, conhecida como *burst*. Essa explosão pode ser classificada como aspirada ou não aspirada. Após a explosão, que se trata de um ruído transiente, acontece a transição dos formantes, que é um intervalo acústico, quando a oclusiva é seguida por um som vocálico. Durante esse intervalo o trato vocal ajusta-se de fechamento completo em direção a outra configuração. (TONOCHI, 2012, p. 93).

O bloqueio momentâneo do trato vocal que no fonema em questão, como dito anteriormente, se dá com o posicionamento da língua nos dentes/alvéolos, é ilustrado na imagem abaixo (FERREIRA, 2021, p. 35).

Figura 7 - Eventos principais na produção das consoantes oclusivas. (1) intervalo de obstrução do trato vocal; (2) soltura da obstrução; e (3) transição articulatória para o som seguinte.



Fonte: Kent e Read (1992).

Os parâmetros acústicos que caracterizam as oclusivas dentais, de acordo com Ferreira (2010) são:

a *clusura*<sup>25</sup> – bloqueio que tem uma duração variável entre 50-100ms; o *burst* – explosão momentânea de ar entre 5-40ms; a transição formântica – momento da passagem da oclusiva para a vogal, que, por meio de F1, F2 e F3, dá pistas do modo e do lugar de articulação da vogal; [...] Segundo Kent & Read (1992), a oclusiva alveolar [d] caracteriza-se por apresentar uma *clusura* entre 50-100ms, um *burst* por volta de 4Khz e uma transição de F2 por volta de 1800Hz. (FERREIRA, 2012, p. 35).

Para a produção do som oclusivo, é essencial que ocorra a interrupção do fluxo de ar, que acumula no trato vocal ar resultando uma pressão, essa interrupção/fechamento corresponde a um silêncio caracterizado no espectrograma por um espaço em branco, pois nesse momento nenhuma energia acústica é produzida. A duração desse bloqueio está entre 5-100 ms. (TONOCHI, 2012).

O *burst*, ou seja, a explosão em seguida a oclusão é o evento mais curto na fala, tendo duração de 5-40 ms. No espectrograma podemos identificá-lo através de uma breve espícula<sup>26</sup> vertical no início da consoante

<sup>25</sup> Também conhecida como oclusão/obstrução do trato vocal (silêncio). (TONOCHI, 2012, p. 95)

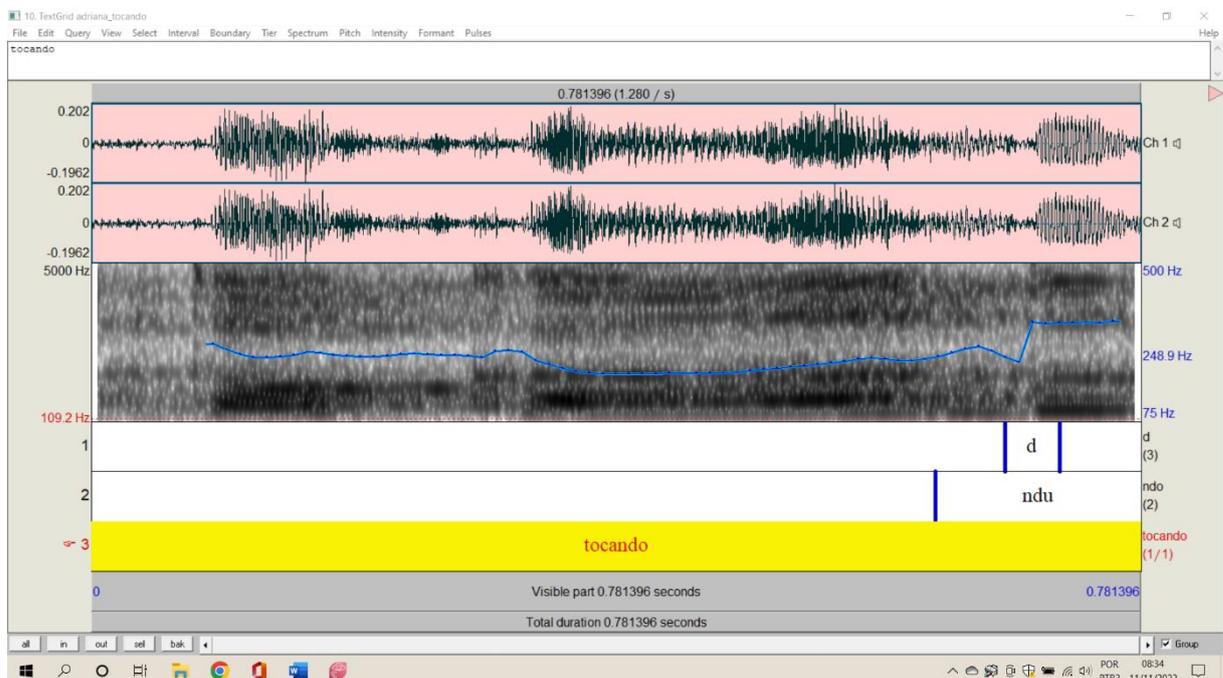
<sup>26</sup> A espícula nos sons não vozeados aparece após um intervalo, caracterizado por um espaço em branco no espectrograma. Já nos vozeados, ela aparece após uma barra de vozeamento (vibração das pregas vocais) (DI NINNO, 2008).

A transição dos formantes é o intervalo breve entre a oclusiva e o som seguinte, caracterizando um movimento articulatorio, geralmente, completado em torno de 50 ms. Tonochi (2012) afirma que, a mudança de posição do trato vocal durante esses intervalos indica em qual dos três articuladores (lábio, ponta ou dorso da língua) está se formando a pressão em determinado momento, a transição da consoante para a vogal seguinte permite que a consoante seja identificada, pois, conforme os formantes das vogais próximas são alterados pelo ponto de articulação, essas vogais dão pistas acústica das consoantes produzidas, assim:

para as labiais, as transições de F2 e F3 são, em geral, planas ou ascendentes, variando de acordo com a vogal; para as alveolares, as transições de F2 são ascendentes ou niveladas com as vogais anteriores e descendentes com as posteriores, e a transição de F3, geralmente, é nivelada ou descendente; para as velares, a transição de F2 começa um pouco acima do segundo formante em um movimento descendente em direção à vogal e a de F3 inicia no mesmo ponto em um movimento ascendente para a vogal, o que parece mostrar, uma “forma de asa”. (TONOCHI, 2012, p. 101).

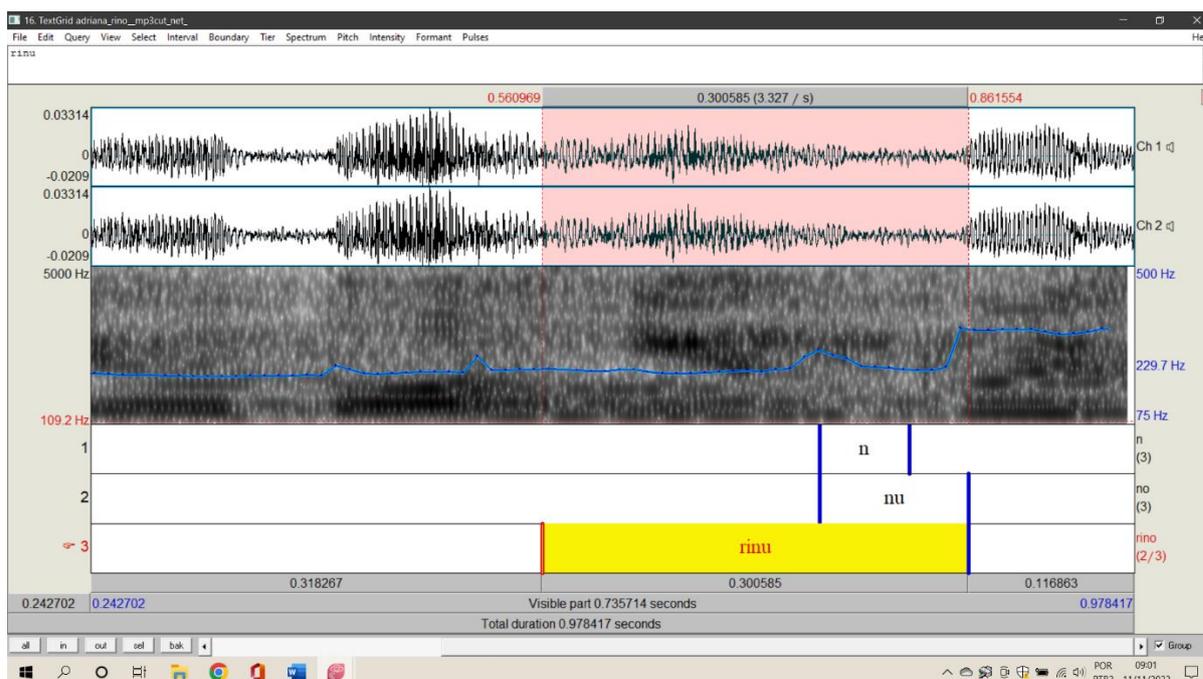
Conforme podemos verificar nos espectrogramas abaixo, percebemos, nas palavras *tocando* e *rino*, pronunciadas pela mesma informante (GOFs42-Rosineide), que na primeira, no espectrograma (Figura 8), há um bloqueio (closures) ao pronunciar [d], marcado por uma espícula, ao passo que, no espectrograma da Figura 9, correspondente à *rino*, percebemos a passagem livre do ar.

Figura 8 - Espectrograma – Tocando (GOFs42-Rosineide).



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 9 - Espectrograma - Rino. (GOFs42-Rosineide).



Fonte: elaborado pela autora.

Dessa forma, realizamos, também a análise acústica por meio do programa PRAAT, com a finalidade de verificar melhor os parâmetros acústicos e captar melhor o apagamento ou não da oclusiva alveolar/dental /d/ nos verbos de gerúndio, a partir da utilização do parâmetro da duração relativa, onde obtêm-se à “proporção que a oclusiva ocupa no interior da forma de gerúndio, apontando assim evidências para identificarmos o apagamento ou a ocorrência de /d/.” (FERREIRA, 2012, p. 68)

Assim, a realização dessa verificação acústica, possibilitou-nos confirmar ou esclarecer dúvidas encontradas e, especialmente, fundamentar a percepção auditiva do apagamento da oclusiva alveolar/dental em gerúndio.

As etapas descritas a seguir fazem parte do tratamento ao qual foram submetidos os áudios para sua análise. Em primeiro lugar, foi necessário realizar a codificação das repetições, para verificação e comparação posterior com a análise auditiva.

Em segundo lugar, isolamos os verbos de gerúndio em áudios individuais, para isso, no próprio *PRAAT*, produzimos arquivos individuais das gravações originais. Como dito anteriormente, os áudios foram convertidos para o formato *.wav*.

Em terceiro lugar, a partir desse áudio foi gerado o *textgrid*. Com o áudio *.wav* e o *textgrid* prontos atribuímos outro nome a cada arquivo e iniciou-se o isolamento das ocorrências e a análise acústica.

Em quarto lugar foi realizada a comparação com a percepção auditiva para confirmação ou não do apagamento da oclusiva alveolar/dental /d/ nos verbos de gerúndio.

E por fim, o quinto passo foi preparar os dados para serem analisados no programa estatístico *R*, que discutimos no próximo tópico.

#### 4.4 O AMBIENTE *R*

De acordo com Ritter *et al.* (2019), o *R* é um tipo de linguagem e software computacional e gráfico ao mesmo tempo. Criado em 1996 por Ross Ihala e Robert Gentleman, no departamento de Estatística da Universidade de Auckland, Nova Zelândia, o Ambiente *R*<sup>27</sup>, assim conhecido entre os *R Core Team*, ou “defensores e detentores do *R*”, é um software livre de domínio público que pode ser obtido gratuitamente em <http://cran.r-project.org>, e é compatível com os sistemas operacionais UNIX, Windows ou Macintosh. Nesse site é possível encontrar mais informações sobre sua utilização bem como um fórum onde profissional de diversas áreas podem interagir e discutir possíveis dúvidas.

De acordo com OLIVEIRA *et al.* o *R* não é necessariamente um programa estatístico, “o *R* é uma linguagem de programação utilizada como ferramenta para análise estatística e manipulação de dados.” (OLIVEIRA *et al.* 2018, p. 01). Sua aplicabilidade varia desde a construção de tabelas ou gráficos, o uso como calculadora, até funções mais complexas como construção de intervalos de confiança, testes de hipótese e modelagem linear e não linear, além de construção de mapas.

O *R* é um dos softwares que mais se desenvolve e cresce no mundo devido à grande comunidade de usuários, das mais diversas áreas de conhecimento, que contribuem para esse crescimento com a criação de pacotes, ou seja, desenvolvendo “pequenos programas que expandem as funcionalidades” (OLIVEIRA *et al.* 2018, p. 01), isso se dá pelo fato de o *R* ter código de fonte aberto, e poder ser modificado ou implementado com novos procedimentos desenvolvidos por qualquer usuário a qualquer momento. Além disso, o *R* pode interagir com outros programas estatísticos, bem como com bancos de dados.

Conforme discorre Menezes (2021), o *RStudio* baseia-se em *scripts* tornando a interface e a manipulação do programa complexas, por isso, foi desenvolvido o “*RStudio*” que traz uma interface mais simplificada permitindo melhor acesso ao ambiente.

Menezes (2021) descreve a interface do “*RStudio*”, atentando para sua funcionalidade,

---

<sup>27</sup> Encontramos as denominações: Ambiente *R*, *software R*, ou simplesmente *R*.

Do lado direito superior temos o *console - input*, onde se introduzem as linhas de comando. No lado direito, na parte inferior, há o *console - output*, onde aparecem as linhas de comando digitadas no *Script* e os resultados obtidos a partir dos comandos executados. Do lado esquerdo, na parte superior, temos o ambiente de trabalho (*“environment”*), onde aparecem os dados – *dataframes*, tabelas, modelos, etc. – que estão sendo manipulados. Do lado direito, na parte inferior, aparecem 5 abas que apresentam com as opções relativas ao ambiente de trabalho - *File*, os gráficos gerados – *Plots*, os pacotes instalados e carregados – *Packages*, ajuda a respeito de comandos, pacotes, etc. – *Help*, e a visualização de tabelas – *Viewer*. (MENEZES, 2021, p. 73).

Segundo Menezes (2021), o *R* auxilia na análise estatística dos dados, permitindo “selecionar, classificar, quantificar e visualizar a relação entre as variáveis dependentes e independentes” (p. 72), dessa forma seguindo seus passos, para o tratamento dos dados no *R* preparamos as informações em uma planilha Excel, classificando-as para em seguida converter a tabela para o formato “.csv”, ou seja, “*comma-separated-values*” (valores separados por vírgulas).

Figura 10 - Codificação das variáveis

	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS			VARIÁVEIS SOCIAIS			VARIÁVEIS DEPENDENTES	
	Extensão do vocábulo	Contexto fonológico precedente	contexto fonológico seguinte	Faixa etária do informante	Sexo/Gênero	Escolaridade	Gerúndio	
1	Ext.Prec. Seg.Falao. Sexo.Esc.Ger							
2	DI.PV1.SC1.1b.F.Es.no	DI	PV1	SC1	1b	F	Es	no
3	DI.PV1.SC1.1b.F.Es.no	DI	PV1	SC1	1b	F	Es	no
4	TR.PV3.SC3.1b.F.Es.no	TR	PV3	SC3	1b	F	Es	no
5	PO.PV3.SV5.1b.F.Es.no	PO	PV3	SV5	1b	F	Es	no
6	TR.PV3.SV4.1b.F.Es.no	TR	PV3	SV4	1b	F	Es	no
7	PO.PV3.SC5.1b.F.Es.no	PO	PV3	SC5	1b	F	Es	no
8	TR.PV3.SC4.1b.F.Es.no	TR	PV3	SC5	1b	F	Es	no
9	TR.PV3.SC5.1b.F.Es.no	TR	PV3	SC5	1b	F	Es	no
10	PO.PV3.SC2.1b.F.Es.no	PO	PV3	SC2	1b	F	Es	no
11	PO.PV3.0.1b.F.Es.no	PO	PV3	0	1b	F	Es	no
12	TR.PV3.SV1.1b.F.Es.ndo	TR	PV3	SV1	1b	F	Es	ndo
13	TR.PV3.SV5.1b.F.Es.no	TR	PV3	SV5	1b	F	Es	no
14	TR.PV3.SC3.1b.F.Es.no	TR	PV3	SC3	1b	F	Es	no
15	PO.PV3.SC3.1b.F.Es.no	PO	PV3	SC3	1b	F	Es	no
16	PO.PV3.SV3.1b.F.Es.no	PO	PV3	SV3	1b	F	Es	no
17	PO.PV3.SC8.1b.F.Es.no	PO	PV3	SC5	1b	F	Es	no
18	TR.PV3.SV3.1b.F.Es.no	TR	PV3	SV3	1b	F	Es	no
19	TR.PV3.SV3.1b.F.Es.no	TR	PV3	SV3	1b	F	Es	no
20	PO.PV3.SV3.1b.F.Es.no	PO	PV3	SV3	1b	F	Es	no
21	PO.PV3.SV3.1b.F.Es.no	PO	PV3	SV3	1b	F	Es	no
22	DI.PV1.SC1.1b.F.Es.no	DI	PV1	SC1	1b	F	Es	no
23	DI.PV1.SC3.1b.F.Es.no	DI	PV1	SC3	1b	F	Es	no
24	DI.PV1.SV2.1b.F.Es.ndo	DI	PV1	SV2	1b	F	Es	ndo
25	TR.PV3.SV3.1a.F.Es.no	TR	PV3	SV3	1a	F	Em	no
26	TR.PV3.SV3.1a.F.Es.no	TR	PV3	SV3	1a	F	Em	no
27	TR.PV3.SV3.1a.F.Es.no	TR	PV3	SV3	1a	F	Em	no
28	PO.PV3.0.1a.F.Es.ndo	PO	PV3	0	1a	F	Em	ndo
29	TR.PV3.SV3.1a.F.Es.no	TR	PV3	SV3	1a	F	Em	no
30	TR.PV3.0.1a.F.Es.no	TR	PV3	0	1a	F	Em	no
31	TR.PV3.SV1.1a.F.Es.no	TR	PV3	SV1	1a	F	Em	no
32	PO.PV3.SV3.1a.F.Es.no	PO	PV3	SV3	1a	F	Em	no
33	PO.PV3.SV3.1a.F.Es.no	PO	PV3	SV3	1a	F	Em	no

Fonte: elaborado pela autora.

Para as variáveis sociais atribuímos os códigos: (1a) faixa etária 25 a 35 anos e (1b) faixa etária 36 a 50 anos; sexo/gênero: (F) feminino e (M) masculino; e para Escolaridade: (Em) Ensino médio e (Es) Ensino Superior.

Para as variáveis linguísticas, atribuímos os seguintes códigos: extensão do vocábulo, (PO) verbos polissílabos, (TR) verbos trissílabos, (DI) verbos dissílabos; para o contexto fonético-fonológico precedente e seguinte atribuímos os códigos a seguir: para contexto

fonético-fonológico precedente atribuímos, (P) para precedente, (V) para vogal e os números de 1 a 3 para as vogais temática /a/, /e/, /i/; para contexto fonético-fonológico seguinte atribuímos, (S) para seguinte, (V) para vogal e os números de 1 a 5 para as vogais, (C) para consoante, e os números de 1 a 8 para as consoantes; e para pausa em contexto seguinte atribuímos o número 0, conforme se vê no quadro 2.

Quadro 2 - Codificação das variáveis linguísticas extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e seguinte (pausa).

	Fatores linguísticos	Códigos
Extensão do vocábulo	2 sílabas	DI
	3 sílabas	TR
	4 ou + sílabas	PO
Contexto fonético-fonológico precedente com vogal	Vogal alta anterior /i/	PV1
	Vogal média-alta anterior /e/ e /ɛ/	PV2
	Vogal baixa central /a/	PV3
Contexto fonético-fonológico seguinte com consoante	Oclusiva bilabial /p//b/	SC1
	Oclusiva velares /k//g/	SC2
	Oclusiva dental /t//d/	SC3
	Nasal bilabial /m/	SC4
	Nasal alveolares /n//l//r/	SC5
	Fricativas labiodentais /f//v/	SC6
	Fricativa dental /s//z/	SC7
	Fricativa alveopalatal /ʃ//ʒ/	SC8
Contexto fonético-fonológico seguinte com vogal	Vogal alta anterior /i/	SV1
	Vogal alta posterior /u/	SV2
	Vogal média-alta anterior /e/ e /ɛ/	SV3
	Vogal média-alta posterior /o/ e /ɔ/	SV4
	Vogal baixa central /a/	SV5
Contexto fonético-fonológico seguinte	Pausa/silêncio	0

Fonte: elaborado pela autora.

As etapas descritas a seguir fazem parte do tratamento ao qual foram submetidos os dados para análise.

Para o tratamento estatístico dos dados, o primeiro passo é a classificação das ocorrências em uma planilha de acordo com as variáveis selecionadas. Feito isto, é necessário que o arquivo seja salvo no formato em que os “valores são separados por vírgulas” (*Comma-separated values* - .csv), este formato é interpretado pelo R para que possamos realizar a análise.

Com os dados classificados e o arquivo preparado para a análise, iniciamos o procedimento no *Rstudio*, um software que permite manipular o R mais facilmente. O primeiro passo então, foi importar a planilha de dados que será analisada, e criar um objeto dentro do

*Rstudio* para que possamos manipulá-lo. Para isso, após definirmos a pasta de trabalho, usamos a função “*read.csv()*” para que o arquivo seja lido, o nome do arquivo deve aparecer logo na sequência e a extensão do arquivo deve estar explícita (.*csv*), e a função de atribuição “*<-*” após o nome do objeto que pretendemos criar, no caso escolhemos o nome “dados” (para facilitar o processo de digitação, é preferível utilizar nomes simples). O comando utilizado foi:

```
dados <- read.csv("dados_jan.csv")
```

Feito isto, é importante sabermos que os arquivos não estão prontos para a análise, pois, caso solicitemos um resumo dos dados ao programa, com a função “*summary()*”, isto ficará claro ao observamos o resultado obtido:

Figura 11 - Resumo dos dados (summary)

```
> summary(dados)
  Ext          Prec          Seg          Faixa
Length:459    Length:459    Length:459    Length:459
Class :character Class :character Class :character Class :character
Mode  :character Mode  :character Mode  :character Mode  :character
  Sexo          Esc          Ger
Length:459     Length:459     Length:459
Class :character Class :character Class :character
Mode  :character Mode  :character Mode  :character
```

Fonte: elaborado pela autora.

As funções no *Rstudio* agem sobre objetos, então, uma função como essa, deve ter o objeto entre parênteses. Assim, observamos que o programa interpretou tudo como caractere. Para que possamos proceder à análise, precisamos “dizer” ao programa como ele deve interpretar os dados, ou seja, ele deve interpretar os dados como fatores. A função “*as.factor()*” transforma os fatores disponíveis na planilha de dados em fatores que poderão ser interpretados. Todavia, como se trata de uma planilha, é necessário que isto seja feito em cada uma das colunas que contêm as variáveis previsoras e a resposta, a partir dos comandos abaixo:

```
dados$Ext <- as.factor(dados$Ext)
dados$Prec <- as.factor(dados$Prec)
dados$Seg <- as.factor(dados$Seg)
dados$Faixa <- as.factor(dados$Faixa)
dados$Sexo <- as.factor(dados$Sexo)
dados$Esc <- as.factor(dados$Esc)
dados$Ger <- as.factor(dados$Ger)
```

O cifrão indica a coluna do objeto que se pretende alterar, copiamos o mesmo nome antes do comando de atribuição para que o programa o altere, não sendo necessário criar um objeto novo. Depois disso, caso solicitemos o mesmo resumo, obteremos o resultado a seguir:

Figura 12 - Resumo final dos dados

```
> summary(dados)
Ext      Prec      Seg      Faixa      Sexo      Esc      Ger
DI: 51   PV1: 56   SV3    : 73   1a:135   F:225   Em :165   ndo:152
PO:161  PV2:129  SC3    : 52   1b:324   M:234   Es  :294   no  :307
TR:247  PV3:274  SC5    : 50
                               SC1    : 46
                               SV2    : 44
                               SC4    : 34
                               (other):160
```

Fonte: elaborado pela autora.

Agora, o *Rstudio* pode interpretar os dados. O primeiro passo, então é verificar a distribuição dos dados. Começamos criando tabelas com a função “*table()*”, para cada tabela criamos um objeto com o nome referente à variável, os comandos utilizados foram:

```
tab.geral <- table(dados$Ger)
tab.ext <- table(dados$Ext, dados$Ger)
tab.prec <- table(dados$Ger, dados$Prec)
tab.seg <- table(dados$Ger, dados$Seg)
tab.faixa <- table(dados$Ger, dados$Faixa)
tab.esc <- table(dados$Ger, dados$Esc)
tab.sexo <- table(dados$Ger, dados$Sexo)
```

Criamos um objeto para guardar cada uma das tabelas, pois, com estes objetos, podemos calcular a proporção delas. A função para isto é “*prop.table()*”. Como resultado, obtivemos as tabelas apresentadas na Análise de dados.

Além disso, podemos criar gráficos a partir das tabelas com a função “*barplot()*”. Esta função é um pouco mais complexa, pois podemos incrementar os gráficos para que fiquem mais completos.

```
barplot(tab.ext, beside = T, main = "Extensão da palavra",
        ylab = "Número de ocorrências",
        xlab = "Extensão da palavra",
```

```
ylin = c(0, 200))
```

Entre parênteses definimos os objetos que serão usados para a tabela, depois definimos que as barras devem ser colocadas uma ao lado da outra com o argumento “*beside*” que deve ser marcado como verdadeiro (“*TRUE*” ou “*T*”). Na sequência, definimos o título com “*main*”, o escolhido foi “Extensão da palavra”, depois os nomes de cada um dos eixos (“*x*” e “*y*”) e, por fim, os limites do eixo “*y*”, neste caso, de 0 a 200. O resultado, conforme apresentado anteriormente, é: Repetimos o mesmo procedimento para as demais variáveis.

O passo seguinte é a realização do teste de qui-quadrado. Para ele, também usamos as tabelas criadas. A função é “*chisq.test()*” e o único argumento exigido é a tabela de dados: *chisq.test(tab.geral)*.

No próximo capítulo, explanamos sobre os grupos de fatores que condicionam o fenômeno estudado. Discutimos também, sobre a inspeção acústica realizada no programa PRAAT, para que no capítulo de análise de dados possamos mostrar as divergências entre a análise perceptual e acústica.

## 5 GRUPOS DE FATORES

A escolha do falante por uma variante não acontece aleatoriamente, ela é impulsionada por alguns fatores. De acordo com Tarallo (2002), a sistematização da variação linguística ocorre em virtude de “fatores condicionantes”.

Para Tarallo (2002),

um grupo de fatores é o conjunto total de possíveis formas usadas pelas variantes durante a batalha. Nossas hipóteses de trabalho serão dadas pelo levantamento de todos os contextos ou fatores que potencialmente favorecem a realização de uma variável, de uma ou outra forma. (TARALLO, 2002, p. 36).

Desse modo, cabe ao pesquisador levantar hipóteses e verificar quais e como esses fatores incitam a variação. Buscamos, então, em nossa pesquisa, investigar como as variáveis, que elencamos adiante, influenciam o apagamento do /d/ em (ndo) nos verbos de gerúndio no falar vilaboense.

### 5.1 VARIÁVEIS DEPENDENTES E INDEPENDENTES

Para Mollica (2007), as variantes são “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente” (MOLLICA, 2007, p. 11), ou seja, a terminação dos verbos do gerúndio, por exemplo, é uma variável linguística, pois se realiza de duas formas que são equivalentes semanticamente. Portanto, temos as variantes:

- 7) Ausência da oclusiva dental /d/ em (ndo) em verbos de gerúndio: *tava te falano por exemplo* (GOMS36-João)
- 8) Presença da oclusiva dental /d/ em (ndo) em verbos de gerúndio: *história e falando e tal* (GOMS36-João)

De acordo com Mollica (2007):

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupo de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. (MOLLICA, 2007, p. 11).

Já as variáveis independentes, sejam elas internas à língua (fatores linguísticos) ou externas (fatores extralinguísticos), orientam a ocorrência das variáveis dependentes. Essas variáveis são de extrema importância nos estudos sociolinguísticos, visto que, dependendo da força exercida sobre os usos, a ocorrência da variável pode ser maior ou menor.

Os fatores extralinguísticos habitualmente correlacionados à variação linguística são *faixa etária, nível de escolaridade, sexo/gênero e nível socioeconômico*. No entanto, os fatores linguísticos levantados *a priori* foram selecionados de acordo com o nível linguístico no qual a variável está inserida.

Dessa forma, a partir da observação parcial do *corpus e da literatura sociolinguística do fenômeno estudado*, tais como Mollica e Mattos (1992); Cristófaros Silva (1996); Ferreira (2010); Vieira (2011); Martins e Bueno (2011); Hora e Aquino (2012); Nascimento *et al.* (2013); Araújo Aragão (2016); Almeida e Oliveira (2017), Freitag *et al.* (2018); entre outros. foram considerados os seguintes fatores linguísticos: extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e contexto fonético-fonológico seguinte. Como fatores extralinguísticos, foram inclusos: faixa etária, escolaridade e sexo.

## 5.2 FATORES LINGUÍSTICOS

Alguns fenômenos de variação são condicionados pelo ambiente estrutural no qual essas variáveis se encontram. Nosso objetivo, no entanto, é identificar quais fatores linguísticos são significativos para a ocorrência ou não do apagamento de /d/ em (ndo). Portanto, elencamos as variáveis linguísticas *extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e contexto fonético-fonológico seguinte*, conforme exemplo a seguir:

Quadro 3 – Exemplos dos Fatores Linguísticos: extensão do vocábulo, contexto fonético-fonológico precedente e seguinte (pausa).

Fatores linguísticos		Exemplos
Extensão do vocábulo	2 sílabas	Indo/ino
	3 sílabas	Chegando/chegano
	4 ou + sílabas	Estudando/estudano
Contexto fonético-fonológico precedente com vogal	Vogal alta anterior /i/	Indo/ino
	Vogal média-alta anterior /e/ e /ɛ/	Escrevendo/escreveno
	Vogal baixa central /a/	Arrasando/arrasano
Contexto fonético-fonológico seguinte com consoante	Oclusiva bilabial /p//b/	Ino pra...
	Oclusiva velares /k//g/	Sabeno que ...
	Oclusiva dental /t//d/	Vinu duma...
	Nasal bilabial /m/	Ficano mais...
	Nasal alveolares /n//l//r/	Depositano né?

Contexto fonético-fonológico seguinte com vogal	Fricativas labiodentais /f//v/	Fazeno farofa...
	Fricativa dental /s//z/	Morano sozinha...
	Fricativa alveopalatal /ʃ//ʒ/	Seno jogada...
	Vogal alta anterior /i/	Gritano e chorano...
	Vogal média-alta anterior /e/ e /ɛ/	Mundando então...
	Vogal baixa central /a/	Fazento aquela...
	Vogal média-alta posterior /o/ e /ɔ/	Fazeno os trabalhos...
Contexto fonético-fonológico seguinte	Vogal alta posterior /u/	Passano uma...
	Pausa/silêncio	Barraco ne duas meninas brigano...

Fonte: elaborado pela autora.

### 5.2.1 Extensão do vocábulo

Os estudos de Vieira (2011), Almeida e Oliveira (2017), Araújo (2019), informam que quanto maior a extensão do vocábulo maior é o apagamento de /d/ em (ndo). Na opinião desses pesquisadores, o apagamento de /d/ em gerúndio é maior em palavras trissílabas e polissílabas.

Vieira (2011), em estudo realizado no distrito de Taboco-MS, (a pesquisa contou com 16 informantes) localizado a aproximadamente 142 km da capital, com população de cerca de 650 pessoas, em uma área de 3.000 m<sup>2</sup>, cuja economia se baseia na criação de gado, atestou que os verbos trissílabos favoreceram o apagamento de /d/ com uma porcentagem de 94%, ao passo que os verbos polissílabos favoreceram em 93%.

Almeida e Oliveira (2017) estudaram o apagamento de /d/ em gerúndio do falar de Maceió/AL. Foram entrevistados 30 informantes, 15 homens e 15 mulheres, nascidos na cidade de Maceió e que não se afastaram por mais de um ano da cidade, contemplando as faixas etárias de 18 a 30 anos; de 40 a 55 anos e acima de 65 anos de idade<sup>5</sup>, com 10 informantes em cada faixa.

Os pesquisadores por sua vez, constataram que a extensão do vocábulo foi relevante para o condicionamento da redução do gerúndio, ou seja, quanto maior o item lexical, maior a possibilidade de apagamento do /d/ na terminação -ndo do gerúndio.

Araújo (2019) estudou o apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema de gerúndio da fala dos moradores de Envira, município do estado do Amazonas, localizado na microrregião do vale do Rio Juruá. Foram selecionados dois pontos de inquéritos com características sociais diferentes, o bairro São Francisco, situado no Centro Sul da cidade e uma comunidade ribeirinha chamada Marajá, situada nas margens do rio Tarauacá, assim, foi escolhido um ponto de inquérito urbano, com poder aquisitivo maior com oportunidades mais privilegiadas com relação a acesso a escola, trabalho, atividades socioculturais e outro ponto de inquérito rural,

mais antigo que o próprio município de Envira, composta por aproximadamente 110 famílias, que contam com uma escola de madeira que atende até o Ensino fundamental.

A pesquisadora observou que em relação ao percentual, os verbos polissílabos se mostraram mais favoráveis ao apagamento. No entanto, ao analisar o peso relativo, a pesquisadora encontrou resultado diferente, o que revela que os verbos dissílabos e trissílabos são mais propensos ao apagamento de /d/ em -ndo. Araújo atribui “essa assimetria entre as ocorrências dos verbos polissílabos e o valor do peso relativo com relação aos dissílabos e trissílabos a uma distribuição irregular dos dados”. (ARAÚJO, 2019, p. 116).

Na pesquisa de Sousa (2009), o apagamento de /d/ em gerúndio foi parcialmente favorecido pela extensão do vocábulo na escrita de crianças do Ensino Fundamental I, de modo que as palavras polissílabas e trissílabas favoreceram esse apagamento.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) também estudaram esse fenômeno, no falar de moradores natos de fortaleza ou pessoas que foram morar na cidade com, no máximo, cinco anos de idade; com pais cearenses, que nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivo e que mantêm residência fixa na capital cearense, no entanto, os resultados não foram considerados estatisticamente significativos.

Dessa forma, buscamos, em nosso trabalho, verificar em que medida a extensão do vocábulo influencia no apagamento da oclusiva dental /d/ em (-ndo). Logo, levantamos a hipótese de que quanto maior o vocábulo, maior a chance de o indivíduo apagar a oclusiva dental /d/ na terminação (-ndo) do gerúndio, conforme atestaram Vieira (2011), Almeida e Oliveira (2017).

## **5.2.2 Contexto fonético-fonológico precedente**

Buscamos investigar a influência do contexto fonético-fonológico anterior no apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, para isso consideramos como contexto fonético-fonológico precedente a sílaba que precede o morfema de gerúndio, ou seja, as vogais temáticas -a, -e, -i.

De acordo com Vieira (2011), os contextos fonético-fonológico precedentes que obtiveram maior probabilidade de apagamento de /d/ em gerúndio foram, em primeiro lugar, a vogal anterior alta /i/, contando com 92%; seguido pela vogal média /e/ e /ɛ/, com 88%; e pela vogal baixa central /a/ com 68%.

No entanto, os estudos de Mollica e Mattos (1989 apud Vieira, (2011), Lucena e Vasconcelos (2007) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), apontaram que a vogal central

/a/ favorece mais o apagamento da oclusiva dental /d/, ao passo que a vogal /i/ é o único contexto inibidor do apagamento com peso relativo de 0,19, em relação a /e/ e /o/, que mesmo com peso relativo próximo ao ponto neutro, são considerados pelos pesquisadores contextos aliados ao apagamento. Desta forma, levantamos a hipótese, de que a vogal temática /a/ é aliada a regra do apagamento de /d/ em gerúndio.

### 5.2.3 Contexto fonético-fonológico seguinte

Buscamos investigar a influência do contexto fonético-fonológico seguinte no apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, para isso consideramos para o contexto fonético-fonológico seguinte a letra inicial da palavra subsequente.

Vieira (2011) observou que em contexto fonético-fonológico seguinte, os fatores que mais favorecem o uso da variante inovadora são os segmentos: bilabial nasal (92%), alveolares (84%), oclusivas bilabiais (83%), oclusivas velares (80%), fricativas labiodentais (82%), oclusiva dental (74%); as vogais: posteriores (88%) e central (80%); e a pausa (82%).

Para Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), os fatores considerados mais relevantes para o uso da variante inovadora são: a consonante africada [dʒ] com peso relativo de 0,87. Além das oclusivas /d, p, k, t/, com peso relativo de 0,80, 0,78, 0,72, 0,62, respectivamente; as nasais /n, m/ (0,67 e 0,60) e a fricativa /s/ (0,60) como fortes aliadas da regra em estudo. O /b/ que apesar de ter peso relativo de 0,53, bem próximo do ponto neutro, também é um segmento que se mostra favorável ao apagamento.

Corroborando os resultados obtidos pelos pesquisadores acima mencionados, Almeida e Oliveira (2017), acreditam que os contextos “seguintes /t/, /d/, /n/ favoreceriam o apagamento do /d/ devido ao compartilhamento de propriedades fonéticas entre o /d/ e tais consoantes (processo chamado de *haplologia*).” (ALMEIDA E OLIVEIRA, 2017, p. 205)

Dessa forma, procuramos verificar qual contexto fonético-fonológico influencia o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio. Nessa variável, foram considerados os seguintes contextos fonético-fonológicos: bilabial nasal /m/, Alveolares /n,r,l/, Oclusiva bilabial /p,b/, Oclusiva velares /k,g/, Fricativas labiodentais /f,v/, Oclusiva dental /t,d/. Para contexto fonético-fonológico seguido de vogais, listamos: vogal anterior alta /i/, vogal média /e/ e /ɛ/, vogal central /a/, vogais posteriores /o, ɔ, u/. Consideramos também o contexto fonético-fonológico seguido de pausa, visto que, Vieira (2011) constatou, em seus estudos que a pausa após o verbo no gerúndio favorece o apagamento de /d/ em (ndo).

Logo, levantamos a hipótese de que, no contexto fonético-fonológico seguinte, as consoantes que mais favorecem o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio são: a bilabial nasal /m/, as alveolares /n,r,l/ e as oclusivas bilabiais /p,b/. Já no contexto fonético-fonológico seguido de vogal, as vogais anteriores alta /i/, as vogais médias /e/ e /ɛ/, irão favorecer o apagamento, assim como a pausa após o verbo, conforme ficou atestado pelos estudos acima mencionados.

### 5.3 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Na Teoria da Variação e Mudança Linguística, os fatores sociais exercem um papel fundamental para os estudos sociolinguísticos, o estudo de Labov (2008), por exemplo, – sobre os ditongos /ay/ e /aw/, realizado na ilha de Martha’s Vineyard, nos Estados Unidos, – evidenciou que a variação está ligada à identidade dos falantes no que diz respeito ao sentimento de pertencimento ao local, aquela cultura, aquele povo.

De acordo com Mollica (2015), “as variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”. Dessa forma, buscamos, em nossa pesquisa, estabelecer a relação entre o sexo/gênero, a escolaridade, a faixa etária e o contexto linguístico que condicionam as variáveis.

Quadro 4 - Fatores Extralinguísticos.	
Fatores extralinguísticos	
Sexo/Gênero	Feminino Masculino
Faixa Etária	25 a 35 anos 36 a 50 anos
Escolaridade	Ensino Médio Ensino Superior

Fonte: elaborado pela autora.

#### 5.3.1 Sexo/gênero

Nos estudos sociolinguísticos labovianos, o sexo é biológico e as construções sociais do gênero não são consideradas. Logo, é importante mencionar que, em nossa pesquisa consideramos a visão tradicional adotada por Labov e outros pesquisadores. Segundo Severo

(2006), algumas considerações compartilhadas pela perspectiva tradicional são de fundamental importância para contextualizar a questão do gênero nos estudos sociolinguísticos.

Alguns estudos sociolinguísticos explicam que as mulheres são mais suscetíveis a usarem a norma padrão por serem mais sensíveis as formas de prestígio. De acordo com Oushiro (2019), há uma interpretação equivocada ao termo *sensitivity*, empregado por Labov (1972) ao se referir ao comportamento sensível das mulheres, uma melhor tradução para esse termo seria “susceptibilidade”, ou seja, “as mulheres não seriam mais “sensíveis”, mas sim mais *sujeitas* a pressões normativas do que homens, por conta dos papéis sociais a elas atribuídos na sociedade e das expectativas sobre seu comportamento” (OUSHIRO, 2019, p. 306), ou seja, as mulheres se adaptam linguisticamente mais do que os homens a uma variada gama de situações, isso porque, são mais conservadoras e inovam menos que os homens; por possuírem consciência da posição social insegura que ocupam; por não sofrerem, em suas redes sociais, as mesmas pressões do que os homens para utilizarem as normas do vernáculo.

Apesar disso, Labov (2001 apud Scherre, 2011) observa que dependendo do tipo de mudança (com consciência social ou sem consciência social)<sup>28</sup> a preferência das mulheres alterna, ou seja, no primeiro tipo de mudança as mulheres usam mais as variantes de prestígio do que os homens, e no segundo tipo de mudança são elas, também, que mais usam as formas inovadoras, assim posto o teórico reconhece o Paradoxo do Gênero, que inicialmente dizia que “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293), contudo, questiona esse duplo comportamento.

Labov (2001) argumenta que em mudanças com consciência social e externas a variedade em uso, as mulheres optam mais pela forma de prestígio do que os homens “apresentando comportamento inovador, mas que está também em conformidade com as normas explicitamente estabelecidas.” (LABOV, 2001, 274 apud SCHERRE, 2011).

Ao passo que em mudanças sem consciência social e internas a variedade em uso “as mulheres usam frequências mais altas de formas inovadoras do que os homens”, apresentando assim comportamento inovador, mas em dissonância (*nonconforming*) com as normas explícitas estabelecidas.”. (SCHERRE apud LABOV, 2001, 292).

Diante disso, o autor considera que os termos “comportamento conservador e comportamento progressivo” seriam melhores definidos como “comportamento conformista ou

---

<sup>28</sup> *Changes from above* ou *changes from below* (Labov, 2001 p. 262; 366)

não conformista”, propondo uma mudança do termo *Paradoxo do Gênero*, terminologia associada ao maior uso de variantes de prestígio (comportamento conservador) ou ao incremento de variantes inovadoras (comportamento progressivo), para *Paradoxo da Conformidade* “melhor estabelecido em termos do contrário da conformidade, o desvio (deviation): mulheres desviam das normas prescritas menos do que os homens, porém desviam mais do que os homens quando os desvios não são prescritos.” (LABOV, 2001, 366-367 apud SCHERRE, 2011).

Em outras palavras, as mulheres se adaptam linguisticamente mais do que os homens a uma variada gama de situações, isso porque, são mais suscetíveis a se adaptarem a variante que ocupa um papel de prestígio, assim, inovam menos que os homens e se optarem por inovar, será para ocupar a posição considerada de importância na sociedade, isso por possuírem consciência da posição social insegura que ocupam; por não sofrerem, em suas redes sociais, as mesmas pressões do que os homens para utilizarem as normas do vernáculo.

Os estudos de Ferreira (2010), Araújo e Aragão (2016), Vieira (2011), Araújo (2019) sobre o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio, corroboram as considerações de que as mulheres optam pela variante conservadora, levando esses estudos em consideração, trabalhamos com a hipótese de que as mulheres optam pela variante conservadora por ser considerada de prestígio.

### 5.3.2 Escolaridade

Labov (2008) observa a relevância da variável nível de escolaridade em relação ao uso das variantes inovadoras, ao concluir, em seu estudo realizado nas lojas de Nova Iorque, que os falantes menos escolarizados utilizavam, com mais frequência, as formas não padrão.

Da mesma forma, alguns estudos, tais como Ferreira (2010) e Araújo e Aragão (2016) reforçam que o falante com maior nível de escolaridade apaga menos a oclusiva dental /d/ em gerúndio.

Araújo e Aragão (2016) inferiram que informantes com menor escolaridade, até o 8º ano do ensino fundamental, favorecem o apagamento de /d/ em gerúndio, com PR de 0,712, ao passo que os que possuem ensino superior completo, favorecem a norma padrão com PR de 0,296.

Na pesquisa de Ferreira (2010), essa variável foi a segunda mais significativa, resultando que o ciclo que mais favoreceu a regra de apagamento foi o 1º ciclo do EF, seguido pelo 2º ciclo do EF, enquanto os fatores Ensino médio e Ensino Superior desfavorecem a

aplicação da regra, desta forma, os resultados indicaram que a regra do apagamento de /d/ em gerúndio é inversamente proporcional ao aumento do nível de escolaridade.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005),

o comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua. [...] a distribuição injusta de bens culturais, principalmente, das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

A escola é direcionada a ensinar a língua da cultura dominante e tudo o que se desvia desse código é errado e deve ser eliminado (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14). Para a pesquisadora que propõe o contínuo oralidade-letramento, no qual encontramos os eventos de comunicação, - ou seja, os eventos “mediados pela língua escrita” denominados de eventos de letramento, e eventos de oralidade, em que não há influência direta da língua escrita, - essa forma de ensino não possibilita um ensino no qual a língua é ensinada por meio de seus usos, mas sim de forma dicotômica no qual a escrita é considerada superior a fala.

Para a pesquisadora, a escola precisa estar preparada para lidar com as habilidades orais adquiridas pelos alunos ao longo de sua vida no meio social que ele vive, de forma que a variedade escolhida por eles não seja estigmatizada.

No entanto, a escola é o lugar onde a norma padrão é priorizada, tendo em vista que a observação diária,

[...] confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança. (VOTRE, 2007, p. 51).

De acordo com Silva e Paiva (1996 apud Araújo e Pereira, 2016), quanto mais inserido no ambiente escolar, mais induzido a escolher a variedade padrão será o indivíduo. Além disso, as autoras afirmam que quanto maior o contato com o ambiente escolar, maior a possibilidade de atribuição de valores negativos e positivos as formas variantes, consequência de avaliações sociais, ou seja, quanto mais estigmatizada forma a variante, maior a carga negativa atribuída a essa variante.

Levamos a hipótese de que o apagamento da oclusiva dental /d/ em (ndo) em gerúndio no falar vilaboense é condicionada pelo fator escolaridade, esperando que se

estabeleça uma relação direta entre o aumento da escolaridade e escolha pela variante conservadora, procuramos, dessa forma verificar nossa hipótese a fim de corroborar ou refutar nossos resultados ao comparar com os estudos mencionados anteriormente.

### 5.3.3 Faixa etária

Conforme apresentamos anteriormente, os informantes foram estratificados em duas faixas etárias distintas, com o objetivo de verificar qual delas mais favorece o apagamento de /d/ em verbos no gerúndio.

Nossos entrevistados pertencem a duas faixas etárias distintas:

- Faixa – 25 a 36 anos;
- Faixa – 36 a 50 anos.

Buscamos em nossa pesquisa, ao relacionar o fator faixa etária com os demais fatores, verificar qual desses intervalos etários mais favorecem o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio.

Os resultados dos estudos de Labov (1972) constataram que os falantes mais velhos, assim como aqueles mais escolarizados, utilizam, com mais frequência, as variantes conservadoras. Da mesma forma, nas leituras que realizamos, os resultados obtidos por Ferreira (2010) e Nascimento *et al* (2013) revelam os mesmos resultados. No entanto, os dados obtidos por Mollica (1989) demonstram que a faixa etária de 16 a 25 anos emprega mais frequentemente a variante conservadora, indo de encontro aos resultados de Labov (1972),

A mesma “anomalia” aparece no processo de assimilação de -ndo a -no, porém de forma menos acentuada. De novo aqui podemos dizer que os falantes entre 7 e 14 anos utilizam mais a forma standard que os mais velhos, superando até aqueles de 50 anos em diante, e os de 15 a 25 anos reafirmam o menor ajuste à norma. (MOLLICA, 1989, p. 518).

Vieira (2011) detectou um resultado inesperado acerca dessa variante, ficou constatado um comportamento semelhante entre jovens e idosos, ambos com (75%) de aplicação da regra de apagamento, indicando a estabilidade da forma no sistema linguístico.

Almeida e Oliveira (2017) comparam seus resultados com os de Ferreira (2010), no entanto, os resultados de seus estudos em Maceió/AL, se mostraram estatisticamente insignificantes para a variável idade podendo sugerir uma variação estável, sem indicação de mudança.

Acerca da verificação da variação ou mudança linguística, Labov (1994) sugere analisar o fenômeno em questão observando as faixas etárias, isso significa que de acordo com a hipótese clássica,

o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. (NARO, 2007, p. 45).

Todavia, Eckert (1997 apud Freitag, 2005), argumenta que a observação de um fenômeno em tempo aparente, somente, não possibilita identificar se trata-se de uma mudança, para Eckert considerar o tempo apenas como idade cronológica dos indivíduos, “pode levar a equívoco entre mudança em tempo aparente de fato e gradação etária” (ECKERT, 1997, apud FREITAG, 2005, p. 111 ), tendo em vista que mudamos no decorrer de nossas vidas, passamos por transformações não somente históricas, mas também individuais, “passamos por mudanças de ordem biológica e social” (ECKERT, 1997, apud FREITAG, 2005, p. 111), mudanças que refletem diretamente na língua<sup>29</sup>.

As mudanças de ordem social, ingresso na vida escolar, acadêmica, mercado de trabalho, torna a faixa etária uma variante mais complexa, que requer um olhar mais atento sobre considerar que um fenômeno está em mudança em função da faixa etária. Assim, é necessário que se estabeleça uma correlação entre as variantes controladas ao descrever um fenômeno.

Tarallo (2007), por sua vez, pontua duas possibilidades acerca dos resultados inferidos na correlação entre condicionadores internos e a variante faixa etária:

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação a idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...] (TARALLO, 2008, p. 65).

Assim, de acordo com Tarallo (2008), quando a ocorrência da variante inovadora é crescente em jovens, existe a possibilidade de uma mudança em progresso. Todavia, essa afirmação não pode ser pautada somente no fator faixa etária.

Além disso, nem toda variação na fala representa mudança linguística em progresso, e sim uma variação estável como é o caso da pronúncia do morfema *-ing* em inglês (ex: *speaking*,

---

<sup>29</sup> É o que Eckert (1997) denomina de curso da vida linguística.

“falando”) que se realiza de duas formas equivalente, a variante velar [ŋ] e a variante dental [n]. Naro (2007) argumenta que essa variação está atestada há vários séculos nas gramáticas da língua inglesa e existe ainda hoje em todos os dialetos do inglês, seja ele da velha Inglaterra, ou países colonizados, como Estados Unidos ou Austrália.

Para essa variável, aventamos a hipótese de ambas as faixas etária aplicam a regra de apagamento da oclusiva dental /d/, indicando uma variação estável assim como os estudos de Vieira (2011) e de Almeida e Oliveira (2017).

#### 5.4 INSPEÇÃO ACÚSTICA DO APAGAMENTO DO /D/ EM MORFEMA DE GERÚNDIO

A inspeção acústica do nosso *corpus* envolveu cinco etapas, desenvolvidas com base em Ferreira (2010) e Cardoso (2020): (i) a transcrição das 459 sentenças para identificar o processo fonológico de redução do morfema de gerúndio, por meio de uma análise perceptivo-auditivo; (ii) o isolamento dos verbos no gerúndio em arquivos individuais, no programa PRAAT; (iii) a extração das medidas acústicas dos segmentos vocálicos e das médias dos parâmetros controlados (closures, *burst*, transição formântica e duração relativa); (iv) elaboração de um quadro comparativo entre a percepção auditiva e o sinal acústico.

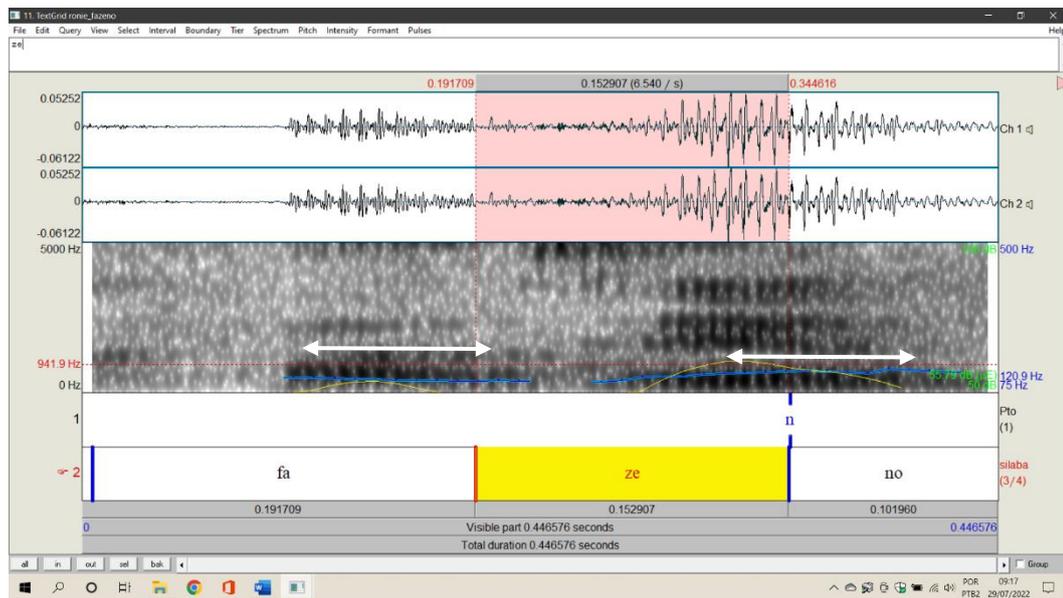
Realizamos a avaliação perceptual do *corpus*, identificando a presença ou o apagamento do /d/ em morfema de gerúndio. Na realização da oitiva, procuramos perceber: a) ausência da oclusiva dental /d/ em (ndo) em verbos de gerúndio: *tava te falano por exemplo*, codificando essa variante com o número “1” e b) presença da oclusiva dental /d/ em (ndo) em verbos de gerúndio: *história e falando e tal*, codificando essa variante com o número “2”.

A verificação acústica se deu conforme as indicações da literatura, ou seja, procuramos verificar closures, *burst* e duração relativa (que são medidas em milissegundos - ms) transição formântica (medida em hertz – Hz) de /d/ na realização dos verbos de gerúndio. A formação dos sons oclusivos depende uma obstrução total do trato vocal (closures), seguida de uma explosão (*burst*), essa explosão se trata de um som de transição para uma vogal (transição dos formantes), que conta com um intervalo acústico determinado por sua duração (duração relativa). Esses parâmetros, segundo Kent e Read (1992) e Russo e Behlau (1993) dão indícios para determinar a presença da oclusiva dental /d/.

Para isso, levamos em consideração os parâmetros estabelecidos por autores que dizem que a realização da oclusiva dental [d] caracteriza-se por apresentar uma closures entre 50-100ms, um *burst* por volta de 4Khz e uma transição de F2 por volta de 1800Hz.

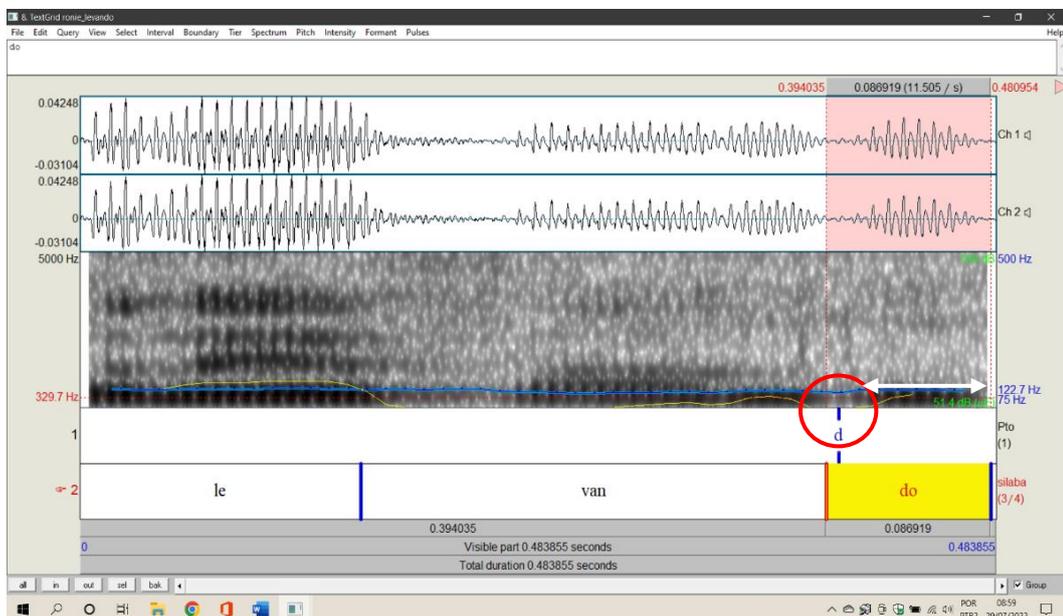
Com isso, em nossa pesquisa, pudemos comparar os dados encontrados na inspeção acústica e os encontrados na inspeção perceptual, para verificar as discordâncias entre o som percebido e o som produzido, conforme se vê divergência ilustrada no espectrograma abaixo, que apresentam a segmentação dos verbos *fazeno* e *levando*, como exemplo do que foi feito com as 459 palavras que foram verificadas no programa PRAAT.

Figura 13 - Espectrograma de fazeno (GOMS45-Roger)



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 14 - Espectrograma de levando (GOMS45-Roger)



Fonte: elaborado pela autora.

Percebemos que, além das medidas dos parâmetros (que tratamos mais adiante), temos indicações no espectrograma, que podemos analisar a partir da inspeção visual, em relação à obstrução do trato vocal (closures) e à soltura do ar (*burst*), pois, conforme Kent e Read (1992 apud Tonocchi, 2012), “o espectrograma é o que permite verificar as características dos sons, e mais permite verificar a dinâmica da fala” (TONOCCHI, 2012, p. 95), assim, é possível verificar que, nas partes mais claras, marcadas com uma seta, a obstrução do trato vocal, seguido da soltura, já nas partes escuras, - sobretudo, a sinalizada com um círculo, - sinaliza a soltura do ar.

Dessa forma, notamos que, na palavra *fazeno*, (figura 13) apesar de haver uma obstrução momentânea do ar no trato vocal, essa obstrução ou closure é caracterizada como baixa, ou seja, podemos afirmar que, nesse caso, houve o apagamento da oclusiva dental /d/, visto que, no espectrograma, podemos acompanhar apenas as características acústicas do segmento nasal /n/, ao contrário do que apresenta a figura 14, pois o espectrograma apresenta o momento da obstrução do ar para formar a oclusiva dental /d/, seguida pela soltura do ar para formar a vogal /o/.

No capítulo 5, realizamos a análise estatística dos dados no R. Para isso, em primeiro lugar analisamos fatores linguísticos, em seguida, os fatores extralinguísticos e por fim, realizamos a análise estatística dos parâmetros acústicos.

## 6 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, pautados nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) apresentamos os resultados obtidos com o auxílio do PRAAT e do R. Nossa intenção é verificar como se comporta o apagamento do /d/ em morfema de gerúndio na fala dos moradores da Cidade de Goiás-GO e, para isso, pautamo-nos nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008).

Verificamos, de modo geral, no *corpus* constituído por 24 entrevistas sociolinguísticas de falantes vilaboenses, um total de 459 ocorrências<sup>30</sup> de verbos no gerúndio. Desta forma, nesse universo, há uma aplicação da regra do apagamento de /d/ no morfema de gerúndio que corresponde a uma frequência de palavras igual a 307, ou seja, 66,9% do total. Inferimos, então, que o apagamento de /d/ em gerúndio é uma forte característica da variedade na comunidade da Cidade de Goiás-GO, conforme podemos verificar no gráfico 1:

Gráficos 1 - Percentual de aplicação e não-aplicação da regra de apagamento de /d/ em morfema de gerúndio.



Fonte: elaborado pela autora.

Pesquisadores que descreveram o apagamento de /d/ em morfema de gerúndio em diversas regiões do país, tais como Ferreira (2010) na cidade de São José do Rio Preto-SP,

<sup>30</sup> Conforme explica Oushiro (2017) os números de ocorrências são chamados de frequência, chamando “a atenção para o fato de que, no uso comum, normalmente se emprega o termo "frequência" para se referir a porcentagens, que são coisas distintas (que veremos logo adiante). O uso técnico e correto do termo "frequência" é este: quantas vezes alguma variante ocorreu.” (OUSHIRO, 2017).

Nascimento *et al.* (2013) na fala popular de Fortaleza – CE, Vieira (2011) no distrito de Taboco-MS; Araújo (2019) na cidade de Envira-AM, entre outros, também constataram a predominância da aplicação da regra do apagamento. Dessa forma, assim como afirmam Ferreira (2010) e Araújo (2019), o fenômeno vem ganhando força nessas regiões estudadas, pois, verificou-se uma alta frequência de aplicação da regra de apagamento de /d/ no morfema de gerúndio, como podemos verificar na tabela 5:

Tabela 5 - Resultado do apagamento de /d/ em morfema de gerúndio em regiões diferentes do Brasil.

Autor	Cidade	Frequência	Apagamento	%
Ferreira (2010)	São José do Rio Preto (SP)	999	716	72
Vieira (2011)	Taboco (MS)	485	386	79,5
Nascimento <i>et al.</i> (2013)	Fortaleza (CE)	477	357	74,8
Araújo (2019)	Envira (AM)	784	484	62
Ferreira (2022)	Cidade de Goiás (GO)	459	307	66,9

Fonte: elaborado pela autora.

A partir de agora, discutimos os resultados obtidos nessa pesquisa separadamente, apresentamos as variáveis apontadas como relevantes pelo programa R para o fenômeno em estudo. Na subseção 6.1 apresentamos a inspeção acústica, na subseção 6.2 apresentamos a análise quantitativa, bem como o tratamento dos dados e na subseção 6.3 apresentaremos a análise qualitativa dos fatores linguísticos e extralinguísticos.

## 6.1 ANÁLISE DA INSPEÇÃO ACÚSTICA

Vale ressaltar que as amostras analisadas nos espectrogramas Figuras 10 e 11, são de um mesmo informante, o que confirma a consideração de Labov (1972) sobre a variação linguística de que não existe falante de estilo único. Apresentamos, a seguir, os parâmetros acústicos da oclusiva dental /d/ do verbo *levando*, ocorrência realizada pelo informante (GOMS45-Roger) e demonstrada no espectrograma da Figura 11.

Quadro 5 - Parâmetros acústicos da oclusiva dental /d/ do verbo levando realizado pelo informante (GOMS45-ROGER).

Levando			
Closura (ms) <sup>31</sup>	<i>Burst</i> (ms)	F1 (Hz) <sup>32</sup>	F2 (Hz)
58	12	500	1226

Fonte: elaborado pela autora.

As medidas apresentadas acima mostram que a oclusiva dental /d/ em *levando*, produzida pelo informante acima mencionado, apresenta uma closura de 58ms e *burst* de 12ms, confirmando, assim, sua ocorrência, tendo em vista que, como foi dito anteriormente, a literatura relata que a oclusiva dental é caracterizada pelos parâmetros acústicos de: closura – bloqueio que tem uma duração variável entre 50-100ms; o *burst* – explosão momentânea de ar entre 5-40ms; a transição formântica – momento da passagem da oclusiva para a vogal por volta de 1800Hz. Na verificação acústica, conforme quadro 6, consideramos AP para *Análise Perceptual* e AA para *Análise Acústica*.

A *Análise Perceptual*, conforme Ferreira (2010), é a análise de oitiva, em que ouvimos a realização do som e analisamos o segmento percebido pelo pesquisador, ao passo que a *Análise Acústica* é uma metodologia instrumental, que visa revelar fatos imperceptíveis ao ouvido humano, ou esclarecer fatos duvidosos. Vale ressaltar que, segundo Silva (2010), a análise acústica não visa assinalar uma “produção correta” dos sons da fala em oposição a uma “produção errada”, mas apontar para o detalhe fonético e para a variabilidade de produção.

Quadro 6 - Comparação entre *Análise Perceptual* e *Análise Acústica*.

N.	Informante	Verbo	<i>Análise perceptiva</i>	<i>Análise acústica</i>
1	Andressa	Gostando	Gostando	Gostano
2		Indo	Indo	Ino
3		Dificultando	Dificultando	Dificultano
4		Estudando	Estudano	Estudando
5	Analice	Ajudando	Ajudando	Ajudano
6		Brigando	Brigando	Brigano
7		Fazendo	Fazendo	Fazeno
8		Trabalhando	Trabalhando	Trabalhano
9		Imaginando	Imaginano	Imaginando
10		Sendo	Sendo	Seno
11		Edmilson	Correndo	Correndo

<sup>31</sup> Milissegundos

<sup>32</sup> Hertz

12	Eliana	Sendo	Sendo	Seno
13	Fabrcio	Desenhando	Desdenhando	Desdenhano
14	João	Combinando	Combinano	Combinando
15		Acontecendo	Aconteceno	Acontecendo
16		Mostrando	Mostrano	Mostrando
17		Retornando	Retornano	Retornando
18		Falando	Falando	Falado
19		Subindo	Subindo	Subino
20	Lúcio	Falando	Falando	Falano
21	Luísia	Olhando	Olhando	Olhano
22		Esfriando	Esfriando	Esfriano
23	Maria	Brincando	Brincando	Brincano
24	Mário	Gostando	Gostano	Gostando
25	Marta	Sofrendo	Sofrendo	Sofreno
26		Falando	Falando	Falano
27	Muriel	Agregando	Agregando	Agregano
28		Acontecendo	Acontecendo	Aconteceno
29	Renato	Tendo	Tendo	Tenho
30	Roger	Piorando	Piorano	Piorando
31		Colocando	Colocano	Colocando
32	Rosineide	Cortando	Cortano	Cortando
Total		32	21/11	

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro 6, apresentamos os resultados da comparação entre a Análise Perceptual e a Análise Acústica para a ausência e a presença de /d/. Das 459 realizações do verbo de gerúndio, encontramos divergência entre as análises perceptual e acústica em 32 (6,97%) dos verbos. A maioria das divergências refere-se à não-aplicação do /d/, assim como em Ferreira (2010), na análise de oitava percebemos a presença da oclusiva dental /d/, no entanto, o que revelou a Análise Acústica foi o apagamento, por exemplo, na Análise Perceptual de “*pra tá ajudando*” a Análise Acústica revelou a variante “*ajudano*”.

Tabela 6 - Frequência de produção de (ndo) ou produção de (no) nas Análises perceptual e acústica.

Gerúndio	Frequência	
	Perceptual	Acústica
Produção de (ndo)	168 (36,6%)	152 (33,11%)
Produção de (no)	291 (63,39%)	307 (66,88%)
Total		459 (100%)

Fonte: elaborado pela autora.

Podemos perceber que a divergência entre a análise perceptual e a análise acústica, em termos quantitativos, não é muito discrepante, no entanto, devemos salientar a importância da análise acústica, visto que, de acordo com Tonocchi (2012), ela revela aspectos imperceptíveis pelo ouvido humano e aponta para o detalhe fonético e para variabilidade de produção.

## 6.2 ANÁLISE DOS FATORES LINGÜÍSTICOS E EXTRALINGÜÍSTICOS

### 6.2.1 Extensão do verbo

O fator linguístico extensão do vocábulo nos possibilita verificar se a quantidade de sílabas do verbo exerce influência sobre a regra de apagamento. Os estudos de Vieira (2011), Almeida e Oliveira (2017) e Santos *et al.* (2020) verificaram que quanto maior a extensão do vocábulo, maior é o apagamento de /d/ em (-ndo). Na opinião desses pesquisadores, o apagamento de /d/ em gerúndio é maior em palavras trissílabas e polissílabas.

No entanto, os dados apresentaram resultados diferentes do esperado, visto que, conforme tabela 7, os verbos DI apresentaram um percentual maior para o apagamento de /d/ em morfema de gerúndio do que os verbos TR e PO.

Tabela 7 - Variável Linguística Extensão do vocábulo. Resultado percentual apresentados pelo R.

	Extensão do vocábulo					
	DI		TR		PO	
-ndo	14	27,5%	79	32%	59	36,6%
-no	37	72,5%	168	68%	102	63,4%

Fonte: elaborado pela autora.

Analisamos a influência da extensão no apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio, buscando comprovar nossa hipótese de que quanto maior o vocábulo, maior a chance de o indivíduo apagar a oclusiva dental /d/ na terminação (-ndo) do gerúndio, conforme atestaram Vieira (2011), Almeida e Oliveira (2017) e Santos *et al.* (2020), no entanto, A referida hipótese foi refutada, pois, o resultado da análise estatística comprovou o contrário.

Tabela 8 - Variável Linguística Extensão do vocábulo. Resultado do PR apresentado pelo R.

Extensão do vocábulo		
	Frequência	Peso relativo
DI	51	0.58
TR	247	0.49
PO	161	0.43

Fonte: elaborado pela autora.

Apesar do peso relativo estar bem próximo do ponto neutro, podemos verificar que o caso de apagamento de /d/ em morfema de gerúndio prevalece nos verbos dissílabos (PR .58), como no exemplo abaixo:

9) onde é pra ser um polo industrial que é na rodovia *inu* pra itaberai *inu* pra Goiânia... (GOF541-Andréia)

No estudo de Araújo (2019), a pesquisadora encontrou uma assimetria nos resultados, na análise geral o percentual apontou como mais produtivo no apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, os verbos polissílabos (66%), no entanto, ao verificar o peso relativo, foi revelado que os verbos dissílabos (PR 0.60) e trissílabos (PR 0.51) favoreciam o apagamento de /d/ em morfema de gerúndio. Segundo Araújo (2019) e Ferreira (2010), essa discrepância pode ser explicada pela pouca ortogonalidade da amostra, ou seja, a ocorrência de verbos dissílabos equivale a 11,11% de todas as realizações.

### 6.2.2 Contexto fonético-fonológico precedente

Procuramos investigar a influência do contexto fonético-fonológico anterior ao morfema de gerúndio, a vogal que precede o morfema -ndo é denominada vogal temática, que são na língua portuguesa /a/, /e/, /i/ como ocorrem em *andando*, *fazendo*, *inindo* encontrados em nosso *corpus*.

Conforme estudos de Mollica e Mattos (1989 apud Vieira, 2011) e Lucena e Vasconcelos (2007) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), a vogal temática /a/ favorece mais o apagamento da oclusiva dental /d/. Diante disso procuramos testar a hipótese de que a vogal central /a/, seguida pelas vogais /e/ e /i/ favorecem o apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio.

Tabela 9 - Variável Linguística contexto fonético-fonológico precedente. resultados apresentados pelo R.

Contexto fonético-fonológico precedente	Frequência	%	PR
Vogal alta anterior /i/	56	64,3	0.52
Vogal média-alta anterior /e/ e /ɛ/	129	62,8	0.42
Vogal baixa central /a/	274	69,3	0.57

Fonte: elaborado pela autora.

Analisando os pesos relativos dessa variável, observa-se que a vogal /a/ (PR 0.57) seguido pela vogal /i/ (PR 0.52), mesmo que bem próximos do ponto neutro, são contextos que favorecem a aplicação da regra de apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, conforme podemos verificar nos exemplos abaixo:

10) ai eu tava começano a me dar mal (GOMS36-João)

11) ta dormino também... (GOFC40-Marta)

Desta forma, pudemos confirmar em partes nossa hipótese, ou seja, assim como os estudos de Mollica e Mattos (1989 apud Vieira, 2011) e Lucena e Vasconcelos (2007) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), a vogal temática /a/ é aliada a regra do apagamento de /d/ em gerúndio, no entanto, a vogal temática que ocupa o segundo lugar como aliada ao apagamento é a vogal alta anterior /i/.

### 6.2.3 Contexto fonético-fonológico seguinte

Conforme Callou (1990 apud Vieira, 2011), o contexto fonético-fonológico seguinte tem se destacado como favorecedor do apagamento de /d/ em gerúndio, assim, procuramos verificar quais consoantes e vogais no contexto fonético-fonológico seguinte, além da pausa, influenciam o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio.

Além dos contextos fonético-fonológicos seguido de consoante (bilabial nasal /m/, alveolares /n,r,l/, oclusiva bilabial /p,b/, oclusiva velares /k,g/, fricativas labiodentais /f,v/, oclusiva dental /t,d/), consideramos também o contexto fonético-fonológico seguido de vogais (vogal anterior alta /i/, vogal média /e/ e /ɛ/, vogal central /a/, vogais posteriores /o, ɔ, u/) e o contexto fonético-fonológico seguido de pausa.

Tabela 10 - Variável linguística contexto fonético-fonológico seguinte.

Contexto fonético-fonológico seguinte	Frequência	%	Peso relativo
Oclusiva bilabial /p//b/	46	76,1	0.64
Oclusiva velares /k//g/	32	62,5	0.46
Oclusiva dental /t//d/	52	73,1	0.58
Nasal bilabial /m/	34	73,5	0.61
Nasal alveolares /n//l//r/	50	74,0	0.68
Fricativas labiodentais /f//v/	8	50,0	0.30
Fricativa dental /s//z/	15	53,3	0.38
Fricativa alveopalatal /ʃ//ʒ/	5	40	0.31
Vogal alta anterior /i/	23	56	0.42
Vogal alta posterior /u/	44	61,4	0.43
Vogal média-alta anterior /e/ e /ɛ/	73	60,3	0.48
Vogal média-alta posterior /o/ e /ɔ/	32	62,5	0.47
Vogal baixa central /a/	21	81	0.72
0 pausa	24	70,8	0.51

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme verificamos nos exemplos abaixo:

- 12) ta *fazeno* psicologia (GOF35-Maria)
- 13) irmão *dançano* Michael (GOMC38-Lúcio)
- 14) coisas que ta *aconteceno* no mundo, né? (GOMC25-Edmilson)
- 15) ele ta *seno* totalmente (GOF35-Analice)
- 16) viaja ele ta *ligano* a gente (GOF35-Analice)

Observando nossos dados, podemos inferir acerca da hipótese de que, no contexto fonético-fonológico seguinte, as consoantes que mais favorecem o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio são: as alveolares /n,r,l/ com percentual de 74% e PR .68, as oclusivas bilabiais /p,b/ com percentual de 76,1% e PR .64 e a bilabial nasal /m/ com percentual de 73,5% e PR de .61, já no contexto fonético-fonológico seguido de vogal, a vogal baixa central /a//a/ com 81% e PR .73, e a pausa após o verbo com percentual de 70,8% e PR de .51, mesmo que bem próximo ao ponto neutro,

Para o contexto fonético-fonológico seguido de vogal, nossa hipótese foi refutada, visto que os dados apontaram que a vogal com maior significância no apagamento de /d/ em morfema de gerúndio foi a vogal baixa central /a/.

Para a hipótese de que a pausa no contexto fonético-fonológico influencia no apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, verificamos que houve um percentual importante 70,8%, no entanto, não tão importante como no estudo de Vieira (2011) tendo em vista que o PR ficou bem próximo do ponto neutro (.51).

O peso relativo dessa variável foi obtido após realizarmos uma segunda rodada, considerando como variável aleatória a sugerida pelo programa (sexo).

Os fatores extralinguísticos em nossa pesquisa mostraram-se bastante relevantes, influenciando no apagamento da oclusiva dental /d/ em morfema de gerúndio no falar vilaboense, assim, é relevante destacar conforme salienta Vieira (2011, p. 13) que “a atuação de fatores sociais em fenômenos de variação e mudança constitui a coluna dorsal da Sociolinguística”, o que é comprovado em nossos estudos.

#### **6.2.4 Variável Sexo/Gênero**

A variável sexo/gênero nos estudos de Ferreira (2010), Araújo e Aragão (2016), Vieira (2011), Araújo, Nascimento e Carvalho (2013), Araújo (2019) aparecem como bastante significativa na explicação do apagamento de /d/ em morfema de gerúndio. Nas pesquisas de Ferreira (2010), Vieira (2011) e Araújo (2019), por exemplo, o sexo/gênero masculino aparece como motivador para o apagamento, no entanto, nos estudos de Araújo, Nascimento e Carvalho (2003) o sexo/gênero feminino é o que favorece a regra do apagamento, indo de encontro com os demais estudos.

Nosso estudo, por sua vez, no tocante ao fator sexo/gênero, mostrou, na primeira rodada de dados,<sup>33</sup> apesar da proximidade com o ponto neutro, os homens tendem mais ao apagamento de /d/ em gerúndio, com peso relativo de 0.51 do que as mulheres, cujo peso relativo é de 0.49. Embora seja o fator menos significativo, ainda indica o que é previsto na maioria dos estudos, conforme podemos observar na tabela 11.

---

<sup>33</sup> Na primeira rodada consideramos como variável aleatória a variável contexto fonético-fonológico seguinte, no entanto, o R considerou a variável sexo como menos significativa motivo pelo qual realizamos uma segunda rodada considerando sexo como variável aleatória.

Tabela 11 - Variável Linguística Sexo/Gênero. Resultados apresentados pelo R.

Sexo/Gênero	Frequência	Aplicação	%	PR
Feminino	225	158	70	0.49
Masculino	234	149	63,7	0.51

Fonte: elaborado pela autora.

Vejamos os exemplos abaixo:

17) uma sombra *passano* uma coisa (GOMS36-João)

18) estamos *passando* por (GOFS42-Rosineide)

E apesar de a diferença entre os resultados ser pequena, ainda assim os homens favorecerem a regra de apagamento, indicando que as mulheres são relativamente mais adeptas a forma padrão, confirmando nossa hipótese, assim como nos estudos de Ferreira (2010), Araújo e Aragão (2016), Vieira (2011), Araújo (2019), em que constatamos que as mulheres favorecem a forma conservadora por ser considerada de prestígio.

Como dito anteriormente, na primeira rodada de dados, consideramos o contexto fonológico seguinte como variável aleatória e, por isso, o modelo não poderia calcular seu peso relativo. Considerando os resultados obtidos, definimos a variável sexo como variável aleatória e calculamos os pesos relativos do contexto seguinte – é preciso salientar que o programa não calcula o peso relativo de variáveis aleatórias.

As duas variáveis que analisamos a seguir foram selecionadas pelo programa como as mais significativas, sendo que a mais significativa dentre as duas foi a variável escolaridade, seguida pela variável faixa etária.

### 6.2.5 Variável Escolaridade

A variável Escolaridade foi selecionada como a mais significativa dentre as variáveis linguísticas e sociais. Labov (2008) elucida sobre a relevância da Escolaridade no favorecimento das variantes inovadoras. Da mesma forma, as pesquisas de Ferreira (2010), Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) e Araújo e Aragão (2016), demonstraram que quanto menos escolarizados maior a chance de apagamento de /d/ em gerúndio.

Conforme se vê na tabela 12, nossos dados confirmam os resultados das pesquisas citadas anteriormente:

Tabela 12 - Variável Linguística Escolaridade. Resultados Apresentados pelo R.

Escolaridade	Total	Aplicação	%	PR
EM	165	152	92,2	0.76
ES	294	155	52,7	0.24

Fonte: elaborado pela autora.

A análise apresentou a escolaridade Ensino Médio, como um fator favorável ao apagamento (PR 0.76), ao contrário da escolaridade Ensino Superior que praticamente inibe o seu emprego (PR 0.24), confirmando que a regra do apagamento de /d/ em gerúndio é inversamente proporcional ao aumento do nível de escolaridade.

Desta forma, podemos confirmar a hipótese levantada de que o apagamento da oclusiva dental /d/ em (ndo) em gerúndio no falar vilaboense é condicionada pelo fator escolaridade, e que há uma relação direta entre o aumento da escolaridade e escolha pela variante conservadora, pois, de acordo com Votre (2007), a escola causa mudanças na fala e na escrita das pessoas, atuando como defensora das formas prestigiadas, além de ser um meio de resistência a mudança.

Conforme explica Ferreira (2010), a justificativa para esse resultado seria que as pessoas com mais anos de escolarização têm um conhecimento maior da gramática normativa e por sua vez dos valores sociais atribuídos as formas oriundas da gramática e que, conseqüentemente, na maioria das vezes, são os indivíduos que possuem maior grau de escolaridade.

### 6.2.6 Variável Faixa Etária

Descrevemos agora os resultados da variável faixa etária, segunda na ordem de seleção do R. Verificando os pesos relativos à faixa etária 25 – 35 anos, constatamos que os mais jovens são mais favoráveis ao apagamento de /d/ em morfema de gerúndio (PR 0.58), seguido pela faixa etária 36 – 50 anos, com peso relativo 0.42, podendo ser considerada menos favorável a regra de apagamento, tendo em vista que o peso relativo está próximo a neutralidade, conforme demonstra tabela 13:

Tabela 13 - Variável Linguística Faixa Etária. Resultados apresentados pelo R.

Faixa Etária	Total	Aplicação	%	PR
25 – 35	135	111	82,3	0.58
36 -50	324	196	60,5	0.42

Fonte: elaborado pela autora.

Os estudos de Almeida e Oliveira (2017) e Ferreira (2010), evidenciam que quanto maior a idade, menor a regra de aplicação do apagamento, o que para eles, pode indicar uma mudança linguística em progresso. No entanto, não devemos observar um fenômeno em tempo aparente, somente, é necessário estabelecer uma correlação entre as variantes controladas ao descrever um fenômeno.

Nossa hipótese de que ambas as faixas etárias aplicam a regra de apagamento da oclusiva dental /d/, indicando uma variação estável assim como os estudos de Vieira (2011) e de Almeida e Oliveira (2017), foi refutada, visto que os dados nos mostraram que a faixa etária de 25 – 35 anos favorece mais a variante inovadora do que a faixa etária de 36 – 50 anos, mesmo que próximo ao ponto neutro.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no resultado da inspeção acústica realizada nos verbos de gerúndio, a fim de comparar a análise perceptual e a análise acústica, pudemos observar uma diferença entre a percepção e a produção, tendo em vista que a os valores dos parâmetros analisados, *burst*, *closure* e duração relativa apresentam frequências diferentes das postuladas pela literatura para a produção de /d/, o que indica uma perda de qualidade dessa consoante, resultando na não percepção do segmento no contexto de fala.

À luz dos resultados obtidos pelo tratamento realizado no Ambiente *R*, pudemos verificar que o apagamento de /d/ em gerúndio (a forma inovadora) é a mais utilizada no falar vilaboense, visto que, apresenta um percentual de 66,9% de uso, assim como foi verificado nos estudos de Ferreira (2010) estudo realizado na cidade de São José do Rio Preto (SP), de Nascimento *et al.* (2013) pesquisa realizada na fala popular de Fortaleza (CE), de Vieira (2011) que estudou o apagamento de /d/ em -ndo no distrito de Taboco (MS); de Araújo (2019) que estudou a variável na cidade de Envira (AM), entre outros, que constataram a predominância da aplicação da regra do apagamento.

Verificando os resultados apresentados pelo *R*, das seis variáveis controladas, o programa selecionou três delas como mais relevantes para aplicação da regra variável. Dessa forma, pudemos elencá-las em ordem de relevância: vogal baixa central /a/ > escolaridade > faixa etária. O programa excluiu as demais variáveis, pois elas não explicam a variação observada nos dados – comprovado pelos pesos relativos apresentados pelo programa. No entanto, assim mesmo, discutimos cada uma dessas variáveis, apresentando as taxas de aplicação e as frequências de uso.

Para a variável extensão do vocábulo levantamos a hipótese de que quanto maior o vocábulo, maior a chance de o indivíduo apagar a oclusiva dental /d/ na terminação (-ndo) do gerúndio, tivemos nossa hipótese refutada, visto que os dados mostraram que os verbos dissílabos (PR 0.58) favorecem mais o apagamento de /d/ em morfema de gerúndio do que os verbos polissílabos com PR de .43.

Para investigar o contexto fonético-fonológico precedente, levantamos a hipótese que a vogal central /a/, seguidas pelas vogais /e/ e /o/ favorecem o apagamento da oclusiva dental /d/ em gerúndio, que foi em partes confirmada, pois os pesos relativos dessa variável, mostraram que a vogal /a/ (PR 0.57) seguido pela vogal /i/ (PR 0.52), mesmo que bem próximos do ponto neutro, são contextos que favorecem a aplicação da regra de apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, ou seja, a vogal temática /a/ é aliada a regra do apagamento de /d/ em gerúndio, no

entanto, a vogal temática que ocupa o segundo lugar como alisada ao apagamento é a vogal alta anterior /i/.

Em relação ao contexto fonético-fonológico seguinte, tivemos nossa hipótese refutada, pois, nossos dados mostraram que as consoantes que mais favorecem o apagamento de /d/ em verbos de gerúndio são: as alveolares /n,r,l/, as oclusivas bilabiais /p,b/ e a bilabial nasal /m/, já no contexto fonético-fonológico seguido de vogal, a vogal baixa central /a/, assim como a pausa após o verbo, mesmo que bem próximo ao ponto neutro,

Ao verificar as variáveis extralinguísticas, constatamos que os homens tendem mais ao apagamento de /d/ em gerúndio, do que as mulheres, confirmando nossa hipótese.

Por fim, constatamos que os fatores extralinguísticos são mais decisivos que os fatores linguísticos, visto que os informantes com Ensino Médio apresentam maior aplicação da regra de apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, confirmando a hipótese de que o apagamento da oclusiva dental /d/ em (ndo) em gerúndio no falar vilaboense é condicionada pelo fator escolaridade, e que há uma relação direta entre o aumento da escolaridade e escolha pela variante conservadora.

A faixa etária evidenciou que quanto maior a idade, menor a regra de aplicação do apagamento, refutando nossa hipótese de ambas as faixas etária aplicam a regra de apagamento da oclusiva dental /d/, indicando uma variação estável.

Para nosso questionamento *quais são os padrões sociolinguísticos do fenômeno estudado na fala vilaboense?* podemos aventar que o apagamento da oclusiva dental /d/ em morfema de gerúndio sofre grande pressão da variável escolaridade *ensino médio* e da faixa etária *36 - 50 anos*, assim como da variável sexo/gênero masculino, quanto as variáveis linguísticas, apesar de não serem muito significativas, as que mais exercem pressão para aplicação de regra de apagamento são os verbos dissílabos seguidos pelos trissílabos; no contexto fonético-fonológico anterior, as vogais /a/ e /e/; e no contexto fonético-fonológico posterior são a bilabial nasal /m/, as alveolares /n,r,l/ e as oclusivas bilabiais /p,b/ e as vogais anteriores alta /i/, vogais médias /e/ e /ɛ/, além da pausa após o verbo.

Para o questionamento *A variável seria mais bem descrita à luz do aporte teórico da Fonologia ou da Morfofonologia?* podemos considerar que o aporte teórico morfofonologia é o que melhor descreve o apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, visto que, de acordo com Hymes (2009) observar as mudanças no som que acontecem nos morfemas, busca descrever as regras ou restrições formais que impulsionam a implementação um do outro, resultando em diferentes variantes do mesmo morfema como em *falando > falano, comendo > comeno*. Dessa

forma, acreditamos que nosso estudo tem aporte teórico da Morfofonologia visto que a, partir de um processo fonológico, – a assimilação, resulta a modificação de um morfema.

Esperamos poder contribuir com os estudos variacionistas acerca do apagamento de /d/ em verbos de gerúndio na fala goiana, inserindo Goiás no mapa das pesquisas relacionadas a essa variável. Devemos ressaltar que apresentamos aqui uma prévia dos resultados, esperamos poder verificar mais uma vez os dados, além de realizar o cruzamento de algumas variáveis.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. N. S. de, OLIVEIRA, A. J. de. (2017). **Você fala cantano? Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL**. *Letrônica*, 10(1), 200-209. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.25059>
- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. 4ª ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1920
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].
- ARAGÃO, M do S.; MENEZES, C B de. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB, 1984.
- ARAÚJO, A. A.; ARAGÃO, M. S. S. **Uma fotografia sociolinguística da redução de gerúndio com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil**. *Revista (Con)Textos Linguísticos (UFES)*, v. 10, p. 08-23, 2016 a.
- ARAÚJO, A. A. S., PEREIRA, M. L. **Considerações acerca da variável escolaridade e sua influência sobre a variação entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no português brasileiro**. Vitória (ES), *PERcursos Linguísticos* v. 6, n. 12, 2016, ISSN: 2236-2592
- ARAÚJO, R. C. de. **Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense**. 2019.143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BERNARDES, P. M.; VIEIRA, M. S. **Variação de segunda pessoa do singular na Cidade de Goiás**. *Web revista Sociodialeto*, [S.l.], v. 10, n. 30.
- BLOOMFIELD, L. [1926]. Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem, In: DASCAL, M (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Campinas: UNICAMP, 1978.
- BORGES, F. C. S. F. Cidade de Goiás: o uso do patrimônio histórico como recurso turístico. *Semintur. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Saberes e fazeres no turismo: Interfaces*. Universidade Caxias do Sul. 2010 Disponível em [https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_6/arquivos/02/Cidade%20de%20goias%20o%20uso%20do%20patrimonio%20historico.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/02/Cidade%20de%20goias%20o%20uso%20do%20patrimonio%20historico.pdf) Acesso em 28/11/2022
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CABRAL, M. S. **Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística**, *uox*, n. 02, 2014/1. Universidade Federal de Santa Catarina. 2014

- CAMARA JR. J. M. **História da linguística: Edição revista e comentada**. 1 ed. Ver.; tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Revisão e comentários de Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero – Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. – (Coleção de Linguística)
- CAMPOS, O G. L. A. de So. **O gerúndio no português: estudo histórico-descritivo**. Tese de Doutorado apresentada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Araraquara. p. 383-402, ALFA 18/19, 1972.
- CARDOSO. B.C.S. **A variação prosódica dialetal do português falado em São Luís do Maranhão**. Tese de doutorado apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Belém-PA. 2020.
- CHAIM, M. M. **Aldeamentos Indígenas** (Goiás 1749-1811). Segunda edição. São Paulo: Nobel, 1983. p. 48
- COAN, M., FREITAG. **Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino**. Domínios da linguagem, vol. 4, nº 2 – 2º Semestre 2010 – ISSN 1980-5799.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CRISTÓFARO SILVA, T. Fonologia: **Por uma análise integrada entre a morfologia e à sintaxe**. Viva Voz, Belo Horizonte, v. 2, p. 61-70, 1996.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DALPIAN, L. e MÉA, C. H. P D. **Processos Assimilatórios da Língua Portuguesa**. Jan./Jun. 2002 p. 197-211 Disponível em <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/viewFile/481/469>  
Acesso 30/12/2021
- FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 27-51
- FERREIRA, J. S. **O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto**. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2010.
- FREITAG, R. M. Ko.; SANTANA, C. C. ; ANDRADE, T. R. C.; SOUSA, V. S. "Avaliação e Variação Linguística: Estereótipos, Marcadores E Indicadores Em Uma Comunidade Escolar", P. 139 -160. In: **Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos**. São Paulo: Blucher, 2016.  
ISBN: 9788580391466, DOI 10.5151/9788580391466-07
- FREITAG, R M Ko. Idade: Uma Variável Sociolinguística Complexa. **Línguas e Letras**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 105–121, 2005. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875>. Acesso em: 3 nov. 2022.

FREITAG, R. M. K., Cardoso, P. B., & Pinheiro, B. F. M. (2018). **Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos.** *Gragoatá*, 23(46), 654-678. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v23i46.33594>

GAY, T. **Effects of filtering and vowel environment on consonant perception.** *J. Acoustic Soc. Am.* 48, 1970, p. 993-998. Disponível em: <<http://www.haskins.yale.edu/Reprints/HL0098.pdf>>. Acesso em: 09 de dez. 2022.

GONÇALVES, S M G. **Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas:** um estudo de geolinguística. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Amazonas, 2015.

GORSKI SEVERO, C. **O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança.** Curitiba: Revista de Letras. n. 8. 2006. Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2229/0>. Acesso em 03 de novembro de 2022

GUY, G. **As comunidades de fala:** fronteiras internas e externas. Abralín, 2001. Disponível em [http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais\\_con2int\\_conf02.pdf](http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf).

GUY, G; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa:** instrumental da análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HAYES, B. "Morphophonemic Analysis". **Introductory Phonology**, pp. 161-185. Blackwell, 2009.

HORA, D., AQUINO, M. F. **Da fala para a leitura:** análise variacionista. Alfa: Revista de Linguística, v. 56. N. 3. P. 1099-1115, 2012.

HOUSER, A. S. **Analog studies of nasal consonants.** *J. Speech Hear. Disorders* 22, p. 190-204, jun. 1957. Disponível em: <[jshd.asha.org/cgi/reprint/22/2/190.pdf](http://jshd.asha.org/cgi/reprint/22/2/190.pdf)>. Acesso em: 09/12/2022

HYMES, D. (Ed.). **Directions in sociolinguistics:** the ethnography of communication. Oxford: Blackwell, 1972. p. 35-71.

KENT, R. D.; READ, C. **The Acoustic Analysis of Speech.** California: Singular Publishing Group Inc, 1992.

KONZEN, E. THEY, Ng. H. RITTER, M. N. **Introdução ao software estatístico R.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs Campus Litoral Norte Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos – CECLIMAR. Imbé, RS. Julho de 2019. Disponível em [https://professor.ufrgs.br/sites/default/files/matiasritter/files/apostila\\_introducao\\_ao\\_r\\_-\\_ritter\\_they\\_and\\_konzen.pdf](https://professor.ufrgs.br/sites/default/files/matiasritter/files/apostila_introducao_ao_r_-_ritter_they_and_konzen.pdf) Acesso em 10 de junho de 2022

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns.** 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Vol. I. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, W. **How I got into linguistics, and what I got out of it**. University of Pennsylvania. 1997.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, E R. **Guia afetivo da Cidade de Goiás** / Elder Rocha Lima. Brasília, DF: IPHAN / 14ª Superintendência Regional, 2008.

LUCENA, R. M.; VASCONCELOS, D. C. **Apagamento da oclusiva dental no dialeto do brejo paraibano: uma regra variável**. A Cor das Letras, Feira de Santana, v. 8, n. 1, p. 231-239, mar./2007.

LUCCHESI, D. Universidade Federal da Bahia/CNPq. **Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro**. Revista da ABRALIN, dez. 2006, p. 83-112, v. 5, n. 1 e 2.

MARRROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. v. XXV, série VI. 1934

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

MARTINS, I. da S.; BUENO, E. S. da S. **Estudo do gerúndio – a transformação de [no] em [n] no português falado na região de fronteira**. Sociodialeto, v.1, n.4, jul. 2011. Disponível em <https://docplayer.com.br/8814443-Estudo-do-gerundio-a-transformacao-de-nd-em-n-no-portugues-falado-na-regiao-de-fronteira-1.html>. Acesso em 20 de junho de 2022.

MELO, G. C. de. (1946). **A língua do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MENDES, R. B. e OUSHIRO, L. **O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro**. Alfa, São Paulo, v. 56, n. 3 p. 963-991, 2012.

MENEZES, V. S. **A negação como variável sociolinguística na Cidade de Goiás-Go**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Linguística. Universidade Estadual de Goiás. 2021.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. Routledge, 2006.

MIRANDA, R. **Goiandira do Couto, a dama de areia**. Revista Nós, Cultura, Estética e Linguagens. v.03 n.02 – agosto / 2018.

MOLLICA, M. C; MATTOS, P. B. de; GODINHO, S. M. F. **Um padrão etário recorrente em fenômenos de variação fonológica**. Estudos Linguísticos. São Paulo, v. 17. p.513-520. 1989. Disponível em:

[http://www.gel.hospedagemdesites.ws/arquivo/anais/1306156869\\_59.mollica\\_etal.pdf](http://www.gel.hospedagemdesites.ws/arquivo/anais/1306156869_59.mollica_etal.pdf) Acesso em: 17 de julho de 2022.

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: M. Mollica, M. L. Braga(org.). **Introdução à Sociolinguística**. Rio de Janeiro, Contexto, 2007, p.43-50.

NASCIMENTO, K. R. S.; ARAÚJO, A. A.; CARVALHO, W. J. A. **A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza**: um olhar variacionista. VEREDAS ON-LINE – ATEMÁTICA – 2013/2 - P. 398-413 – PPG-LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN: 1982-2243

OHALA, J. J. The contribution of acoustic phonetics to phonology. In: B. Lindblom & S. -hman (eds.), **Frontiers of speech communication research**. London: Academic Press. 355 – 363, 1979.

OLIVEIRA, C. F. **A cidade de goiás como patrimônio cultural da humanidade: entre velhos e novos conceitos**. Encontro Internacional Arquimemória: Sobre preservação do patrimônio edificado. Salvador – Bahia, 14 -17 de maio de 2013. Disponível em [https://www.academia.edu/36762276/a\\_cidade\\_de\\_goi%C3%81s\\_como\\_patrim%C3%94nio\\_cultural\\_da\\_humanidade\\_entre\\_velhos\\_e\\_novos\\_conceitos\\_eixo\\_tem%C3%81tico\\_5\\_novos\\_conceitos\\_e\\_novos\\_patrim%C3%94nios](https://www.academia.edu/36762276/a_cidade_de_goi%C3%81s_como_patrim%C3%94nio_cultural_da_humanidade_entre_velhos_e_novos_conceitos_eixo_tem%C3%81tico_5_novos_conceitos_e_novos_patrim%C3%94nios) Acesso em: 10 de julho de 2022

OLIVEIRA, H. H. G. S., PORTELA, A. C. T., VIOLA, D. N. **Utilização do software R como ferramenta para ensino aprendizagem de análise combinatória**. III Seminário internacional de estatística com R. R for Science Integration Challenge. Niterói RJ Brasil 22,23 e 24 de maio de 2018.

OUSHIRO, L. **Contato dialetal e identidade(s)**. Trabalho apresentado no 67o. Seminário do GEL, 2019. Disponível em [<https://www.letraria.net/67-seminario-do-gel/>]. Último acesso em 13 set. 2019.

RITTER, M. do N. THEY, Ng Haig. KONZEN, E. **Introdução ao software R**. Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos – CECLIMAR. Imbé, RS - 2019.

ROMAINE, S. **Language and Society: An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press. Russo e Behlau 1994

SANTOS, M. dos. OLIVEIRA, J. M. de. GAYER, J. L. **Realizacao variavel do gerundio na fala de Feira de Santana-Ba**: resultados preliminares. Estudos linguísticos e literários. Nº 67. Jul-dez 2020. Salvador-BA pp. 297-319. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/39036> Acesso dia 17/12/2022.

SCHWINDT, L. 2021. Morfofonologia. In: **Verbetes LBASS**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/lbass/>.

- SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. **A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco.** Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 10, n. 3, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1088>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- SEVERO, C. G. **A comunidade de fala na sociolinguística laboviana:** algumas reflexões. Revista Voz das Letras, n. 9, p. 1-17, 2008.
- SILVA, A. H. P. **O Estatuto da análise acústica nos estudos fônicos.** Cadernos de Letras da UFF, Niterói, n. 41, p. 213-229, 2010.
- SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialetológicos.** Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957[1955].
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** 7ª ed., 4ª impressão: São Paulo: Editora Ática, 2002.
- TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- TEIXEIRA, J. A. **O falar mineiro.** Sep. Revista do Arquivo Municipal. v. 45. São Paulo, 1938. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=143537&pagfis=739> Acesso em 17/12/2022.
- TONOCCHI, R. **Entre o patológico e o não patológico:** o que a análise acústica revela sobre dados de fala na fissura palatina, 2012. Tese, Curitiba, UFP
- VANIN, A A. **Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’.** Acta Scientiarum, Language and Culture. Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009. Disponível em [file:///C:/Users/Jannaina%20Soares/Downloads/6367-Texto%20do%20artigo-28819-1-10-20091006%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Jannaina%20Soares/Downloads/6367-Texto%20do%20artigo-28819-1-10-20091006%20(3).pdf) Acesso dia 25/10/2022.
- VIEIRA, M. S. **Apagamento de /d/:** abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. *Web-Revista Sociodialecto*, v.1, n. 4, jul. 2011.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2006
- WINITZ, H. et al. (1972). **Identification of stops and vowels for the burst portion of /p,t,k/ isolated from conversational speech.** *J. Acoust. Soc. Am.* 51, p. 309-1317, 1972. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1121/1.1912976>>. Acesso em: 09/12/2022.